



MARPHYSA

(Ou o cotidiano de Cuiabá nos tempos
do Candimba, das touradas do Campo
D'Ourique e das esmolas do Senhor Divino)

Dunga Rodrigues

Senado Federal





**Maria Benedita Deschamps Rodrigues
(Dunga Rodrigues)**



MARPHYSA



**(Ou o cotidiano de Cuiabá nos tempos do
Candimba, das touradas do Campo D'Ourique
e das esmolas do Senhor Divino)**

Brasília, 2022

SENADO FEDERAL



Copyright © 2022 Senado Federal.

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, sejam quais forem os meios empregados, sem a permissão, por escrito, da Editora.

Impresso no Brasil | *Printed in Brazil*

Capa, projeto gráfico e diagramação: Eduardo Franco

Revisão e notas: Mariana Sanmartin de Mello

Ilustração da capa: © standa_art – stock.adobe.com

Rodrigues, Dunga.

Marphysa, (ou, o cotidiano de Cuiabá nos tempos do Cantimba, das touradas do Campo D'Ourique e das esmolos do Senhor Divino) / Maria Benedita Deschamp Rodrigues (Dunga Rodrigues). — Brasília : Senado Federal, 2022.

202 p.

ISBN 978-65-5676-180-0

1. Crônica, Brasil. 2. Literatura, Brasil. I. Título.

CDD B869.8

Ficha catalográfica elaborada por Claudia Coimbra Diniz CRB1-1179

Senado Federal

Praça dos Três Poderes

Brasília – DF

CEP 70165-900

<http://livraria.senado.leg.br>



SENADO FEDERAL

Mesa

Biênio 2021–2022

Senador Rodrigo Pacheco

Presidente

Senador Veneziano Vital do Rêgo

1º Vice-Presidente

Senador Romário

2º Vice-Presidente

Senador Irajá

1º Secretário

Senador Elmano Férrer

2º Secretário

Senador Rogério Carvalho

3º Secretário

Senador Weverton Rocha

4º Secretário

Senador Jorginho Mello

1º Suplente

Senador Luiz do Carmo

2º Suplente

Senadora Eliziane Gama

3º Suplente

Senador Zequinha Marinho

4º Suplente

Ilana Trombka

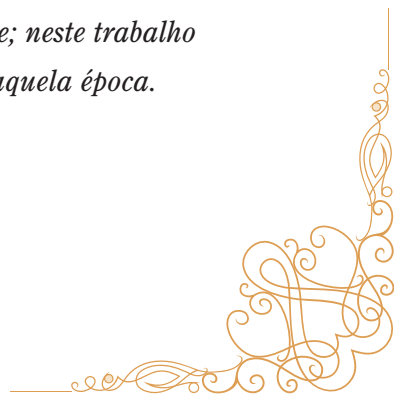
Diretora-Geral

Gustavo A. Sabóia Vieira

Secretário-Geral da Mesa



À minha tia Maria Julieta Bueno Deschamps, em memória, que insistentemente pedia-me que tentasse escrever sobre o que via e ouvia nesta cidade; neste trabalho inseri, pois, algumas cenas tomadas naquela época.



SUMÁRIO

Notas sobre esta edição	12
Prefácio — No pouso dos buritis	13
<i>Prof.^a Dra. Walnice Vilalva</i>	
Prefácio — A missão civilizadora de Dunga Rodrigues... ..	15
<i>Eduardo Mahon</i>	
Oferecimento	22
<i>Requiescat in pace</i>	29
Tipos de velório	35
Nascimento	39
Batizado	44
O Coronel Gusmão	49
O mascate	54
Infância de Physinha	57
As primeiras letras	61
A torre de São Gonçalo	65
A baía de Nápolis	73
O naufrágio	77



A escola modelo	84
A festa da Guia.....	88
O casamento	95
O quase	103
O cavalheiro de indústria	109
Um capítulo avulso.....	115
De como se nos separaram outros tantos Theobaldos	119
Desagradável, porém necessário.....	123
Um capítulo obscuro.....	133
A prole.....	140
Ainda os filhos varões.....	145
Nhonhô-pelica	154
Manuel Aniceto de Campos Morales de Gusmão	160
Um caso político.....	170
Comadres.....	178
<i>Menage à deux</i>	184
Um novo advento	186
O segundo casamento	192
Mudança	195
A volta.....	198







NOTAS SOBRE ESTA EDIÇÃO

A ortografia foi atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

A pontuação ficou, em grande parte, de acordo com a edição de 1981. Foram feitos alguns ajustes visando à adequação a normas editoriais.

Foram mantidas, no texto, as expressões populares e as formas contraídas (por exemplo, “pra”), a fim de preservar a forte marca de oralidade nele contida.

As palavras estrangeiras tiveram sua definição explicitada em notas de rodapé.

Os nomes próprios foram grafados como aparecem na edição de 1981.

Há pequena biografia, em notas de rodapé, de alguns personagens históricos.

Foram incorporadas no texto final as correções, feitas pela autora, contidas em errata publicada na edição de 1981.



PREFÁCIO

No pouso dos buritis

Desertão de sertão... de Ser-tão. Caminhar por estas narrativas é como que madrugar no sertão, os olhos enchem-se diante da vastidão verdejante da experiência. Na esteira da vida sertaneja, as narrativas seguem rumos muito além do poente, do rio Paraguai, da serra da Chapada, e a experiência do sertanejo, assim como o rio que escorre entre buritizais, segue rumo ao sol. Na miudeza do cotidiano contrasta-se a vastidão do mundo, a exuberância de um sertão feito de chapada, morro, várzea, ranchos e redes.

Não é a narrativa da viagem, mas é a da errância, por trabalho provisório e por amor impossível. São, pois, narrativas costuradas pela memória, num esforço em evitar o esquecimento de um tempo, de uma certa forma de viver. São igualmente nostálgicas. São narrativas da dor não apenas por imprimir o passado, mas por encadear nele, e a partir dele, um lugar da promessa, da espera, do desejo. Há um sentimento de pura raiz

poética, intuitiva do mundo, da vida e dos seus valores. Em cada pormenor (do personagem, do conjunto da experiência) aloja-se um sentido pleno da vida.

Prof.^a Dra. Walnice Vilalva

Doutora em Teoria e História Literária pela Unicamp

Pós-doutorado pela Universidade de São Paulo

Professora adjunta da Universidade do Estado de Mato Grosso

Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários

Coordenadora do Grupo de Estudos Wladimir Dias-Pino





PREFÁCIO

A missão civilizadora de Dunga Rodrigues

“Cada sapo gaba a sua lagoa”, foi assim que Dunga Rodrigues iniciou sua oração às alunas do conservatório musical. Se arriscássemos resumir a geração literária da autora, nenhuma outra frase seria mais adequada. Maria Benedita Deschamps Rodrigues inventou-se como “Dunga”, isto é, uma personagem que encarnava a estirpe da cuiabania de quatro costados. O sentimento regionalista, infundido nos contemporâneos pelo arcebispo-poeta D. Aquino, continuou ecoando no imaginário da intelectualidade mato-grossense, reciclando-se ao longo do tempo em estilos diversos, mas conservando a temática autorreferente.

A epígrafe usada por Dunga é paradigmática. Porque os sapos vivem no brejo. E o brejo, no caso, é Mato Grosso. A sensação de isolamento, esquecimento e atraso é a tônica colonial que se perpetuou nos relatos históricos de vários viajantes que registraram um território inculto e belo. Com muita

competência, a escritora captou a imagem alagadiça que não apenas remete às águas que formam os charcos pantaneiros, como também reforçou o imaginário de atolamento cultural no qual vivia o Estado, abandonado à própria sorte pelo litoral moderno e civilizado. Pelo menos foi esse o conceito constituído pela trinca Aquino-Mesquita-Virgílio, fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Mato-Grossense de Letras.

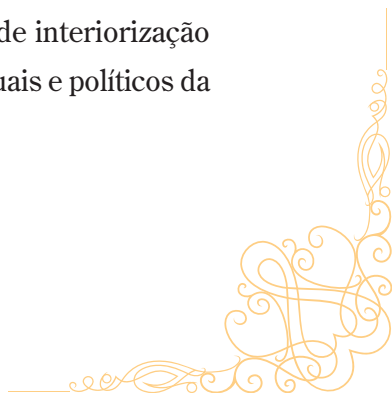
Dunga cumpria o “programa” literário proposto por D. Aquino: manter o conservadorismo estético e fomentar a mensagem do progresso material. A “missão civilizadora” citada pela autora é um eco da primeira geração de escritores que abandonou as imagens de um Parnaso estrangeiro dos poetas que publicavam nos periódicos da época para se entranhar das cores, cheiros e sabores mato-grossenses. Tratava-se de uma estratégia de “integração” por meio da contribuição imagética à brasilidade que se buscava desde os primeiros românticos brasileiros. Não é por outra razão que, num dos muitos exercícios memorialistas, a autora registra em tom confessional:

Muito cedo conheci as poesias de Olavo Bilac. Nelas escutei todo o amor pátrio que em mim floresceu e criou raízes profundas, agarrativas e inalteráveis ao decorrer da vida.

No caso de Mato Grosso, em que pese as reiteradas referências à bravura dos povos indígenas aniquilados pelo processo de interiorização colonial, foi o bandeirante paulista quem inspirou uma lendária origem racial da “cuiabania”. Dunga representava essa tradição, uma tradição inventada pela intelectualidade nordestina que lutava por fixar em Cuiabá o centro cultural, político e econômico do Estado, a despeito do crescimento acelerado das cidades sulistas. Confrontada com a chegada dos trilhos até Campo Grande, alçada a capital do novo Estado desmembrado, os contemporâneos de Dunga arrogaram-se ferrenhamente na defesa da ameaçada nobiliarquia cuiabana.

Fosse pela fluência no francês, fosse pela destreza no piano, o memorialismo engajado da autora configurou-se não mais que uma extensão ideológica do movimento que começara no primeiro quarto do século XX. De Dunga emanavam muitas mensagens ambivalentes: para os de dentro, lamentava o barbarismo cultural contra o qual lutava, exortando o povo ao refinamento civilizatório; para os de fora, recomendava moderação na chegada por meio de uma integração subordinada às tradições locais. Quem se adaptava era aceito na tribo. Os recalcitrantes eram hostilizados com as tiradas pernósticas da engenhosidade cuiabana.

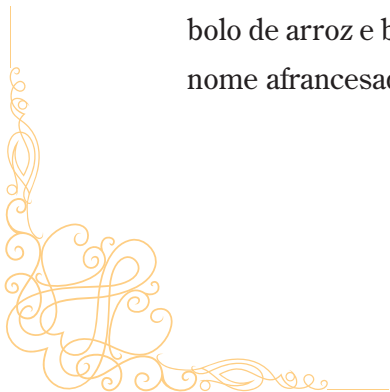
Ainda que apoiassem a política getulista de interiorização brasileira, o ressentimento marcou os intelectuais e políticos da



geração de Dunga. Do baú dos neologismos locais, sacaram o “pau-rodado” com o qual alcunhavam o migrante, tomado como invasor. Não por outra razão, a crônica memorialista constituiu o estilo predominante da prosa cuiabana, preocupada com narrativas ensimesmadas. Contar “causos” e render homenagens às figuras marcantes da cuiabania era fundamental para contrabalancear a decadência nortista. Na medida em que se comemorava o progresso da Marcha para o Oeste, lamentava-se o idílio de um passado provinciano.

Na verdade, era essa a reação intelectual pautada numa ideologia conservadora que não logrou se reinventar no tempo. Contudo, não deixava de ser a exortação às “coisas de antanho” e aos “varões cuiabanos” uma espécie de senha para abrir as portas das instituições culturais de maior prestígio que legitimavam, timbravam e imortalizavam os intelectuais que seguissem a catecismo da cuiabanidade.

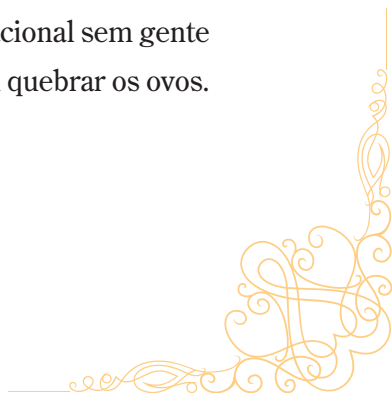
Essas imagens paradoxais emitidas por Dunga são dignas de estudo. Uma mulher que defendia a emancipação feminina, mas que destacava, entre os múltiplos trabalhos do Grêmio Júlia Lopes, a escola de prendas domésticas. Uma refinada intelectual que professava o piano clássico, mas que publicava receitas de bolo de arroz e biscoitos de polvilho. Uma professora de sobrenome afrancesado, mas que incorporou o apelido regionalista,



cuiabanizando-se de corpo e alma. Pode-se dizer que Dunga, a seu modo, espelhou-se em Leverger, o paradigma civilizatório que inspirou a elite cuiabana da geração de Aquino.

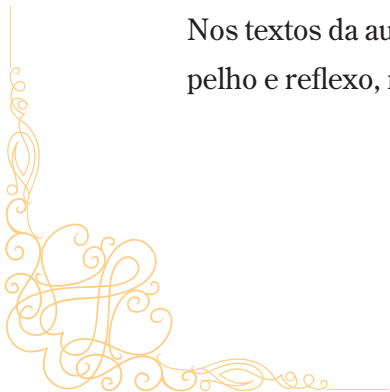
Marphysa, por exemplo, uma obra de referência em meio a tão raros romances escritos em Mato Grosso durante a terça parte do século XX, é a história de uma donzela de tradicional família cuiabana enganada por um forasteiro golpista. Noutras palavras, o enredo reflete a trajetória de uma região deflorada pela ambição do pau-rodado, elemento estranho às tradições cuiabanas que quer roubar da terra as riquezas para evadir-se em seguida. A escritora vivia em meio a desejos conflitantes de progresso e tradição, de desenvolvimento e conservação, de modernidade e passadismo.

Nesse difícil equilíbrio, Dunga trabalhou intensamente por um futuro impossível. É como se desejasse que o Estado crescesse loteado em pequenos quintais, onde o povo desfrutasse de mangas e cajus enquanto trafegava pelas avenidas. É como se quisesse uma cidade urbanizada por ribeirinhos que tomavam a fresca do fim de tarde nas cadeiras de balanço em frente às casas de adobe. A modernidade da geração de Dunga Rodrigues era conjugada no condicional: progresso sem mudança; modernidade sem tecnologia e, se possível, integração nacional sem gente de fora. Enfim, era uma receita de omelete sem quebrar os ovos.



Muito embora possamos estabelecer pontes entre a produção de Dunga e o meio político e cultural a que ela se filiou, é essencial que destaquemos o talento dessa grande mulher. Nossa escritora não apenas reforçou convenções locais mas também as desafiou. Escrever um romance era, em si, um enfrentamento intelectual num meio marcadamente patriarcal. Manter-se solteira e financeiramente independente foi um exemplo maior do que os discursos que exaltavam os deveres do lar. A picardia com a qual vergastava os costumes locais era a pior crítica contra o bairrismo que pretendia notabilizar. Em resumo, Dunga subverteu o velho adágio do “faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço”. No caso dela, o corajoso exemplo de emancipação desdizia a própria mentalidade catequizada pelos cânones de sua época.

Dunga não vivia apenas de gabar a sua lagoa. Na prática, espelhou o melhor e o pior dos sapos que coaxavam o regionalismo mato-grossense. Espelho modaz cujo reflexo desafiava qualquer personagem. O telúrico das águas, a força da miscigenação, a ludicidade da paisagem, a catalogação de lendas confrontavam-se com a solidão do isolamento, o ressentimento pelas derrotas geopolíticas e, mais do que tudo, a frustração do provincianismo. Nos textos da autora, é possível vê-la como caça e caçadora, espelho e reflexo, num misto de orgulho e preconceito. Pela obra



foi respeitada. Mas, além deles, foi amada. Hoje em dia, Dunga é simplesmente reconhecida. O que de melhor uma escritora poderia esperar do tempo?

Eduardo Mahon

Escritor, advogado e pesquisador

Editor da Revista Literária Pixé (www.revistapixe.com.br)

Membro da Academia Mato-Grossense de Letras – 2021 – Ano Centenário

Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso – IHGMT





OFERECIMENTO

Este livro surgiu por obra do acaso, ou melhor, por sugestão de um grupo de alunas do Curso de Cultura Brasileira, da professora Maria de Lourdes Bandeira De Lamônica Freire, da Universidade Federal de Mato Grosso. Solicitada para dar aula, ou antes, fazer uma explanação sobre o *Folclore do dia a dia*, aceitei sem vaidade ou medo. Porque aquilo que antes significaria bisbilhotice, diz que diz que do cotidiano, hoje tomou foros de ciência com aquela pomposa denominação. Não custando esforço algum, para quem participou ao vivo e intensamente de todos os acontecimentos desta pacata cidade, até os dias de hoje; revelou-se-me tema fácil, porque tive a participação atuante em todos os níveis da vida social, pela diretriz que, no lar, nos foi dada.

Esclarecendo: frequentávamos casas de pessoas amigas, sem distinção de níveis preconcebidos em sociedade. Festa de pobre ou festa de rico, se havia convite, lá estávamos. Aceitei, pois, sem pestanejar, por ser matéria reprisada nas palestras com as sobrinhas, curiosas do viver cuiabano.

Para facilitar segui a trilogia: nascimento, vida e morte. In-

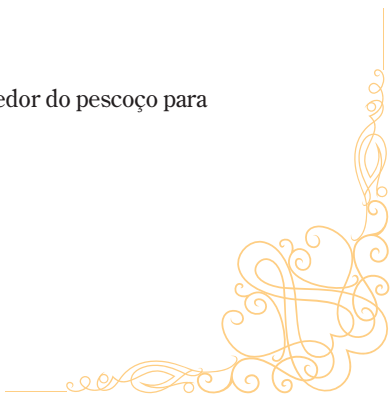
vertendo o primeiro item por força de circunstâncias que eu mesma não soube precisar. E resolvi dar forma de romance, para dar cunho de continuidade à sua leitura.

Devo esclarecer, entretanto, que, se os fatos pulularam na vida real, tendo o seu cunho de veracidade, eles não se referem a nenhum indivíduo em especial. São fatos presenciados por mim, ou conhecidos de ouvir contar, possíveis de terem acontecido, mas longe de estarem focalizados em determinadas pessoas. Se, às vezes, me refiro a alguém, cujo nome pertence a pessoa conhecida, é para lembrá-la e fazê-la conhecer às gerações atuais, porque foram pessoas muito valiosas, bastante queridas. É como uma homenagem que lhes presto.

Quanto à figura de projeção que escolhi, a dos coronéis, por incrível que pareça, foi a que mais fascínio exerceu sobre uma criança curiosa e talvez vaidosa. Não por suas pessoas físicas, ou pelo seu título, mas pelo medalhão de ouro e brilhantes que ostentavam, patenteando o seu poderio e prestígio, que a extensão dos seus feudos políticos lhes conferia.

As pedras preciosas sempre me atraíram a atenção. E as havia abundantes, no peito daqueles senhores encasacados, pendentes de suas *châtelaines*.¹ Uns mais conglomerados, outros

1 Palavra francesa que significa corrente usada ao redor do pescoço para exibir um medalhão.



mais modestos, uns com desenho de meia-lua e uma estrela, outros com sóis irisados. Alguns com cravações salientes, outros encrustados ao fundo, percebidos apenas pelo fulgor de seus reflexos. Eu armava um berreiro para acompanhar meu pai em comemorações, ou reuniões, onde previa encontrar os meus queridos medalhões. Aliás, sempre o reino chamado inanimado se povoou e se tornou interessante para mim; não só as pedras preciosas, como as lajes seculares das calçadas altas, os muros de taipa socada, as fachadas antigas, as bicas, os bancos do Jardim, os coretos, o gasômetro, as escadarias, os poços, os armadores rangentes de rede, os portões, as cercas de arame farpado cobertas de melão-de-são-caetano, os trilhos de bonde. Tudo se animava, se povoava na minha imaginação tornando-se natureza viva, palpável, cheia de alma e de sentimentos.

Neste vaivém, entre os brilhantes dos coronéis, também muita coisa ouvi e guardei. Palavras que operaram dúvidas, mantidas algumas, pela vida afora. Ensinada a respeitar a justiça por impoluta e reta, ouvi uma frase que contrariava estes ensinamentos de casa: *Cadeia é pra pobre e pra negro...* Senti um baque e uma dúvida que se alastrou, incurável ainda.

Sempre aprendi que acompanhar enterro é um ato de piedade cristã. Leva-se a quem parte até à boca do túmulo e espera-se a última pá de terra, para se jogar neste uma flor ou uma pedra,

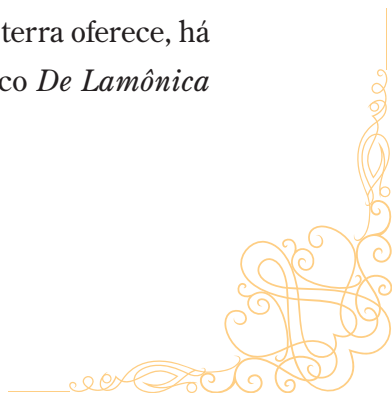
para quebrar o sortilégio e evitar que o próximo seja você mesmo. Pois, ao retirarem água de um jazigo, os coveiros pararam indecisos sem saber onde atirá-la. Reboou a voz do figurão: *Atire-a no povo, para quem tudo é farrancho e só vem acompanhar por curiosidade*. Outro baque, outra dúvida. Assim, de baque em baque, fui colecionando as frases ouvidas. E talvez carecesse de um retoque para não divulgá-las nuas e cruas.

Mas, a par destas coronelices, Cuiabá guardou e guarda o melhor de suas tradições. A sua hospitalidade, por exemplo, é como um artesanato, passado de pai pra filho e praticado até os dias de hoje.

Aqui nos lembra D. Eulália, a saudosa D. Lalá: *Mea fia, no dia que chega visita em sua casa e você le pudé oferecê só um copo d'água, esta cidade caiu na falença*. Pra cuiabano da gema, água nunca se oferece: é um direito que assiste a qualquer um de pedi-la. Casa de rico, ou casa de pobre, mal você põe os pés, lá vem cafezinho, antes o guaranazinho, hoje, o refrigerante.

Há também a lhaneza de trato, muitas vezes tão zelosa, que os não habituados confundem com boa-fé, ou idiotice. E pode degenerar em exploração, da parte de quem a recebe. Mas é sinceridade pura, na força do hábito de bem servir.

E dentre estas coisas maravilhosas, que a terra oferece, há este exemplo de educação da prole, do tronco *De Lamônica*



Freire, da qual Maria de Lourdes, a professora Lu, se tornou um membro homogêneo, pois todos os seus componentes são ilustrados e ilustres, inteligentes e bem-educados. Atingiram um padrão invejável na vida, sem apadrinhamentos, sem favores, ocupando cada qual, merecidamente, o cargo que lhe compete, pelo valor intrínseco e prestígio pessoal.

É isto que eu quero deixar em destaque, para que sirva de exemplo a quem se estriba nos problemas da vida atual, para se omitir na tarefa da educação dos filhos.

E quero oferecer este alinhavado à professora Maria de Lourdes Bandeira De Lamônica Freire, pois, se contiver alguma informação útil aos estudantes, a responsável direta é a professora Lu, que favoreceu o aparecimento deste material.









REQUIESCAT IN PACE

A empresa Funerária Dom Bosco veio dar uma grande guinada nos tradicionais sistemas de enterramento, nesta cidade.

Hoje, quando acaba de morrer alguém, uma camioneta moderna aporta a sua casa, com todos os aviamentos para um serviço funerário perfeito. Trazem a eça, hoje muito reduzida e menos fúnebre, pois os suportes do caixão têm lindos pés dourados, com caprichosos trabalhos de arabescos “art nouveau”, castiçais com uma velinha curta, tipo luminária, que não destila aqueles pingos de vela lamurientos e malcheirosos. Os moços, uniformizados à moda safári, movimentam-se, cuidando de pormenores, para garantirem o bom nome da empresa, e também para não perderem a freguesia. Supervisionam os arranjos de flores, espargem pétalas sobre o morto, levam cadeiras e as oferecem a quem estiver em pé, servem cafezinho, logo após, refrescos, enfim são capazes de consolar uma viúva recente, aos pés do marido morto. (Deus que me livre e guarde dos maus pensamentos!) De tão solícitos, elegantes e simpáticos que são.

Foi neste ambiente risonho que a Marphysa, Physinha ou Fiinha, mais tarde Consuelo, foi velada, mais como se fosse um anjo que uma viúva passada em anos. Moças e rapazes, à porta, conversando sobre a última noite na Discoteca, ou sobre o jogo do Mixto e D. Bosco,² eternos rivais, onde, de surpresa, aquele time dera uma lavada neste último, o preferido da elite juvenil, desapontando a todos, que confiavam cegamente nos dois jogadores contratados do Santos, o time de Pelé.

Os homens, por sua vez, agrupados embaixo da arborização da rua, não havendo *potins*³ políticos locais, pois os internacionais não chegam a afetá-los, e, esquecendo-se do arrocho da gasolina, da agonia do Xá e do carrancismo do Aiatolá, falavam sobre os carros, último tipo, e das facilidades de um consórcio, onde um bom lance lhes traria à porta, a qualquer hora, um Fiat ou Corcel, novinho em folha.

O tom álaçre era dado também pelo multicolorido das roupas jovens, seguindo, à risca, a moda, no seu último grito. Blusões amarelos, vermelhos, azulões, calças colantes, nos verdes de todos os matizes: verde-esmeralda, verde-gaio, verde-oliveira, verde-selva, verde-paris, verde-que-te-queiro-verde.

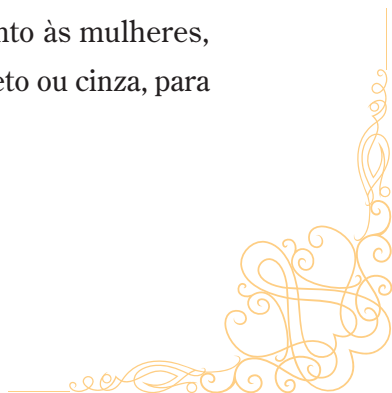
2 Mixto e Dom Bosco são clubes de futebol da cidade de Cuiabá.

3 Palavra francesa que significa fofoca.

Quando chegamos do enterro de Physinha, estávamos com espírito de festa, querendo encompridar a noite em outros divertimentos. Lembramo-nos quando chegávamos a casa, depois de algum casamento com o célebre: “Os noivos despedem-se na igreja...”, ficávamos a procurar algum lugar festivo, para continuar, ou melhor, emendar a folia, já que esta nos deixara frustradas, só com o trabalho de nos enfatietarmos por poucas horas. Todo mundo vinha “resingando”, pois naquele tempo não havia bares, boates e nenhum logradouro público funcionava além das nove horas da noite. Dessa hora em diante, tudo ficava reservado aos homens e às mulheres de vida fácil, na expressão da época.

“Cor da vida... cor da morte” é um ditado popular muito certo, porque a vida da Fiinha foi não digo um mar de rosas, mas teve uma placidez e facilidade de recursos, que nunca nada lhe faltou. Pela sua posição social, deveria ter a velar os seus restos mortais uma cerimônia circunspecta, como cabia às pessoas desse nível. Porque sempre tivemos, nesta cidade, três tipos de velório: o de rico, o de pobre e o da classe média, tipo funcionário público, de que a maioria se compunha.

No primeiro, ninguém podia rir nem contar anedotas. As pessoas circulavam gravemente de roupas pretas, não dispensando aos homens o paletó e a gravata. Quanto às mulheres, procuravam sempre um vestido tarjado de preto ou cinza, para

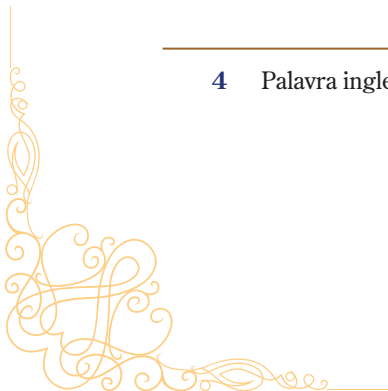


patentearem o seu pesar. Imbuída deste espírito, quem escreve estas linhas, ao participar de uma missa de sétimo dia, no Rio de Janeiro, se mandou do Flamengo ou Centro, na Calendária, sem nenhuma pintura no rosto, vestido branco e preto e cara compungida. Que raiva!... Encontrou a viúva de preto, mas em talhe elegante, tipo vestido *toilette*, empencada de joias... e nós, que nem levamos pulseira de relógio, porque era de ouro. Que trouxa!

Continuemos: o velório do remediado era sempre regado a cafezinho e, depois da meia-noite, se prolongava fora; havia um mate com pão quente, pois as padarias só fabricavam o pão, depois da meia-noite. Era uma ótima oportunidade para *flirts*,⁴ e muito casório foi alinhavado em velórios desse tipo.

O do pobre era uma verdadeira festança. À porta da rua, grupos de cantadores, com violão em punho, às vezes o cavaquinho, ensaiavam uma cantarola, tipo serenata, que ia até o amanhecer. Dentro era um arrastar de pé e de cadeiras em brinquedos de prenda, e de preferência se praticava o “MINHA DIREITA ESTÁ VAZIA”. Aliás, o povo deturpa esta expressão. Dia destes, o pedreiro Venâncio, fazendo uns remendos para D. Vani, escapou da escada e

4 Palavra inglesa da qual deriva *flertes*.



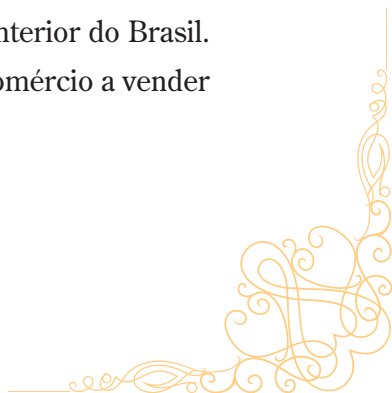
deu com os costados no chão. Ao se recuperar do susto, regalou os olhos e disse: “Graças a Deus tô vivo, D. Vani, senão esta noite, lá em casa, o pessoal taria brincando de Indireita mea Vazia.”

Esta noite folgazã compensava a longa caminhada, através do carrapicho e morretes de pedras, quando não havia lama, até o cemitério do Porto.

Além destes programas, havia cenas cômicas, quando alguma tia ou a própria mamãe obrigava a menina medrosa a arrodar o caixão três vezes, para perder o medo das almas de outro mundo, terminando a rodada com um beijo nos pés do morto, isto é, nos seus reluzentes sapatos novos.

O pior era pegar a mão do morto enquanto quente, isto é, antes de endurecer, e passá-la no pescoço das meninas, mocinhas, para curar do papo. Era bócio que atacava o pescoço das adolescentes, entre os 12 e 16 anos, justo na puberdade. Era mesmo um ligeiro distúrbio que afetava as glândulas tireoides, causando uma feia protuberância, que tanto envergonhava as garotas, tudo causado pela insuficiência de iodo no organismo.

O que poucos sabem é que, de uns anos para cá, desde que foi guindado à presidência da República um médico, o Dr. Juscelino Kubitschek, o papo sumiu do ambiente social cuiabano e de muitos outros centros da população do interior do Brasil. Como bom médico, o Presidente obrigou o comércio a vender



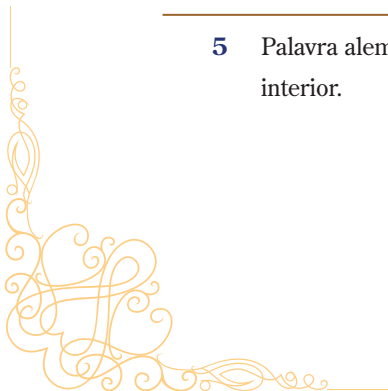
sal iodado, por todo o nosso *hinterland*.⁵ Ninguém suspeitou do novo sabor do sal, ninguém percebeu que o mal do papo foi-se embora de fininho, acabando com aqueles horrorosos apelidos: Benedito Corta Papo, Joana Papuda, Maria Papudinha e outros.

Era interessante ouvir a conversa entre pessoas que comentavam a ida a mais um velório: — Sabe? Hoje fui a três enterros, quatro com o de cachorro. Isto se dizia para não se ir logo atrás do morto, ou partir desta vida para outra melhor.

Também havia enterros de anjinho. As crianças é que deveriam desempenhar este mister. Com sol de duas horas da tarde, para não pegar o cair da noite, em lugares ermos, lá iam, às vezes, apenas quatro crianças, segurando velas ou flores já murchas, pela soalheira, a balançar o corpinho frágil e de um branco transparente, que na verdade parecia a própria vela de cera em forma humana.

Minha irmã sempre dizia: “Neste ato de caridade de carregar anjinhos a que meu pai nos obriga, a fim de desenvolver o sentimento de solidariedade humana, quantas vezes não tenho vontade de jogar o corpinho do inocente na primeira moita mais espessa e voltar do meio do caminho tortuoso do cemitério.”

5 Palavra alemã que significa a parte menos desenvolvida de um país; interior.





TIPOS DE VELÓRIO

Resolvemos encaixar, aqui, este apêndice. Anotamos, a propósito, certos tipos encontrados na Vigília dos mortos, ontem, como hoje. Parece que descobrem, na ocasião, cenário propício para darem expansão aos seus pendores, que são os mais variados possíveis.

Em ambiente de recolhido silêncio e compenetração, eles são facilmente ouvidos e não interpelados, nem questionados, podendo discorrer livremente sobre qualquer assunto, dando vazão ao que guardam latente, esperando azo para se expandirem.

Assim temos o contador de anedotas. Anedota de papagaio, picante e maliciosa, provocadora de risos abafados, que se soltam madrugada adentro, quando o sono vai rareando a roda de prosa. Anedotas de português, insolentes, pejorativas, esquecendo-se da origem, das suas raízes e de que o português da esquina já é dono de padaria, tem casa própria, filhos no estudo, na capital do país, e as mulheres da casa frequentam baile no palácio, carregadas de adereço de brilhantes. Enquanto o nosso

“causeur”⁶ continua a enriquecer o seu anedotário no ponto certo: a botica, ou a esquina mais próxima.

Pena que o anedotário político fosse sigiloso, pois neste ramo a verve, não só cuiabana como em todo o território nacional, sempre foi fértil. Mas e o medo de perder o emprego?...

Há o fazedor de adivinhação. Não há muito tempo, um grupo muito grande, se prolongando pelas calçadas dos vizinhos, saboreando o cafezinho, banhado de um luar tão envolvente e lindo que fazia esquecer a compunção do velório, se deleitava com o adivinho que, sem se preocupar da oportunidade do momento, lançava em altos brados a questão: “O que é, o que é... que a mulher dá para todo mundo, mas para o marido não dá?...” A resposta deveria ser algo inconsequente e infantil, mas a malícia já havia sacudido os atentos interlocutores. Atiçada a curiosidade, logo passavam para outra.

Há os que se valem da assistência passiva de um velório, para esnoabar o seu superego. Este tipo é encontradiço em todas as épocas. Há algum tempo, depois da instalação da nossa Universidade, escutei um tipo, ou melhor, uma tipa muito letrada

6 Palavra francesa que significa aquele que sabe desenvolver uma conversa agradável, brilhante, sedutora.

que demolia todas as nossas forças energéticas. Começou com a CEMAT mais a SANEMAT; vieram as hidrelétricas de todo o país. No seu discurso sibilavam turbinas, reatores, adutores, barragens, usinas. As forças de Itumbiara, da ilha Solteira, Angra, Furnas, Itaipu, enfim, tudo o que pudesse gerar força e luz passou pelo arrasamento geral, pela crítica, pelo desprezo e condenação total. Eu me tomei de um calafrio, pois, se esta pessoa resolver pôr em prática os seus conceitos destrutivos, voltaríamos àqueles anos de uma semana de luz, um mês de escuridão, ou duas semanas de luz, dois meses de escuridão, na década de quarenta, mais ou menos, em que a pequena usina do Rio da Casca, em precárias situações, e tão longe situada, a qualquer temporal se omitia, ora defeito na própria máquina, ora um poste que o vento derrubava e, até se descobrir nessas lonjuras, no meio da floresta, onde estava o defeito, morria o bode e mais quem pode.

Outro tipo, cuja carapuça era adequada à comadre Celedônia, mas há homens que também se enquadram neste *métier*,⁷ é o daqueles que correm os olhos prescrutadores por todas as coisas e por todas as pessoas e enxergam mais que todo mundo.

Não só veem mais como tiram deduções particulares. Arma-

7 Palavra francesa que significa ofício, ocupação.



zenam informes para o futuro, ou para o dia seguinte, porque o verbo é empregado sempre no passado: — Viu? fulana, tão espevitada, de vestido com florão vermelho; isso é traje para ver defunto?

— Viu? sicrana de olhares enviesados para o viúvo fresco? Nem bem passaram dois meses que a mulher morreu, ele bem que estava dando correspondência. Dizem que é no velório que ela arranja marido. Qualquer dia fisga o terceiro. Pode ser, mas tá difícil, porque disque o dito cujo já tem uma enrabichada.

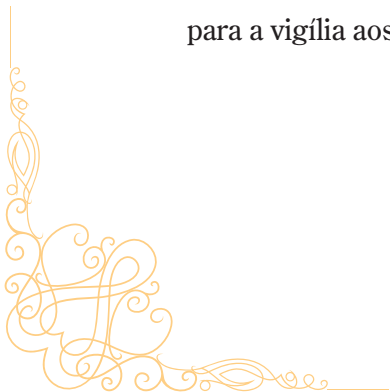
— Viu a cintura da Santinha como está engrossando? Dizem que é pra maio e o noivo já deu o chá de sumiço.

— Viu? como beltrana sentiu pouco? Quase nem chorou. A irmã sim, coitadinha, se descabelou.

— Viu? Como a cunhada parece que tomou um alívio? Só dizia: “Coitada, descansou.” “Coitada, foi desta para melhor!”

— Viu? Como os parentes já estavam dando, por alto, um balanço da herança? E quase se engalfinham os dois irmãos derradeiros.

Até o vendedor de requeijão, da feira grande, me contou que tem um repertório de mentiras fabulosas, como as suas apostas de corrida, ele no cavalo, contra um avião teco-teco, ganhando este na corrida. E, neste teor, ia armazenando o seu repertório para a vigília aos mortos.





NASCIMENTO

D. Maria Eleutéria Thomazia da Costa Campos Gusmão, Teteia para os íntimos, porque mais tarde o nome comprido só era usado para assinar documentos, D. Teteia, como se generalizou, após seis filhos varões, preparou-se com muito carinho, para esperar uma menina.

Se os primeiros fossem mulheres, agora a sétima viraria bruxa, conforme a sabedoria do povo. Mas logo D. Teteia se assegurou do sexo da criança. A barriga logo se arredondou, o que não acontecera antes. Barriga de ponta, homem na certa. Barriga redonda, escreve que vem moça. Isto ela pressentiu, logo depois de ter acompanhado a procissão do Senhor dos Passos, o que asseguraria bom parto, a quem o faz com fé. O que deve ser feito na procissão de Fugida, e nas paradas para trocar de segurador do andor, apanhar debaixo deste pedrinhas, para um chá de emergência, além de tomar a medida dos pés do Santo, para amarrar as tiras no pulso na hora de fazer força.

Tomou todas as precauções para não abortar; todos os dias,

pela manhã, em jejum, ingeria pão molhado em vinho doce, tiro e queda para segurar a gravidez.

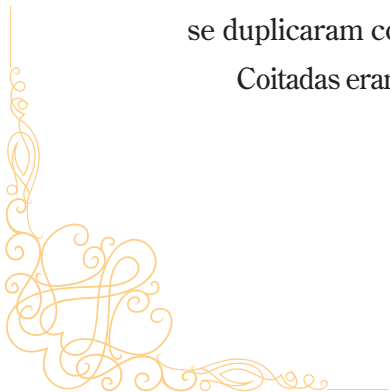
Sabia que não precisava disto, mas, por via das dúvidas, uma dose de pulsatila por dia e o seu pratinho de couve, e vinho à mesa, não faziam falta. Aliás, o compadre Batinga vivia dizendo: “Êta mulher de barriga boa, não se vê a hora em que ela bota no mundo cada filho mais bonito que o outro! Diferente da comadre Belinha, bela só de nome e êta mulher de barriga ruim! Sofre tanto, toma até chá de soleira de porta (raspagem da madeira do batente de porta de rua), para expelir cada canhão, criança que já nasce com cara de velho.”

Teteia era muito querida, sabia cativar simpatia, tanto assim que as amigadas de sua mãe continuaram a apoiá-la, mais que isso, a encher de mimo uma pessoa tão dada.

Quando a novidade estourou, a enxurrada de comadres presenteou-a com franguinhas novas, para aguardar a dieta: quarenta dias de galinha gorda com angu de farinha de milho. Pra variar também havia a sururuca, também desenfastiante de farinha de milho, açúcar e raleado com água, para refrescar o sangue e evitar a “amorroide”.

Também, ela estava com tudo, tinha posses de berço, que se duplicaram com o casamento.

Coitadas eram das moças que pulavam mola (um gongoró que



engravida a quem pula), além de não contar com galinhas gordas, começavam a engrossar a cintura, os pais mandavam-nas fazer algum passeio forçado ao sítio, para ocultar o ato da *délivrance*⁸.

Ao entrar no nono mês, Teteia encomendava macela aos tropeiros, para os banhos de vapor, a fim de facilitar o parto. Desta vez ela até começou a tomar um copo de água morna, onde se cozinham ovos de galinha. Foi a comadre Andreza que aconselhou uma infusão de brotos de losna e um clister morno de aveia, azeite doce, sal, sabão e açúcar, para aliviar as dores do parto, ou facilitar as contrações. Só estava faltando arnica, se não encontrassem do campo, viesse da farmácia. Logo após o parto, era um santo remédio para evitar a febre, tomando-se de hora em hora. A Água Inglesa também era fortificante de cabeça para o sangue. Quanto ao enxoval do bebê, a amiga do Rio lhe mandou uns mimos de sapatinhos de lã. A despeito da data de espera (seria em outubro, mês de calor forte), a recém-nascida deveria ter sempre os pés agasalhados, para evitar o *saluço*, como diziam os achegos. Aí era um corre-corre, para se descobrir um fio de baeta e colocar na testinha da criança para parar de soluçar.

8 Palavra francesa que significa parto.



Estava pronta a camisinha vermelha, para evitar o quebrante dos sete dias; o resto seria aproveitamento dos outros irmãos.

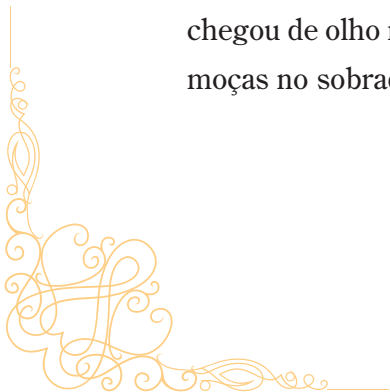
Só sei que Marphysa veio ao mundo numa segunda-feira de outubro, nos braços de Chá Miguelina, a parteira de experiência, e da comadre Coliméria, uma verdadeira doutora em conhecimentos obstétricos; mas a menina só viu a cara do pai no dia seguinte porque o Coronel deveria ir à reunião do Bode-Preto, o apelido da Maçonaria, e era coisa a que não poderia faltar, nem revelar o segredo do porquê?

O quarto rescendia a alfazema e os vãos das janelas foram tapados com pano enrolado, para não entrar vento e não quebrar a dieta de D. Teteia.

Viram o que aconteceu com a mulher do médico recém-formado? Querendo dar inovação, abriu todas as janelas, mal a mulher acabou de parir. E deu para a pobre comer a mesma comida dos outros, temperada com vinagre e pimenta do reino. Resultado: a pobrezinha bateu as botas, quando pôs o segundo filho no mundo; não aguentou esse repuxo.

E os boatos que surgiram?

— Isso mesmo que ele queria, ficar solto da silva e embolsar os cobres da mulher, que era filha única de usineiros ricos. Ele checou de olho nos cobres dela e o golpe deu certo. Havia seis moças no sobrado amarelo. Bons cortes de noiva, todas pren-



dadas, mas ele escolheu a filha única, para não ter com quem dividir. — E lá continuaram a malhar o pobre médico.

Marphysa deveria chamar-se Hortênsia, uma flor rara nestas paragens, pois não é de clima tropical. D. Teteia fora a Petrópolis, a cidade das Hortênsias, como se apelidava, e se encantou com a cercadura azul dessa flor que embelezava aquela cidade.

Mas o hábito de se conferir aos padrinhos, em especial à madrinha, a honra da escolha do nome do afilhado deu no que dava sempre: os nomes feios a proliferarem por aí.

Marphysa até não era dos piores e a madrinha o encontrou num livro de capa azul, como sempre justificava. Que livro era esse, não o sabemos, pois ela se referia ao papel azul que revestia a capa original.

O senão deste nome logo se fez notar. Havia, na vizinhança, uma cadela de nome Marquise. E, todas as vezes que se chamava Marphysa, a cadela se aproximava lambendo-lhe as mãos.

Ouvido de cachorro não deve ser muito atilado aos nomes. Como medida preventiva, deram-lhe um apelido: Physinha, logo deturpado para Fiinha. Tantos riquefoques, para mais tarde se tornar a respeitável dona Consuelo, nome que o gringo escolheu. Mas isto é uma outra história.





BATIZADO

Como íamos dizendo, os padrinhos sempre, por falta de imaginação, escolhiam para os afilhados o nome do santo do dia, já que a eles, por uma deferência especial, competia esta lisonjeira tarefa.

E lá ia, pela vida afora, o coitadinho carregando um nome horrível como: Fulgêncio, Sinfrônio, Cunegundes e daí só era salvo com um apelido, no mais das vezes tão feio e pejorativo quanto o próprio nome, ou nome próprio. Era melhor ser Generoso que Geco, ou Jinu; Antônio que Tonho, João que Janjão. Além do mais, os padrinhos costumavam acrescentar os próprios sobrenomes. Assim, numa família, enquanto uns eram Monteiro, outros irmãos eram Barros, Siqueira, Metelo, etc.

Fiiinha não escapou a esta fatalidade. Além de carregar o nome com todos os Y e PH, acrescentou o Gomide dos padrinhos, mas conservou os de origem: ficou, pois, Marphysa da Costa Campos Gusmão Gomide. Um sobrenome muito gosmoso, não resta dúvida. Isto lhe acarretou alguns dissabores, em terra estrangeira, como veremos mais tarde.

Passados os sete dias de vida, quando lhe envergaram uma

batinha vermelha de chita boa e fina, para evitar quebrante, no dizer da parteira, vestiram-lhe então uma linda camisola azul, com bordado inglês, entremeado de fitas. Estava uma boneca, dessas de rosto de porcelana, que vinham da Europa, para enfeitar os salões de luxo do Brasil.

Era indispensável, em casa de rico, uma dessas bonecas, sentadinha numa cadeirinha de vime, de balanço, no meio da sala, ou melhor, salão, e um biombo de laca pintado a mão. Além, é claro, dos consolos de mármore ladeando a mobília, encimados por espelhos de cristal bisotê.

Fiinha saiu do quarto nesse dia, com apelido e tudo, para uma volta pela casa, e para ser apresentada a S. Gonçalo, na igreja vizinha, segundo os costumes da terra. E também nesse dia foi marcado o batizado, para daí a um mês e meio, tempo justo para não haver quebra de dieta da parturiente. Pois ninguém escapa de um desmancho de sangue. Como aquela coitada em que o marido, bêbado, lhe jogou querosene na cabeça, obrigando-a a lavar os cabelos ainda de resguardo. O que aconteceu? Ficou morfética.

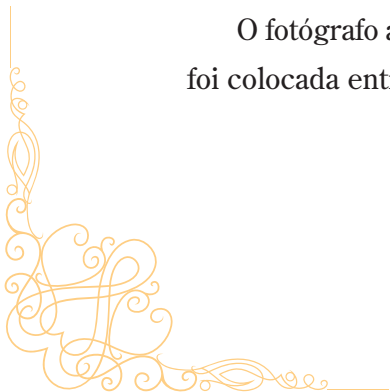
Felizmente, D. Teteia só penou dores, no parto do filho deradeiro, com os seios muito inflamados e endurecidos. Mas um cozimento de picão de mistura com fedegoso, feito compressas, lhe trouxe um grande alívio.



Também o caçulete foi o único a lhe dar trabalho. Nasceu movido, quietinho que foi preciso fazer cócegas no nariz, com pena de galinha, para ver se ele estava vivo ou morto. Depois ficou com a urina presa, que se soltou, quando lhe puseram uma cebola assada sobre a bexiga. O umbigo custou a suturar; foi preciso colocar pozinho de casa de bicho, para fazer secar.

Já com Marphysa, tudo correu bem. O dia do batizado chegou logo e a casa se tomou de povaréu. Uns vinham para festejar, outros para ajudar. Nos fundos do oitão, onde havia o forno e fogão de lenha e material, parecia cozinha de festa de Espírito Santo. Cheiro de carne assada, risadaria, o pilão num socado duplo, duas negrinhas que alternavam o batido das mãos de pilão, um di-blum acelerado, para aprontar logo o fubá dos biscoitos. Os participantes traziam uma caixinha atada com fita cetim: era uma Santa Luzia para proteger os olhos, um São Brás, contra engasgos, um Senhor Divino para iluminar a mente, tudo de ouro puro, *murciço*, como dizia a parteira, também figura ativa, porque ela acompanhava o farrancho dos quarenta dias e demais funções. Também não faltaram: dente de lobo no encaixe, para facilitar a dentição, figa de ouro contra quebranto, figa de coral para dar saúde, enfim, tantos mimos que a criança ficou rica de presentes.

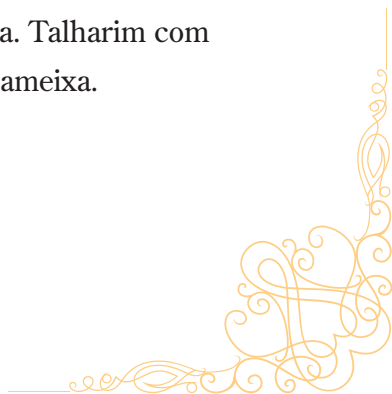
O fotógrafo apareceu sem ser chamado, mas logo a menina foi colocada entre travesseiros e a chapa registrou aquele dia



memorável. Felizmente não se tratava de um menino, porque a moda de se dar o nó na camisola e fotografá-lo de pinto de fora trazia muito vexame e nos lembra o primo Everardo, que, já crescido, usou de mil estratégias para destruir os retratos seus, que distribuíram, nesta pose insólita. Usou de lábia, para que senhoras de certo peso, contempladas com este brinde, lhe devolvessem a foto. Marphysa ficou um bijuzinho na fotografia, dentro da camisola de cambraia bordada, a mesma que D. Teteia vestira no seu batizado. A toalha com que a envolvera a madrinha de carregar, Nhãdreza, só precisou desencardir o crochê da barra, por passar tantos anos guardada. Peça imprescindível numa casa, pois, se a criança for arrebatada por um redemoinho ou pé de vento qualquer, só cairá, sã e salva, se for estendida para apará-la a mesma toalha que a levou à pia batismal.

O batismo foi pela manhã. Não é bom batizar criança depois que o sol entra. Parece que morre logo. A banda de música foi esperar na porta da igreja e o nenê berrou como cabritinho novo ao receber a água benta, *bom sinal*, indício também de vida longa...

O almoço foi aquele fartão! Leitão com rodelas de limão nos costados e botão de rosa no focinho, couro esturrado, e porque passaram bastante álcool, quando ele começou a dourar. Pacu assado, recheado com farofa de couve, úmida. Talharim com galinha, feijão tutu, arroz de forno e farofa de ameixa.



Houve primeira mesa, segunda, terceira mesa, era um nunca acabar de comezainas. Também, quem resistiria às compotas de goiaba, caju, limão, laranja, mangaba? O entra e sai, pelo portão, dava ideia de como a vizinhança se fartou.

Mas os festejos não acabaram aí. As moças começaram a cortar papel de seda para as balinhas e a raspar vela estearina pelo chão, para o mosaico ficar escorregadio, nas danças à noite.

Houve baile animado, com o piano revezado a banda, enquanto Marphysa dormia entre almofadões rendados.





O CORONEL GUSMÃO

Só agora vamos apresentar o pai de Marphysa, o Coronel Gusmão. “Autor dos meus dias”, como dizia esta, mais tarde, enfaticamente.

Manuel Aniceto de Campos Morales de Gusmão. Ah! Nem precisava dizer de onde provinham seus ares de fanfarrão. Se o Morales não deu toureiro, nem lhe permitiu colher os louros de uma revolução, que lhe perpetrasse a índole dos grandes lances, a vida lhe permitiu gestos cavaleirescos, a começar da própria pessoa.

Logo arranjou um apêndice ao nome: CORONEL. Havia tantos nestas paragens, por que não deveria ser um deles? Coronel de Usina, da Guarda Nacional, da Política, até o Capitão do Mato.

Não foi difícil criar uma história de condecoração, por relevantes serviços prestados à Pátria. Quando se fala grosso, a plebe acata sem discutir. E o Coronel Gusmão, que justiça seja feita, era trabalhador e batalhador como um mouro o era, conseguiu prosperar, tornando-se um forte comerciante de uma

loja de ferragens, no 2º Distrito. Tinha um sítio no Acorizal⁹ e outro que chamava de chácara, na beira do rio, pelos lados do Carrapicho ou Bom Sucesso.¹⁰

Depois, homem atilado que era, adquiriu, não se sabe como, se de mão beijada do governo, em troca de apoio político, ou se bateu alguns cobres, na hora, para quem estava necessitado lhe vendendo a preço de banana, muitas sesmarias, de boa terra. “O segredo é a alma do negócio”, apregoava alto e bom som, para esbarrar, desde logo, muita pergunta indiscreta. Aliás, o Coronel Gusmão era perito em bandear a conversa para outro rumo. Quer numa discussão acalorada, quer para tirar o corpo fora do assunto, que o comprometesse politicamente ou para ocultar um feliz arremate de uma barganha qualquer.

“O Comerciante deve viver em harmonia com todos. Ele precisa da freguesia e só quer bem servi-la.” Vivia a repetir.

A loja dele ficava grudada com a casa de morada. Isso lhe permitia cumprir em horário certo seus hábitos caseiros, começando às cinco horas com o guaraná. Desde as quatro, a casa era despertada com o rique-rique da grosa. Depois o tlim-tlim

9 Pequeno município do Estado de Mato Grosso.

10 Bairros do município de Várzea Grande (MT).

da colherinha de prata no copinho de cristal, porque ele dizia: Guaraná sem vir acompanhado do xeque-xeque dos chinelos arrastando no chão, e o tilintar da colherinha no copo, não é guaraná.

Às dez da manhã, ele dava um pulinho em casa para a segunda dose. O mesmo rique-rique, porque não sendo ralado na horinha não tem sabor. Às duas e meia da tarde, ele fechava o Trio. Para justificar dizia: “Guaraná é elixir de longa vida, abre a inteligência, alivia a fome, dá saúde e favorece a paternidade.” Mas, depois da viagem ao Rio de Janeiro, a conselho do Dr. Murtinho, se acomodou nas duas vezes. Também começou a temperar, na meia à meia, o Mauê com o Luzeia.¹¹ O primeiro muito forte, para sua idade, e o segundo muito fraco para o seu gosto. O jeito foi a meiação, para ouvir o Murtinho.

O cafezinho torrado e socado em casa, no pilão, não fazia falta. Era um freguês ou amigo de passagem para um dedo de prosa costumeira, outra chegadinha em casa para a hospedagem costumeira, em xícaras de porcelana fina, com carinhas de japonesa. O Coronel era bom de boca. Sempre pronto para o que desse e viesse. Mesmo à noite, não respeitava essa proibição de

11 Mauê e Luzeia são variedades de guaraná, de intensidades diferentes.

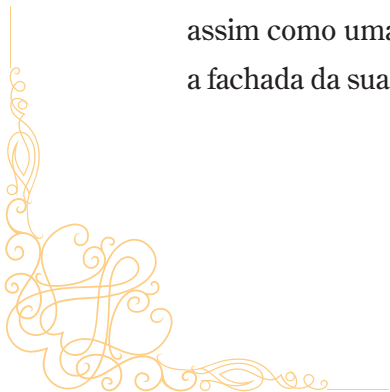


fruta quente (laranja, lima, abacate, mamão) e fruta fria (banana, caju, goiaba e abacaxi), estas últimas evitadas durante a influenza. Com ele não tinha tempo ruim. Comia feijoadada, chupava melancia, a qualquer hora do dia e da noite. Nem tinha medo de dar cólicas. Misturava tudo. Gostava muito de uma fatia de mamão pela manhã, para evitar prisão de ventre.

O que encabulava era a sua indumentária. Vivia de colete por cima de uma camisa branca de mangas compridas. E não tirava o chapéu da cabeça, mesmo dentro de casa. Fizesse chuva, sol ou sereno, estava ele com o chapéu de feltro preto, como a proteger-se de raios maléficos a lhe penetrarem na cachola. Em compensação, cintilava de chamar a atenção um brilhante puríssimo, dentro de uma estrela, ao lado de uma meia-lua, lembrando a bandeira da Turquia antiga, no medalhão da sua *châtelaine*. Meu primo, quando o via aproximar-se, dizia: “Lá vem a estrela de Belém, blém-blém.” Chamava a curiosidade até das crianças.

Eram moda na época estes luxos, que hoje desafiaríamos os ladrões. Mas, nos bons tempos, você poderia exibir impunemente seus diamantes, que, tanto maiores ou mais numerosos, definiam o status do seu portador.

E este o retrato do Cel. Gusmão apresentado à sociedade, assim como uma fotografia oficial. Combinava muito bem com a fachada da sua loja, anexada à casa, cheia de colunas e jarrões



de cerâmica, encimando os portões. Mas, pelo portãozinho dos lados, era um vaivém de homens em mangas de camisa, chapéu de palha da cadeia, mulheres de saias de chita, que lá iam para comprar miudezas de toda a sorte, desde rolos de fumo e esteiras de palha a fitas, rendinhas, morim e genovesa.

Dizem que aí, nesse curioso bolicho, até o metro tinha perna curta, isto é, algum centímetro a menos, e o quilo e litro eram mais magros que os da loja grande. Pudera. Estas medidas ele adquiriu do Elias, o turco mascate que trouxera dois consigo, de terras estrangeiras.

Mas aqui começa uma outra estória.





O MASCATE

No começo do século, aportaram a esta plácida cidade alguns mascates. Trata-se de vendedores ambulantes. Eram todos sírios, chamados, na época, de turcos.

Eles traziam às costas, presas por grossos cadarços, um baú de folha de Flandres, cheio de quinquilharias. Continha desde lenços, perfumes baratos, pó de arroz, sabonetes, leques, peças de fita, de bordado, de renda valenciana, todos os aviamentos de costura e alguns cortes de fazenda. Vinham arcados com tanto peso e seguravam uma campainha que tilitava à sua passagem. Quando melhoravam de situação, alugavam um carregador qualquer para aguentar o peso do baú de folha e eles, os donos, vinham aliviados, tocando a campainha.

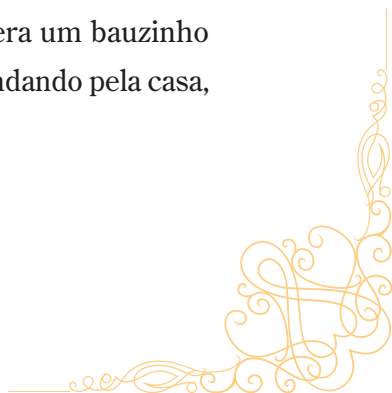
Cheguei a conhecer o turco Elias. Para mim era uma festa vê-lo arriar a carga, dar uma bufada de alívio, com a testa gotejando do esforço e do calor. Que maravilha, quando levantava a tampa do baú! Havia até malacacheta dourada e miçangas para enfeitar roupa de anjo de procissão e fantasias de carnaval.

O diacho é que Elias, apesar de muitos anos de Brasil, era

um turco chucro. Chamava minha avó de dona Benedeta e as tias de donas Melu, Deoli e Maná, que eram Milú, Dolí e Mana. Não acertava uma. “Turco gruia, tá aí”, dizia uma delas. Ele parecia mesmo um papagaio brabo. Nunca melhorava de fala, com toda a convivência, e tinha dificuldade de pronunciar a letra i. Mas era muito bonzinho. Vendia fiado e deixava que o próprio comprador se lembrasse de o pagar. Pois ele não cobrava nunca. “Leva, D. Benedeta, leva tudo. É bom e barato. Compra, freguês. Compra, comadre.” Eram os seus chavões. Elias só se enfurecia, quando a Maria Combuca, fedendo a mijó, se aproximava, pedindo retrós e procurando meter a mão em tudo. O turco virava um pimentão e enrolava a língua, como diziam os turcos para xingar: “alandina, alabatache”.

Fiinha, como toda menininha da época, brincou de comadre, de quitute, de boneca, até de “pegado”.

Também teve seus encantos pelo turco Elias. Nem era para menos. Este, talvez para agradar o comerciante forte, que lhe dava sempre uma mãozinha, enchia a Physinha de mimos. Bolites multicores, alfinetes de cabeça de pombinhas coloridas, parecidas com o Espírito Santo, botões desemparceirados, fita número um, para cabelo de boneca. Era tanta coisa, de fazer inveja! Ainda mais que o Cel. Gusmão lhe dera um bauzinho de folha que ela encheu de miudezas e vivia andando pela casa,



oferecendo sua mercadoria. As crianças desse tempo tinham-lhe uma dor de canelas indisfarçável.

Outros mascates apareceram, mas não tinham a popularidade e simpatia do turco Elias. Coitado, a revolução de 1906¹² depenou-o. Com parte de ser gringo tomaram tudo o que ele chegou a adquirir, como resultado de seu esforço de comerciante andarilho. Nunca lhe pagaram nada. Acho até que ele morreu desgostoso de tanta injustiça: Que fazer? Quem mandava eram os coronéis...

12 Rebelião ocorrida no Mato Grosso que culminou com a morte do então Presidente do Estado, Antônio Paes de Barros, e com a tomada do poder pela oposição.



INFÂNCIA DE PHYSINHA

Essa menina não era muito acomodada. Criada entre quatro irmãos, acompanhava homens, porque dois já viviam, a bem dizer, fora de casa, as brincadeiras destes. Subia em árvore, jogava 21, com bolitas de ferro, brincava de Corcoveia, Mão de Queda, *Que pau é este?*

D. Teteia vivia tirando-a do meio dos irmãos. “Ela parece um machete”, dizia seu pai, que no fundo parecia sentir um certo orgulho da filha tão desabusada. Quando era tempo de Judas, no sábado de Aleluia, ela enchia saco de limão e ia pra rua malhar o Judas. Depois passava o dia todo na burrica, pois era nisso que aproveitavam o pau de aroeira.

A biqueira dos sapatos vivia escalavrada de tanto jogar o Amarelinho. Saía cada briga, quando pisava nos riscos de giz e tinha de voltar atrás!... Não queria perder. Avançava no contendor a unhas e puxões de cabelo. Em grupos de pular corda, quando era a sua vez, os outros que se deitassem; ela custava para sair da corda, pois não errava. Levava muito tempo.

Outro brinquedo proibido às meninas, mas que todas o

faziam, às vezes melhor que os meninos, era subir em árvore. Physinha não perdia uma. Havia no pomar de sua casa um velho pé de fruta-pão, de tronco liso, só se esgalhando no cocoruto. Parecia um macaquinho; ela juntava os pés, contornando o tronco, amarrando-os com um cinto velho da mãe, e subia dando impulsos.

Essa técnica era válida para mamoeiros e coqueiros, quando estava mais crescida, com os seios já apontando. Tanto que, ao ver tamanha danadeza, D. Teteia gritava: “Desça da árvore, Fiinha, você já está moça feita... Não se compare com os motecotes!...”

Desde os seis anos, ela tentava jabuticabeiras e goiabeiras de fácil acesso. Depois pitombeiras e mangueiras, até tirar de letra os troncos lisos e escorregadiços. Só não subia no pau-de-sebo, porque era brincadeira de rua. Ensebavam uma aroeira e no topo grudavam notas para desafiar a habilidade da gurizada. Fiinha morria de inveja, porque sabia que iria colocar no chinelo todos os meninos da vizinhança e abocanharia o prêmio.

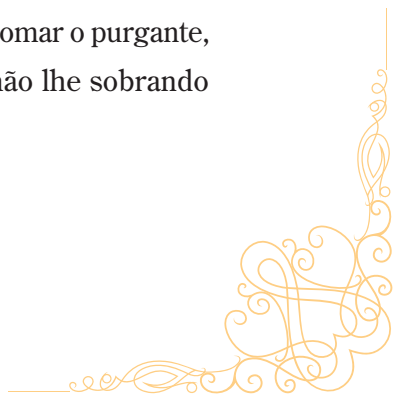
Mas não ficou nisso. Já taludinha, enfrentava a Mão de Quenda com os irmãos e conhecia as regras do truço, só de espiar os rapazes do achego, nas rodadas de domingo, lá no barracão dos fundos.

Era um capetinha. Daninhava da sala à cozinha; um pequeno furacão de saias. Por falar nisto, como não se usava vestir as

meninas de calças compridas, embora os meninos grandinhos usassem camisola durante o dia, ela arrebanhava o vestido atrás e dava um nó, para não se embaraçar, quando saltava de galho em galho, em cima das árvores.

O seu fraco era acompanhar as touradas, improvisadas pelos garotos da vizinhança, logo após as festas do Divino, em imitação ao que se dava no Largo da Forca, como prolongamento das solenidades religiosas. As crianças, de um modo geral os rapazinhos, iam ao Matadouro Municipal e conseguiam lá uma ossada de cabeça de boi, prendiam-na em um cabo de vassoura e procediam com ela como os grandes faziam. Uns eram *touradores* e capinhas, outro era o Jacuba, os mais fracos os Máscaras, enquanto o mais valente era escolhido para empunhar o Boi, isto é, a cabeça enfiada no cabo de vassoura. Havia *Sortes* (o ato de tourear o boi, que era oferecido a alguém, que deveria pagar por isto). Estas sortes eram pagas com dinheiro de cobre preto; havia tombos, chifradas, que às vezes machucavam muito.

Physinha também se amarrava em cinema, desde pequena. Quando no Porto funcionava o Cinematographo Mundial, de Domingos Dorsa & Irmão, ela não perdia um filme que se chamava *o Purgante de Lili*. Era uma cena cômica, onde a personagem, uma garota como Physinha, fazia todo mundo tomar o purgante, para lhe garantirem que era muito gostoso, não lhe sobrando



nada. Por fim, a própria doente não bebia e todo mundo ficava com dor de barriga. O Coronel tinha prestígio e, quando a filha queria uma reprise da fita, era só mandar um bilhetinho para o dono do cinema, para que a Lili ficasse em cartaz.





AS PRIMEIRAS LETRAS

Todo mundo sabe que, mesmo não havendo Jardim de Infância, as crianças cedo aprendiam a ler, fosse em casa, com os pais ou com pessoas da família, fosse com alguma professora particular, mais procurada pela sua paciência de Jó que pelos cabedais pedagógicos que possuísse. Physinha foi parar às mãos de D. Joaquininha: Joaquina Ferreira Lima, costureira de roupas de homens e professora nas horas vagas.

D. Joaquininha, além de paciente, teve uma vida romanesca, rica de aventuras, e dava gosto ouvi-la discorrer sobre tudo o que vira e pelo que passara, desde o seu casamento aos treze anos de idade, com um cadete de família abastada e de projeção, no Rio de Janeiro (havia dado ao país quatro irmãos almirantes) até as peripécias que levaram ao casamento desfeito.

Costumava-se agregar ao exército, com o título de cadetes, jovens que não se davam ao estudo nem a qualquer profissão, mas possuíam as costas largas de membros militares graduados, em altos postos, na caserna: exército ou marinha. Vindo para Cuiabá, o novo cadete se consorciou com D. Joaquininha e se

atiravam logo à primeira aventura à Mata de Poaia, situada em Barra do Bugres¹³ (uma epopeia para lá chegar, naquele tempo).

O pior, entretanto, foi a retirada, deslizando a canoa de man-sinho pelo rio, para se livrarem de uma saraivada de flechas, pois se indispuseram contra os índios, logo de começo. Não foi bem assim; primeiro os índios deram o aviso de que a presença ali de estranhos não lhes agradava, pousando uma flecha bem diante do acampamento. Depois, enquanto o pessoal estava na mata, eles foram lá e misturaram todos os gêneros alimentícios. Era um aviso de guerra.

O marido turrão fincou pé e não aceitou conselho dos mais experimentados. Foi então que deu no que deu. Eles, os índios, não investem três vezes. Da terceira vez foi pra valer. De madrugada, atiraram as primeiras flechadas, depois uma chusma delas. Por sorte, os brancos conseguiram chegar à beira do rio, prevalecendo do lusco-fusco da madrugada, e puderam deslizar no batelão, remando em surdina até passar o perigo.

No afã de um rápido enriquecimento, o nosso cadete impressionou-se com o que se dizia sobre a Rusga, movimento Nativista de 30 de maio de 1834, gerando o maior morticínio do

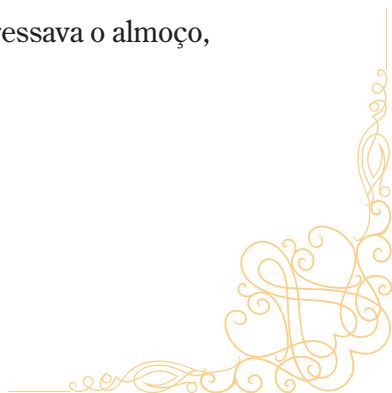
13 Barra do Bugres é um município do Estado de Mato Grosso.

século nesta região, e onde os portugueses que conseguiram fugir à sanha dos seus rivais esconderam, ou melhor, enterraram precipitadamente os seus haveres, na esperança de algum dia voltar a recuperá-los. Ouvindo falar sobre os tais *enterros*, pelo chão e paredes das casas, o nosso jovem cadete alugou uma velha escola, de parceria com um polaco, e durante muitas noites se ouvia o barulho soturno de uma pá e uma picareta, à procura de um tesouro escondido às pressas para fugir-se à sanha dos nativistas. Foi um serviço secreto, noite e noites de sôfrega procura e nada, até hoje nada.

Estes trancos e barrancos, na vida de D. Joaquininha, não azedaram o seu temperamento nem esgotaram a sua paciência.

Physinha, depois de fazer letras em *branco* (copiar mais forte os traços leves da professora) e de ler o ABC, pedia que a levasse para ver a comidinha da professora. Dava impressão de uma casa de bonecas. D. Joaquininha carregava Marphysa ao colo e era um regalo olhar a couve verdinha, cortada fina, dentro de panelinhas de barro, dessas que havia no bairro do Terceiro, para brincar de quitutes.

Era tudo miniatura: a cama, a mesinha retangular, as travessas louçadas, pois era o bastante para uma pessoa só. Salvo quando Marphysa se dava por convidada e apressava o almoço, para já estar farta, quando a viessem buscar.



Quando a aula ficava para a tarde, Physinha não dispensava uma soneca na caminha de lençol estirado, cama de ferro batido, muito simples, mas asseada e gostosa. Depois, a pedido, uma história de sua vida. E a professora ia desfiando um punhado delas, sem nunca demonstrar, em suas recordações, ressentimentos ou rancor.

Houve Jardim de Infância mais gostoso que esta casa encantada de bonecas? Desta escolinha, passou para o Asilo Santa Rita, o educandário mais conceituado da época, pois nele as moças aprendiam todos os requisitos para se tornar uma pessoa prendada, segundo os padrões da época: francês, piano, canto ou bandolim, bordar a seda em bastidor, arrumar cama e arrumar mesa e rezar, é claro.

Neste colégio, sua passagem foi breve, porque o Coronel se indispôs com os padres. Embora a rixa fosse com os Salesianos e o Asilo pertencesse à Congregação Franciscana, ou Vicentina, não nos lembramos mais, a animosidade estendeu aos religiosos em geral, porém só de Cuiabá, como veremos.





A TORRE DE SÃO GONÇALO

A torre já estava pronta, o que faltava eram as paredes da igreja. A frente ficou chamativa com os quatro profetas fabricados pelo padre Solari. Dizem que o padre Montuschi também tinha pendores artísticos. Duvide-o-dó. Com aquela barrigaça, não tinha figura espiritual nenhuma. Depois, ninguém o viu pintar, mas diz-se que ele cobria as telas com um grande pedaço de algodão, feito tenda, e se metia dentro para proteger a tela ou se proteger das peraltagens dos meninos da redondeza.

Estes moleques, todos filhos de família, tinham o topete de retirar a escada, quando o padre subia nela, para tocar o sino. Depois era um Deus nos acuda, para fazê-lo descer. O padre bufava, excomungava, esbravejava, mas, no dia seguinte, estava tudo esquecido. Quem pode com crianças?...

As paredes da Igreja de São Gonçalo foram levantadas com muito sacrifício e dinheiro curto. Para angariar material, todas as tardes, o vigário tocava o sino para reunir o povo com vasilhame de todo tipo, para trazer areia da beira do rio. Era uma folia, pura festa, ver toda a gente empunhando latas, até crianças carregavam latas de banhas, marca Porco, a do porquinho na bicicleta.

Era uma contribuição da infância, pois cada qual carregava o que podia. Physinha estava no meio. De laço de fita Pompadour furtacor, apanhando os cabelos do lado esquerdo, corria brejeira à frente daquele farrancho, que encontrava, nessa tarefa, mais um motivo de se divertir.

As moças aproveitavam a balbúrdia para agarrar furtivamente nas mãos dos namorados, o máximo que se permitia naquele tempo, exigindo a maior discricção. Os homens, por sua vez, atrasavam o passo, para vislumbrarem um furtivo pedaço de perna, quando as moças se abaixavam à beira d'água.

No retorno vinham cantando cantos religiosos, ou rezando o terço, puxado pelo vigário, ou por alguma beata mais convincente. Não faltava quem soltasse buscapé, à passagem do cortejo. De certo modo se homenageava a paróquia, na pessoa dos seus fiéis.

Physinha vibrava. Soltava-se das mãos de D. Teteia, ou da mucama (misto de babá e criadinha), e se mandava junto das outras crianças. Quando se aproximava da beira do rio, uma ou um dos garotos comandava o:

— *Bento... que Bento?*

— *Frade.*

— *Deus que vale?*

- *Vale.*
- *Da boca do forno?*
- *Forno.*
- *Tirei um bolo.*
- *Bolo.*
- *Pode fazer o que seu Padre Mestre mandar?*
- *Pode.*
- *Correndo, correndo, vê quem chega primeiro à beira do rio, para encher a lata de areia.*

Pareciam borboletas voando e refletindo no crepúsculo as vasilhas pendentes das mãos. Physinha não perdia essas caminhadas, como tomava parte nos saraus lítero-musicais que se realizavam em casas de famílias da Rua Quinze, nas salas espaçosas, como eram, cabendo para mais de cem pessoas sentadas. Lógico que se fazia necessário um bom piano, o que havia em abundância em Cuiabá. Cada Bechstein ou Ronisch,¹⁴ alemães da gema, o teclado todo de marfim, sonoridade espantosa e agradável, pianos aportados aqui, diretamente da fábrica, som nítido, não desafinavam nunca!

14 Marcas alemãs de piano, fundadas no século XIX.



Physinha recitava versos de Olavo Bilac ou Casimiro de Abreu, os das seletas escolares, e cantava, com muita graça, canções de Eustórgio Wanderley, enquanto dedilhavam ao piano trechos de ópera D. Mariquinha Alves Correia e D. Mariana de Campos, uma das moças mais bonitas daquela época.

O interessante era observar que estas reuniões, apesar de se prolongarem noite adentro, delas participavam e a elas assistiam crianças, desde tenra idade. Lembram-nos que foi ao escutar a marcha D. Carlos, executada por D. Mariquinha, uma exímia na arte pianística, que se nos despertou uma vontade incontida de também estudar piano.

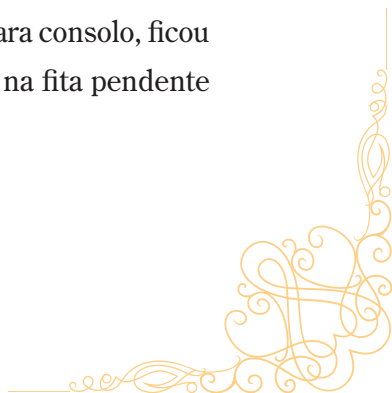
Physinha sobressaía das demais crianças, porque D. Teteia esmerava com a sua aparência. Desde a roupa de filós e laises, rendas e fitas esbanjadas na sua confecção. Donana de Anchieco e D. Carolina sempre estavam a voltas para copiar modelos das filhas de deputados federais que aqui vinham catar votos, tempo de eleição, ou a encomendar figurinos à D. Nhala Rondon, a primeira mulher de índole turística que apareceu em Cuiabá. Desde o tempo do marido e depois na viuvez, enfrentava a longa e aventureira viagem pelo Rio da Prata, até ganhar o oceano para chegar ao Rio de Janeiro, após vencer tumultuadas costas do Estado de Santa Catarina, cheia de perigosos escolhos.

Além do mais, o Coronel Gusmão gostava de ver a família

em evidência. Mãe e filha tinham colar de pérolas verdadeiras com cruz de brilhantes. Adereços completos de esmeralda e diamantes, além de um diadema de família, riquíssimo, que adornou o belo rosto de D. Teteia, quando casou e ficou esperando as núpcias de Physinha.

Para sobressair, creio eu, mais que pela caridade propriamente dita, o Coronel competia com outro comerciante forte, aqui do Porto, em donativos para a igreja. Se aquele enviava dez metros quadrados de mosaico, este rebatia com vinte. Se o primeiro doava vinte sacas de cimento, o segundo mandava vinte e cinco, pra ganhar. A bem dizer, as paredes da igreja foram levantadas por estes dois cavalheiros beneméritos, pois o primeiro era mesmo Cavalleiro de verdade, de comendas no peito. Um italiano que trouxera o título de sua terra e nesta terrinha amealhara fortuna e era merecidamente tão cavalleiro que, ao aproximar-se a inauguração da igreja, ele arrancou do teto os dois lampiões de prata de lei, lavrada, que adornavam a sua casa de morada, e os mandou levar ao vigário, para que os colocasse onde bem lhe aprouvesse.

Acho que este foi o gesto decisivo para que a sua filha fosse escolhida para madrinha do Cristo Redentor que deveria encimar a torre, ficando de lado a Physinha, que, para consolo, ficou de parceria com Elza Keller, só para segurar na fita pendente



do Santo. Estas duas ficariam, por assim dizer, na posição de madrinhas de carregar. Para quê?

O Coronel Gusmão rugiu, como um jaguar ferido, porque ira de coronel é diferente da do homem comum. Ele vocifera alto e envolve a família, com todos os achegos, para uma guerra total à igreja.

A estas horas, D. Teteia, de terço em punho, desfiava as contas para que os anjos e santos aplacassem a revolta do marido. Quanto impropério, meu Deus! por uma coisa que poderia muito bem ser relevada. Mas o Coronel já havia desfeitoado o padre Agostinho e o Diretor do Colégio, quando estes iam cumprimentá-lo; ele virou a cara acintosamente.

Agora ameaçava dar uma banana ao padre João Crispa, pois este, nas vésperas, estivera em sua loja e levava de graça parafusos, pregos e percevejos, que ele não cobrara, porque, pelos dizeres, a Physinha é que estava na bica para batizar o santo, isto é, a imagem.

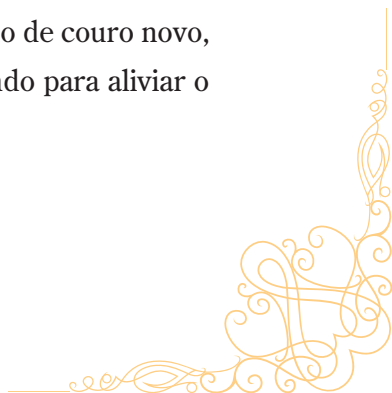
Padre de uma figa! Fora enganado por um homem de saia. Mas este haveria de ver. Enquanto isso, D. Teteia lembrava-lhe o marido de D. Chicuta, pois este, certa vez, bananeara frei Ambrósio, só porque o frade o viu saindo da casa de Sinhá Galinha, e o que aconteceu? pegou aquela paralisia no braço que o deixou com o cotovelo dobrado e a mão abanando, num aceno de

eterno *adeus*. Doença que, ao invés de inspirar compaixão, dava vontade de caçar. Também, o que ia fazer um irmão de mesa da irmandade do Senhor Bom Jesus em casa de moça dama? Mulher solteira, pra homem solteiro procurar de dia tamanho, fica feio, quando mais para um casado, pai de filho e amigo do bispo?

Eu sei dizer que nunca se viu no 2º Distrito uma festa tão bonita como a inauguração da igreja e a bênção da torre. As bandas de música do exército e da polícia quase não davam vez à *furiosa*, do Colégio dos Padres, enraivecendo o mestre Caracol, seu regente, doido para exhibir os seus inexperientes meninos. À tarde houve procissão e, à noite, animada quermesse, pois até o comandante soltou o pagamento dos soldados um dia antes e eles lotaram o pátio de verde-oliva. Ou ainda era uniforme cáqui?

A casa do Coronel ficou fechada durante os festejos. Ele se mandou com a família toda para o sítio do João Penso, que ele pretendia comprar, estando já em vias de fechar o negócio.

Boa ideia; iria curtir de longe a derrota e tomar ares da Chapada milagrosa para levantar até defunto da sepultura, quanto mais para sanar simples dor de canelas. Aquele cheiro de mato verde, o orvalho da madrugada, umedecendo a mata, o ranger do carro de bois, única condução segura para levar no seu bojo toda a família (só o que incomodava era o toldo de couro novo, que catingava um pouco), tudo foi contribuindo para aliviar o



ódio incontido do chefe de família, ferido no seu orgulho de principal, o preferido, sempre a estrela de todos os acontecimentos sociais e financeiros.

Deste lado a dor... vamos passar para o lado alegre.





A BAÍA DE NÁPOLIS

O nobre cavalheiro, progenitor da madrinha do Cristo, comemorou em casa, à sua maneira, a vitória da filha. Reuniu os amigos para uma macarronada ao vinho das campanhas italianas, com música de gramofone e cantarola. O vigário ainda foi agraciado com um caixote de vinho de missa, outro de saboroso LUCCA LIQUEUR, aqueles que traziam de brinde um finíssimo cálice de cristal *dégradé*.

O cavalheiro que procurava pretexto para ouvir suas canções napolitanas e beber bom vinho, cercado de amigos, neste acontecimento, encontrou motivação para vários dias de comemoração.

Aqui abro um parêntese para inclui nestas linhas a Baía de Nápolis: é que, assim como este simpático comerciante tinha facilidade para granjear amigos, com o mesmo fascínio pessoal, sabia difundir os encantos de sua terra natal, quer com palavras suasórias, quer com a divulgação de revistas e postais italianos, que você ganhava de brinde ao comprar na sua loja. Deste modo, ficou mais conhecida, entre nós, cuiabanos, a Baía de Nápolis

que a Baía da Guanabara. As mercadorias vinham diretamente da Europa. O Rio de Janeiro ficava mais distante e desconhecido.

Quando havia algum doente que precisasse de intervenção cirúrgica, se não iam a Montevideú, dirigiam-se logo a Nápolis, onde encontravam excelentes médicos. Tudo isto influência do cavalheiro, que sabia divulgar a terra pátria. Eu mesma me imbuí de amores e admiração à beleza da decantada baía, que eu só conhecia de cartão postal. Anos mais tarde, ao contornar a dita baía, achei-a tão mixuruca, de dar pena. Então já havia visto a enseada da Guanabara e nem termos de comparação havia para qualificá-la.

D. Teteia já conhecia Nápolis. O pai levou a mocinha para tratar de uns achaques. Physinha a conheceu mais tarde, em circunstâncias piores. Mas deixemos as divagações napolitanas e vamos chegar às medidas drásticas que o Coronel Gusmão tomou contra as congregações religiosas desta terra.

O seu grau de amizade com o Cavalheiro, seu colega de negócios, não se alterou. Muito pelo contrário; apresentou congratulações pela feliz escolha e estava escrito no cartão que acompanhava um cesto de laranjas temporãs, de seu próprio quintal, enviadas à “graciosa madrinha”.

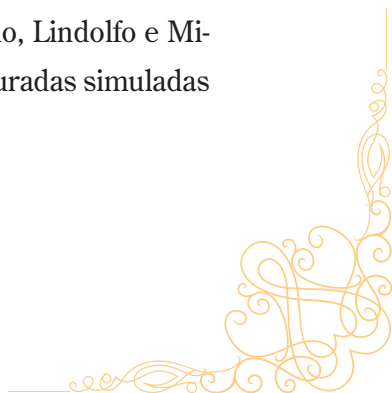
Bem que D. Catita vivia repetindo: “Vocês se enganam com o primo Gusmãozinho. Esse aí só tem verniz.” Isto dizia, quando

alguém se derretia em elogios ao Coronel, que era um homem bem lançado e de figura simpática. Mas a gente pensava que era dor de cotovelo, porque seu Vitória, marido dela, cheirava mal, parecia estar sempre ensebado, além disso escarrava e cuspiam no lenço.

Pois seu Cel. Gusmão retirou acintosamente e irrevogavelmente a Physinha do Asilo Santa Rita e ainda repetia alto e bom som: “Antes ter filha burra do que dar dinheiro para padre.” Acho, entretanto, que a verdade foi bem outra. A Physinha estava-se encorpando, virando moça e não se dava por achada. Mal os moleques da rua começavam:

*Bate barrete, que birebirão,
Conte bem que doze são,
Rapaziada sacudida,
Mata bugre no sertão.
Como carne com feijão
Na barriga do seu João — Um, Dois, Três,*

lá estava ela na rodada do Bate-Barrete, sacudindo os peitinhos recém-surgidos, na carreira desabalada dessa brincadeira. Sabem até o que ela inventava? Os irmãos Nilo, Lindolfo e Mi-loca, após as festas do Divino, organizavam touradas simuladas



com as tais cabeças de boi. Construíam camarotes embandeirados e convidavam famílias da vizinhança. D. Emília, avó dos três meninos, era muito conceituada, todos atendiam ao convite, pois gostavam de manter a sua amizade. Sabe o que fazia Marphysa? Prendia a saia com alfinete de fraldas, simulando calças, e pulava no meio do curro para tourear, feito um garoto.

Urgia, pois, tirá-la desse ambiente, para dar-lhe maneiras de moça distinta, corte de noiva de primeira, além de rica, bonita e prendada. Era este o sonho dos pais.

E o pretexto chegou a calhar, na horinha da silva.





O NAUFRÁGIO

O Colégio Sion era famoso nesse tempo. Acolhia as moças ricas de famílias importantes e tradicionais, não só do Rio, onde ele se instalava, como de quase todas as capitais do Brasil. Daquele recinto de escola saíam as estudantes falando o francês melhor que o português, sabiam escrever cartas em papel de linho, com aquela letra caprichada e uniforme como a dos antigos tabeliães. Que mais desejariam para Marphysa? D. Teteia arrumou um baú de couro de bezerro, marchetado, só para a filha. Roupas de baixo, de cambraia de linho, vestidos de seda e o uniforme seria comprado lá mesmo no Colégio. A própria D. Teteia caprichou com o que tinha de usar lá no Rio. Muita coisa, como boás, coletes, leque de plumas, com tala de madrepérola, meias de *baguettes*,¹⁵ *trousse*¹⁶ de ouro, os brincos de coral e diamantes, broches de camafeus, que ainda trouxera da Itália, iriam ser úteis no Rio, quando fosse visitar o Afonso Vizeu.

15 Bordado que enfeita a meia na região dos tornozelos.

16 Pequena bolsa de mão.

Dantes, todo pai que tinha filho estudando fora fazia um conchavo comercial com um negociante forte do Rio, ou São Paulo, tipo banqueiros, para que fornecessem as mesadas aos estudantes, e o ajuste final seria normalmente feito por carta, ou pessoalmente, quando os progenitores viajassem para recambiar os seus pimpolhos, devidamente encanudados, isto é, diplomados.

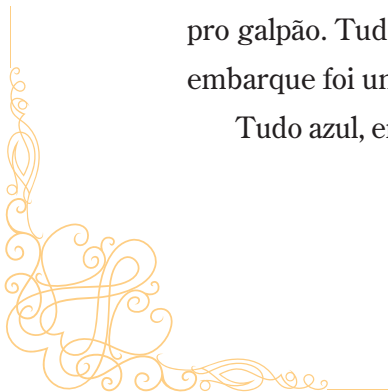
Vir durante as férias? Nem pensar; era quase impossível, por distante e dispendiosa a viagem.

Era assim que a cidade ficava despovoada de varões casáveis, porque os formados, quando voltavam, já vinham noivos ou casados.

O intermediário do Cel. Gusmão era Afonso Vizeu, amigo e credor. Além de ter negócios com ele, mantinha relações de amizade, e a primeira visita no Rio era sempre naquela saudável mansão, perto da Floresta de Tijuca. Neste ponto não haveria problema, pois o Coronel também se dava com os Guinle e os Gaffrée, as maiores fortunas da época, e também se carteava com os irmãos Murtinho, o que foi Ministro do Império e o da Farmácia.

Physinha nasceu em berço de ouro, diziam as comadres. Physinha nasceu *daquilo* pra lua, repetia o povinho, da cozinha, pro galpão. Tudo lhe saía bem, às mil maravilhas. Até o dia do embarque foi uma bela manhã ensolarada.

Tudo azul, enquanto navegava nas plácidas águas doces. Em



Corumbá, esperavam-nos no porto o Christian Cartens e sua família. Subiram a ladeira escaldante para almoçar com estes amigos, depois foram visitar a família San Pedro, a casa das moças bonitas, cada qual mais linda e simpática que a outra. (Tava aí mulher de barriga boa; só pôs beleza no mundo.)

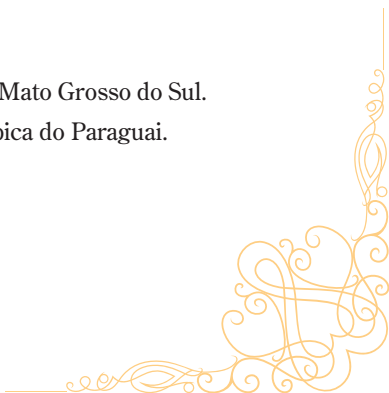
À noitinha, voltaram para bordo, batalhando com os mosquitos, até que a lancha se movimentou, em demanda a Porto Esperança,¹⁷ onde deveriam mudar para a embarcação de grande calado.

Esquecíamos de dizer que a parada em Corumbá foi para a permutação com a Fernandes Vieira, que sempre levou àquela cidade os passageiros despejados pela Iguatemi ou Eolo, e outras lanchas de pequeno porte. Em Porto Esperança demorariam alguns dias, apesar de toda a falta de conforto, mas o Cel. deveria fazer alguns contatos com o pessoal da Alfândega, porque ele tinha alguns lotes de mercadorias encalhados, não sei por quê?

Assunção era ainda muito atrasada, mas a família Gusmão tinha muitos conhecidos e D. Teteia sempre aproveitava para abarrotar as malas de toalhas e mantilhas de nhanduti¹⁸ e comprar joias de ouro.

17 Povoado situado às margens do rio Paraguai, em Mato Grosso do Sul.

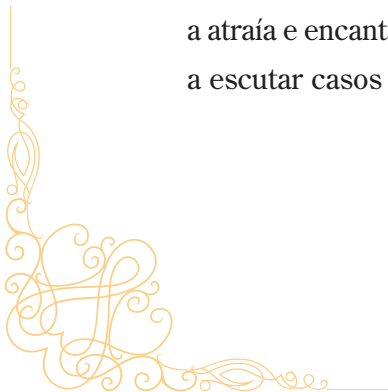
18 Tipo de renda que lembra uma teia de aranha, típica do Paraguai.



Foi aí que a viagem propriamente dita se iniciou. Embarcaram no Órion, um dos melhores navios do Loide Brasileiro. Camarotes confortáveis, tombadilho vasto. A sala de refeições toda arrumadinha, com um piano em estrado; até a casa das máquinas era uma complicação edificante. Os moços de bordo a dizer: “com licença, madame...”, “perdão, madame...”. Um mundo novo para Marphysa, já que D. Teteia cruzara o Atlântico em viagem longa. Os companheiros de viagem logo se relacionaram; foi uma sorte encontrar tanta gente simpática reunida.

A descida do Prata foi a mais divertida possível. Homens, mulheres e crianças entrosados na mais sadia cordialidade. Ora um barco que singrava o grande rio, de arrepio, ora a lua se esgarçando entre nuvens, era motivo para agrupar todos no convés.

Marphysa não se dava conta dessas exterioridades ou dessas cenas contemplativas; ela descobriu a brincadeira dos meninos já taludos: descendo, às escondidas e a cavaleiro, o corrimão da escada, ela deslizava também, sem que ninguém percebesse, numa louca sensação de prazer e medo. Depois ia contemplar o movimento cadenciado das máquinas, aqueles braços que subiam e desciam, numa cadência ritmada, e mirar as bobinas, como duas grandes ampolas, num vaivém sem fim. Como aquilo a atraía e encantava! Preferia ficar ali ouvindo a música metálica a escutar casos bobos das meninas da sua idade. Mas, de um



modo geral, não as abominava. Elas lhe ofereciam bergamotas e pêssegos, frutas que em Cuiabá não havia.

Enfim, foi esta a viagem mais divertida do mundo. Se fôssemos dedicar umas linhas a cada passageiro não findaríamos nunca este capítulo. Até fez esquecer à Fiinha que a meta fosse um internato, embora esta ideia não a amedrontasse e, apesar da novidade de conhecer o Rio, bem no fundo a desgostasse um pouco. Não tinha vocação para viver engaiolada.

Tudo corria muito bem, até que o navio saiu da barra e entrou no mar. Aí todos foram-se apagando. O mar estava encapelado por toda a costa sul. Os barcos pesqueiros, que se aventuram ao largo, eram atirados para o alto, parecendo se arrebentar quando as ondas desciam.

Até o pessoal de bordo começou a se nausear. Physinha teve um enjoo tal, que logo ficou pele e osso de tão abatida. Não havia o que parasse no estômago da menina, o que impressionou D. Teteia, que resolveu interromper a viagem no Porto de Rio Grande, até que ela se recuperasse. O médico de bordo corroborou esta resolução e a família do Coronel desceu com armas e bagagens na cidade do Rio Grande. Vendo-se livre daqueles terríveis balanços, a menina, que sempre vendeu saúde, foi-se recuperando e cobrando logo a cor.

Convencionou-se de que seguiriam num grande transatlân-

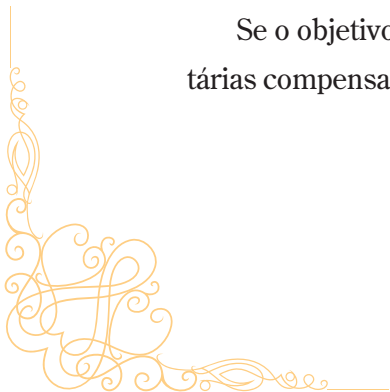


tico, de maior estabilidade, que deveria passar por ali dentro de poucos dias. Mas, antes de acertarem os ponteiros, veio a notícia lacônica e estarrecedora: o Órion naufragara ao se aproximar do porto de Florianópolis; poucos se salvaram. A cerração intensa não permitia divulgar os vultos que se debatiam às águas tumultuadas pelo vendaval, logo após o navio foi jogado contra um penhasco, adernou e sumiu.

D. Teteia, quando soube, lhe deu pressa de retroceder. Aquilo lhe parecia um agouro. Salvo fosse um aviso para não deixar a menina tão longe, em mãos estranhas numa cidade que só então principiava a se higienizar, com o Oswaldo Cruz: sua única filha mulher, suscetível a uma epidemia de peste bubônica ou de febre amarela, pois não sei se a gripe espanhola já havia assolado o Rio de Janeiro. O melhor era fazer a meia-volta-volver. Assim de surpresa retornaram a Cuiabá, justo na quadra das touradas, onde mãe e filha puderam exhibir os chapéus comprados em Montevidéu.

Foram muitos Oh! Oh! ou Ohs! de encantamento. O de D. Teteia tinha um veuzinho de tule e plumas de pavão; o de Physinha era de palhinha Bangkok, trazendo um cachinho de cerejas preso na fita que o contornava.

Se o objetivo da viagem malogrou, o sucesso das indumentárias compensaria fartamente, deixando nos chinelos todos os



chapéus da Casa Euphrosina,¹⁹ que passeavam pelo curro, enfeitando as cabeças das cuiabanas, que só nesta ocasião tinham oportunidade de usá-los.

19 Loja em Cuiabá que vendia itens importados e refinados.





A ESCOLA MODELO

O jeito foi mesmo matricularem Physinha no Grupo da Cidade, como era chamada a Escola Modelo Barão de Melgaço, no 1º Distrito da capital.

Peixe Frito (Grupo Escolar Senador Azeredo) tinha excelente corpo docente, mas a maioria dos moleques que o frequentavam sabiam nomes feios e poderiam tornar Physinha mais sabida, ela que já convivera fartamente com eles, jogando bolita no Beco do Gé.

Physinha era de fácil adaptação; logo aprendeu com as outras colegas a passar de um banco para outro, com o ônibus andando. A sua merenda de bolo para piquenique recheado com chocolate, ela o trocava por queimadas de rapadura, feitas por Corinta. Eram douradinhas e muito gostosas. Isto provocava certa inveja às gurias, cujas posses não iam além de merenda de bananinha, ou uma ponta de pão, daqueles de quatrocentos réis, com manteiga de nata feita em casa. O pior é que a nossa heroína ia assimilando rápido o que havia de bom e de mau nessa convivência prolixa. Em família já se associava às moças que,

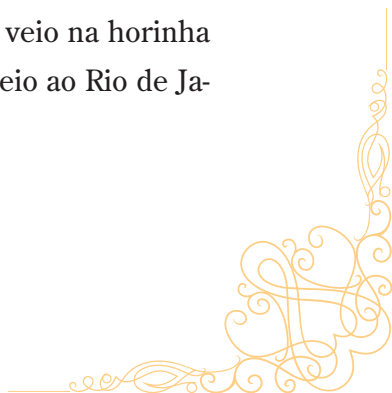
para trocarem segredinhos, faziam rodas de conversa, cada qual com um rolete de fumo, a tal bonequinha, como chamavam, para escovar os dentes e trocar confidências. Hábito que os moços deveriam ignorar, pois eles abominavam tal costume. Diziam que era maneira disfarçada de mascar fumo.

No colégio, ela logo se agrupou nos magotes que cabulavam as aulas para ir ver de perto o Candimba, espécie de homem e monstro que ficara nesse estado por ter batido na própria mãe.

Apesar de estar já assumindo ares de mocinha e vir dando queimadas (viradas), quando lhe assobiavam o coió, pois não perdia uma, a desenvoltura física que a fazia passar por moça de dezoito anos tendo apenas treze, o desembaraço no falar e nos modos lançaram-na precocemente na sociedade casadoira de então. E, quando ia às festas, não lhe faltavam companhias masculinas.

Aqui, sempre houve muita prevenção contra adventícios: moço chegado de fora era visto de queixo torcido, olhado de soslaio, não pelas moças, mas pelos rapazes, que se ralavam de inveja. Eles sempre se apresentavam como mais insinuantes e espirituosos, pois a sua vivência era bem mais rica do que os que viviam limitados entre o morro de Santo Antônio e o Ribeirão, o Coxipó e o Pari.

Após dois anos nesse ramerrão de vida, veio na horinha mesmo o convite da madrinha para um passeio ao Rio de Ja-



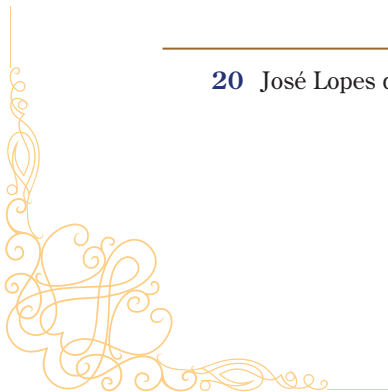
neiro. Os mares estariam mais calmos e Physinha não sofreria outro malogro.

Iniciadas as férias, embarcaram sem data marcada para o regresso. Choviam as fotografias; a Dindinha queria mostrar-lhe tudo: a cascatinha da Tijuca, a Avenida Central, a Rua do Ouvidor, que iam para o *footing*, o Park Royal, para as compras, a Confeitaria Colombo, onde elas, espelhando-se nos cristais dos grandes espelhos da parede, iam tomar chá com torradas, às cinco da tarde, ouvindo uma orquestra de cordas, com acompanhamento de piano. O Teatro Lírico, a Avenida à Beira-Mar, o passeio em Paquetá, o Corcovado e o Pão de Açúcar, com as fotos de estilo, enfim, tudo o que o Rio bonito, vadio e pacífico daquela época oferecia a quem tinha o seu pé-de-meia e soubesse como aplicá-lo.

“Um banho de civilização” é como chamavam uma *tournéé* à cidade que mais tarde se apelidou de Maravilhosa.

Estes seis meses contribuíram mais que as tarefas de Sea Mestra Maria Luzia, ou que as aulas particulares da professora Maria Dimpina, um modelo de cultura, invejada por todos os pais de Cuiabá. Personalidade forte, esta senhora era um Lopes Trovão²⁰ de saias; brigou muito com os cocheiros de bonde,

20 José Lopes da Silva Trovão (1848-1925), médico, jornalista e político

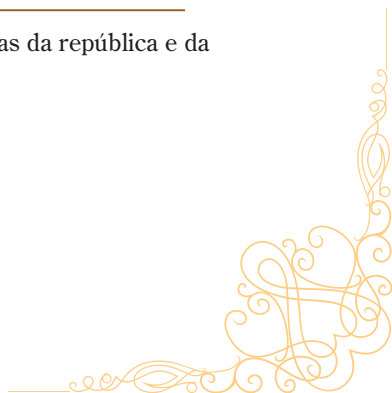


primeira condução coletiva, para que estes condutores não maltratassem os animais. Muitas senhoritas da sociedade tomavam aula com esta jovem inteligente e preparada.

Se Physinha, na escola, aproveitou os conhecimentos de linguagem e de cálculo, melhor se aprimorou em ademanes e maneiras cativantes.

O passeio ao Rio de Janeiro, já disse, foi uma enciclopédia que lhe abriu horizontes novos, de tudo, tão diferente do longínquo e limitado berço natal.

brasileiro, foi um dos mais ativos propagandistas da república e da abolição da escravidão.





A FESTA DA GUIA

Todos notaram diferenças profundas, não só no físico como nos modos de Physinha. Verdade que ela se embonecara. Tantos atavios, vestido da última moda, o modo de falar, levemente chiadinho, deram-lhe um encanto novo a quem já desperdiçava encantos.

Também ela aboliu esse hábito de passar o dia em casa de amigas. Trocar de roupa, calçar chinelas, não havia mais tempo para isso. Tinha de burnir as unhas, cuidar dos cabelos, proteger a pele, a cútis, como diziam. Quando muito se reunia para um chá, onde havia de tudo menos chá e a conversa incluía sempre rapazes da sociedade. Ela era contra essa história de namorar com pau de cabeleira, nem de namorado ficar tomando gargarejo na janela, com a namorada feito Julieta, derretida em seu balcão.

Passar de ônibus, do Porto à Cidade, é programa para quem nunca viajara nem vira coisa melhor. Os seus divertimentos se limitaram à retreta no Jardim Alencastro, às quintas e domingos, quando a banda se instalava no coreto, com programas de valsas sentimentais e *ragtime*, ou alguma sessão de cinema no

Barracão de zinco, onde hoje se situa o Banco do Estado. Às vezes, porém, ela pensava que não pagava a pena se enfatizar toda, para assistir àqueles filmes tão arrebatados, que até se perdia o fio do enredo.

Melhor era o cineminha do padre Guilherme, mais pela folia dos companheiros, que iam para fazer troça, se divertindo à custa da ingenuidade do vigário, que tentava explicar as cenas da tela.

Mas foi numa festa de Santo, no município, ou acho que ainda na vila da Guia,²¹ que Physinha encontrou um derivativo, para quebrar a monotonia da vidinha do interior.

O compadre Inocêncio sempre aparecia com a caixinha de Santo. Uma caixa de sapatos, com um santinho arrodado de flores de malacacheta, onde os devotos iam pingando os níqueis e as notas. Mas isto era mais uma penitência, de promessa antiga, desde o tempo em que ele pegou um ramo de ar, por certo um sintoma de paralisia infantil, desconhecida na época.

Voltando à festa, o compadre Inocêncio não precisava nem pedir esmolas. Tinha um sítio bem lançado no lugarejo da Guia, que mais parecia uma fazenda, onde havia de um tudo. Gado

21 Guia é um distrito do município de Cuiabá.



leiteiro, porcos, cabras, plantação de perder de vista de feijão, arroz e milho, uma roça bem fornida. Como se ralavam de inveja os vizinhos!... Frutas de toda a qualidade apodreciam no quintal. E a festa de Inocência já estava adquirindo foros de festa nacional, porque os preparativos durante o ano eram muitos e, quando se aproximava a quinzena dos festejos, só se falava na festa da Guia.

O Coronel sempre ia com toda a família, não para prestigiar o compadre como para agradar um freguês, bom pagador e melhor comprador. Levava todos os de casa, indo dois dias antes, porque sabia das melhores acomodações que eram reservadas a eles. Além do mais, a mesa era farta e tudo muito bem preparado.

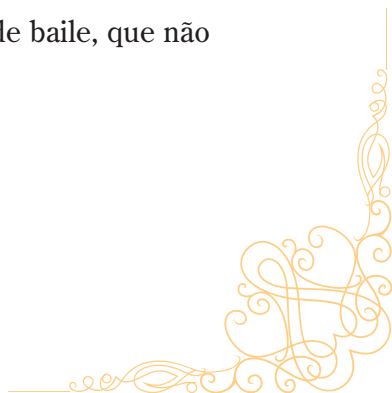
Imaginem que ceia naquele tempo só havia a do Bode Preto, como era chamada a maçonaria; e, na festa da Guia, havia três dias de almoço, jantar e ceia. E o baile, já viu tamanha animação? Mal saíam da moda aqueles bailes chatos que o pai elogiava tanto, porque, quando a música parava, os pares andavam de braços dados, passeando em roda do salão. D. Teteia ficava horrorizada com tamanha falta de respeito. Mas Physinha vibrava, porque, quando caía com um mau dançador, era fácil se desgrudar dele e sumir, no bolo do povo.



O que dava muito nessa festa eram rapazes, porque, com a condução difícil, eles, como homens, se aventuravam mesmo a cavalo. Depois, moço se aboleta em qualquer parte, em quartos improvisados a repúblicas, já que a boia era garantida na casa da festa, e muitos até se alojavam na casa do padre, que era junto à igreja e tinha bastantes cômodos.

Não haveria de ser em outro lugar que Physinha conheceria Theobaldo Luzardo. Uma figura nova, por sinal bonitão, elegante e bem-vestido, alto e desempenado, destacando-se no meio dos moços franzinos e quase todos encurvados, creio que por timidez. Afinal, os moços daqui eram muito bem alimentados, pois, nesta cidade, o que não faltava eram os alimentos, tendo muito peixe e muita fruta, só que ninguém praticava esporte, a não ser em algum jogo esporádico do Tupi ou do Tiradentes, onde poucos levavam com afinco esta ação de jogar, sendo a maioria composta de amadores e alguns poucos cafuçus mais assíduos.

Não se pode dizer que foi amor à primeira vista; foi mais que isso. Feitiço no duro. O rapaz olhou, deu uma queimada, ela sorriu e à noite, no baile, após a novena, estavam de par fixo. Nem houve tempo de saber quem era quem e de onde viera. Para quê? ela gostou e se acabou. Theobaldo fazia figura onde quer que estivesse, quanto mais num salão de baile, que não



era bem salão: uma sala comprida de tijolo cru, seguida de um empalçado,²² onde ficavam a banda e a ucharia.

Dançaram sem se importar de dar na vista, com tão pouco tempo de conhecimento. Ela queria saber que escolhera o par mais bonito e que provocava inveja na moçada, que cochichava de despeito. Não por falar mal, mas reprovavam tanto desembaraço de Physinha.

Ela nem se deu por achada. O seu jeito era e seria esse, doesse a quem doesse. O namoro continuou nesse ritmo, vindo logo o noivado, com D. Teteia tenteando para não fazer um casamento apressado e dar o que falar.

Enquanto as órfãs do Asilo Santa Rita, já em boa paz com a família, bordavam peças e mais peças de linho e cambraia, desmanchados em lençóis e toalhas de mesa, Physinha atraía olhares basbaques com a sua desenvoltura. Pau de cabeloira, ou velas, jamais admitiu. Nem segurou chapéu de palhinha de

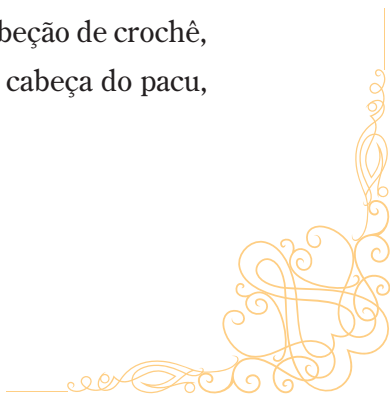
22 Segundo TOMMASINO (1995), construção rústica feita de “uma armação de estacas coberta com folhas de palmeira”. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-27102016-121947/publico/1995_KimiyeTommasino.pdf. A palavra não se encontra no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa.

seu ninguém. As mãos ficariam livres para acariciar os cabelos bastos e sedosos do noivo.

As suas coleguinhas, que deixavam os namorados gargarejo ou plantados na esquina, ficam bispando o adiantado idílio, quer a olho nu, quer pelas frestas das persianas.

Que tinham grande inveja, tinham; mas cadê coragem de fazer o mesmo? Para se agarrar um noivo, então, a disputa era ferrenha. Poucos rapazes em condições de assumir um compromisso sério. Os que iam estudar fora dificilmente vinham passar as férias; tanto tempo distante, se deixavam alguma namorada guardando ausência, esta podia se preparar para pentear Santa Catarina, se não se conformasse com algum moço sem diploma e anel no dedo, pois que os pretendentes futuros já se formavam noivos de outras.

Era muito raro aparecer um assim como o Theobaldo, devoluto e disposto a casar. Muitos, quando aqui arribavam, ficavam tontos com o mulherio casadoiro, de montão, a prodigalizar gentilezas, com o fim de fisgá-los. Eram almoços, cafezinhos daqui, licorzinho d'acolé, agrados de toda a espécie. Houve até um caso que se generalizou: coar o café na fralda de camisa da moça para atrair o rapaz. Esta peça era a mais íntima do vestuário feminino, uma espécie de combinação, com cabeção de crochê, geralmente. Outras impingiam aos incautos a cabeça do pacu,



tiro e queda para não deixar o cabra partir sem estar casado. Physinha não precisou destes artifícios; ela tinha encantos pessoais para dar e vender: bonita, simpática, educada e rica. Tudo previa um casamentão, até que a morte os separasse.





O CASAMENTO

A azáfama daquele dia, aliás, desde a sexta-feira, tomou ritmo acelerado. Uma semana antes, já as mãos de pilão não se detinham: fubá para isto, fubá para aquilo, entra e sai de gente, gamelas cheias, na cabeça de vendedoras, já que os carrinhos de verduras não estavam ainda divulgados. Além disto, muita coisa havia chegado do sítio, a bem dizer, um fazendão, que, modestamente (para inglês ver), o Coronel teimava em chamar de sítio.

O vestido de noiva veio do Rio de Janeiro, da Casa Canadá, que se iniciava, dirigida pela jovem Mena Fiala. De pronto, não agradou ao sabor caipira, pois havia pouco brilho. Nada de lantejoulas e canutilhos, mas o corte, o acabamento eram impecáveis, e, no corpo de Physinha, emprestava-lhe um aspecto de ânfora grega. O véu foi o mesmo de D. Teteia; havia vindo de Paris. Renda francesa, algo impalpável de tanta finura, cuidadosamente guardado, envolvido com papel azul de seda, para as bodas das filhas que tivesse.

O diadema de brilhantes era o mais lindo e valioso da cidade. Batia longe o das moças da casa Orlando, trazido da Itália, e o da comadre Delfina, uma senhora rica do Rosário Oeste.

Parecia que o casamento constava de um dilúvio de comes e bebes, pois só se falava em aumentar a quantidade de petiscos. “Não quero festa de erguer bandejas ao alto, para tentar bolos e doces entre os convidados”, dizia D. Teteia. “Quero que deixem tudo ao alcance de todos, mesmo que eles avancem. Que o feio não seja para mim, trazendo mais convidados que as comedorias.”

Senhora da alta, ela reparava aquelas festas em que os garçons, ou mesmo pessoas da casa que serviam em festas, levantavam as bandejas para o povo ou para convidados sem categoria, para abaixá-las só junto a autoridades. “Quem não pode com o tempo, não inventa moda!”

Felizmente, tudo correu de acordo com o figurino: um lindo sábado de sol (ainda não haviam mudado para sexta-feira, como atualmente a data das bodas grã-finas); um lauto almoço, desses como das festas do Divino Espírito Santo, de mesas e mesas que se revezavam, quase até as quatro horas da tarde, e a limpeza relâmpago da casa para a cerimônia civil e o baile.

Já não me recordo se o casamento civil foi antes ou depois do religioso. Havia então uma hora determinada, não ultrapassando das dezoito horas, creio, para se realizar este ato. A igreja que esperasse.

O cortejo foi a pé, pois era perto, na Igreja de S. Gonçalo; mas os noivos foram no melhor carro da Garagem Mecchi, o Landolet,

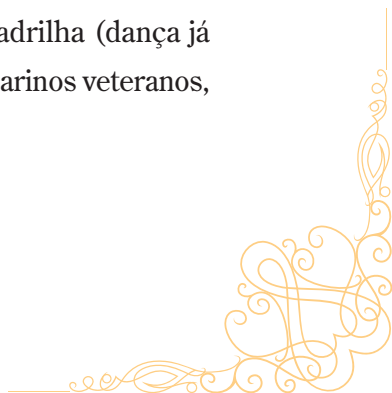
que só conduzia o presidente e o bispo. Quando se inaugurou a era dos automóveis aqui, havia apenas este Landolet, um Fiat grande vermelhão, com duas cadeiras suplementares atrás, e quatro Fords de Bigode. Parecia pouco para toda a população, mas não era, porque carro não era para qualquer bolso; no Brasil ainda não se fabricava, o que dificultava a sua aquisição.

Além do mais, havia muita gente de posse que preferia morrer, e morreu mesmo, sem nunca usá-los, com medo da velocidade dos tais veículos. Aos poucos, quando foram perdendo o medo, é que particulares mandaram vir outros carros para o seu uso pessoal. Depois, havia as tais maniveladas, para fazer a máquina funcionar. Um coice de manivela, como diziam, era deslocar o braço na certa.

Voltando ao casamento, só se tem a elogiar o lindo par que descia da condução de luxo, adereçada de cortinas brancas e flores de laranjeira, naturais, esparramando no ar um aroma adocicado.

A cerimônia foi linda, sem cantoria, porque isto não estava ainda em voga; só o sermão do padre é que foi de sete léguas. Este não podia ver o templo apinhado, deitava o falatório e se esquecia de finalizar.

O baile foi a coroação da festa, com a quadrilha (dança já agonizante) dos noivos, com a parceria dos bailarinos veteranos,



os compadres, as comadres ainda supitadas²³ nos seus espartilhos e a moçada já aderindo à moda nova, todas de carnes soltas, bem à vontade, cintura baixa.

O Dr. Florêncio no comando, com o seu francês melífluo de um estágio na Cidade Luz: “*En avant tout.*” “*En arriér!*” Ficando preterido o Candinho, que era o marcador do Porto. Mas vê lá se o Gusmão iria permitir esse vexame! Ele não falava língua estrangeira, mas tinha bom ouvido para perceber que o Candinho trucidava o idioma de Lamartine e Dumas, dizendo: “Alavantú.” “Ana rié!” Quem deu vexame mesmo foi o Dr. Trindade. Geralmente os doutores desse tempo, por serem poucos e muito visados, procuravam manter uma certa linha, escondendo muito bem os seus deslizes.

Em casa, poderia não faltar com uma cachacinha Tamandaré; na rua conservavam-se abstêmios. Mas o Trindade, inteligente e bem falante, que já visitara e mesmo estudara, desde o ginásio, na Europa, pois sua família era do Pará, e do Pará para Paris era um pulo, que virou caminho da roça; o nosso doutorzinho, que era jovem e solteiro, abusou do Veuve Cliquot, champanha francês de primeiríssima, que rolou na festa do casório.

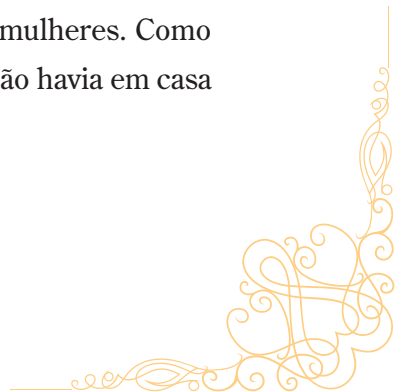
23 No linguajar informal de Cuiabá, significa aquela que comeu demais.

No meio da quadrilha, não bem no meio, porque as quadrilhas têm cinco partes; da segunda para a terceira parte, ele abriu o faleiro. Um elogio aos múltiplos dotes da noiva, inclusive os financeiros, e não se acabava mais o rosário de elogios. Mário, seu companheiro de república, dizia-lhe ao ouvido: “Vê se paras no umbigo...”. Batiam palmas, toca a música, aqueles compassos proverbiais de fim de falas, mas o orador esperava silenciar e continuava a sua loa.

O pior é que, ao passar para a figura do noivo, titubeou; só então se deu conta de que pouco se sabia da ilustre figura do noivo; nem profissão, nem ascendentes, ninguém viera para o casamento, o que desculpavam pelo apressado da sua realização.

Foi bom; o orador, de chofre, improvisou uma peroração contundente e a dança continuou. Um parêntese, para enterrar logo o Dr. Trindade. Mais tarde, passados alguns anos, não tantos que lhe deteriorassem o físico desenvolvido e elegante, ele se deslocou para o sul do Estado, dando cumprimento à carreira jurídica. Mas levava consigo, já como hábito inveterado, as doses de cachacinha, que se foram amiudando rápido.

Começou entre os colegas de “república”, antes do banho frio ao redor do depósito de cimento, para esquentar o corpo. Sempre achei os homens mais moles que as mulheres. Como chuveiro de água quente era objeto de luxo, não havia em casa



de aluguel o jeito de se aquecer de outra maneira. Um trago para esquentar, outro para espaiar, outro para aquecer, levou longe o nosso causídico. Quem o viu, mais tarde, por Três Lagoas, levou um choque: encurvado, desmazelado, bêbado, não mais se preocupando com a aparência, parecia um saco de ruínas. Morreu antes dos trinta e cinco anos, de doença de peito.

Como era uso na época, o casal fugiu no fim da quadrilha, não deixaram ninguém perceber, para não esfriar o baile.

Mas tomaram destino certo: uma das casas de propriedade do Coronel entre as muitas que ele possuía na Cidade. Foi mobiliada simplesmente, porque o marido, a cabo de um ou dois meses, pretendia viajar.

Estes planos estavam um tanto abstratos, mas Theobaldo tinha certa maneira de expor suas ideias, com convicção e redundância, que, mesmo faltando clareza, você se dava por satisfeito com as suas explicações. Depois, a gentileza, o sorriso cativante esbarravam qualquer pergunta indiscreta.

O melhor de tudo foram os comentários internos e externos. Todos concordes em achar um casamento e tanto. Acontecimento de arromba. Na varandinha de almoço (hoje com o nome de copa), Domingas repetia na sua maneira específica de comentar: “Home, mea dona, casamento como esse nunca vi; comelância, bebezãima e a alegria dos convidados!”

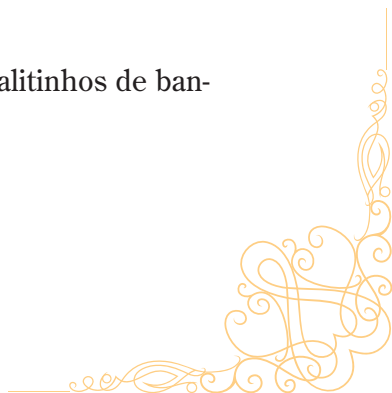
Leonízia, que parou no tempo e no espaço das bondosas senhoras, moradoras do Porto, DD. Relinda e Alexandrina, contava: “Estava muito bonito, mas, no tempo de madrinha Relinda, casamento durava dois ou três dias.” Ela contava a festa pelos dias de comedoria que se serviam aos convidados, que vinham dias antes se aboletar na casa da noiva, com pretexto de ajudar.

Só sei que deu pano para mangas este acontecimento, desde o caso da defunta aos coletes rendados da Antonina.

As irmãs Barbedo eram três: simulavam mal-estar, falta de ar, para se lhes desabotoarem os vestidos e exibirem os coletes entremeados de rendinhas valencianas, verdadeira obra de arte na confecção. Mas os acessos das irmãs já estavam muito manjados, que ninguém se incomodava em socorrê-las. As moças diziam entre si: “Vocês já foram ver o calote do dia?”. Também eram tão feias — tinham boca de Sopra-Fogo, aquele peixe de água doce... — que precisavam apelar de qualquer maneira.

O bedengó de Siá Dona saiu pro largo. Nem dia de gala mudou de penteado!... Isso era do tempo em que se amarrava cachorro com linguíça! “Vestido lindo, o da Lavínia, combinando com a sua pele de pêssego, filó creme e rendas no tom, cada entremeião largo, em forma de pala-cadeira! Bolsa de filó, tipo sacola, forrada de cetim. Última moda!...”

E as bandejadas de bom-bocados, com palitinhos de ban-



deirolas?... D. Benedita fez bandejas e bandejas enfeitadas de angélicas de papel de sobra, trazido da Gazeta Oficial, e cheias de mães-bentas e quindins.

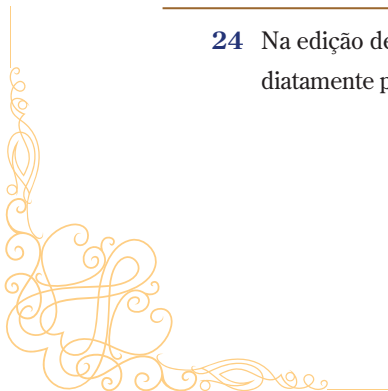
D. Carlota Ponce fez o bolo inglês. Não havia batedeiras mecânicas, ou elétricas; foi no duro pulso mesmo, rodadas naquelas batedeiras de pau, feito hélice, na mão de uma só pessoa, para não desandar.

E as empadas? A família do Bié²⁴ trouxe o segredo do Rio e as enformava de portas fechadas. Nem as empregadas viam de perto. Era só povo da família, para não copiarem a feitura.

D. Teteia prova daqui, experimenta dali, inventa dacolá e saem douradinhas e saborosas as empadinhas, como as da família do Bié. Poderia até tirar patente, se já não fosse invento conhecido.

Felizmente e graças a Santa Terezinha, cuja devoção estava entrando em voga, tudo correu bem. Isto é, se não fosse o quase!...

24 Na edição de 1981 estava “Rié”. Considerando que, no parágrafo imediatamente posterior, vê-se a grafia “Bié”, optou-se pela uniformização.





O QUASE

Para bem de todos, ainda não se usavam os violentos chás de panelas, que ora proliferam por aqui. Não sei de onde importaram este ato horroroso e selvagem. Vou-lhes contar um desses chás a que assisti há poucos dias.

Chá de panela, também chamado de chá de cozinha, atualmente é uma brincadeira entre mulheres, pelo menos por enquanto, mas, no Rio e S. Paulo, há o Chá Misto, em que tomam parte moças e cavalheiros. O desenrolar desse tipo de chá não conheço. Voltemos à nossa descrição: uma pessoa, bem chegada à noiva, organiza a festa da seguinte maneira: relaciona as diversas necessidades (pequenas) da nova cozinha e, ao distribuir os convites às amigas e colegas da noiva, solicita um objeto apresentado. No dia e hora aprazados, as convidadas vão chegando, trazendo o pequeno presente, que pode ser: coador, tábua para carne, escorredor de pratos, escorredor de talheres, saboneteira, desentupidor de pia, pá de lixo, etc. Esse presente é entregue a uma amiga, destinada para tal, a qual escreve no embrulho o nome de quem o deu. Enquanto a noiva não aparece,

servem-se salgados ou doces, acompanhados de refrigerantes. Ultimamente, tem-se valorizado a “prata da casa”, servindo aos convidados carne com arroz e farofa de banana.

Surge a noiva feito *Judas*, boa para ser malhada no sábado de aleluia. Geralmente está vestida de uma roupa antiga, um quimono da mãe, por exemplo, ou uma peça de há vinte anos atrás, que chega a causar hilaridade. Traz os olhos vendados por um lenço escuro. Da-se início à brincadeira de mau gosto, é bom que se frise. Uma amiga toma um presente embrulhado e o passa, *rapidamente*, às mãos da noiva, a fim de que ela adivinhe o que é. Dificilmente ela o saberá, dada a rapidez com que o objeto lhe chega ao tato. À medida que a noiva não acerta, é submetida a um castigo, que poderá ser: gole de cachaça, ou outra bebida alcoólica, especulações das mais cretinas, como estas:

— No seu noivado, quantas calcinhas suas seu noivo rasgou?

A resposta é ainda mais surpreendente: “Nunca me aconteceu isso, pelo contrário, eu é que tomo essa ofensiva.”

Isto, para moças entre 17 e 20 anos, que representam a elite da sociedade local, é de se amarelar!

Novo presente é levado às mãos da noiva. Se adivinha, muito bem; caso contrário, será submetida a novo castigo, que poderá ser o começo da sua nudez. A assistência, somente mulheres, repito, exige que ela tire uma peça qualquer do seu vestuário, ou

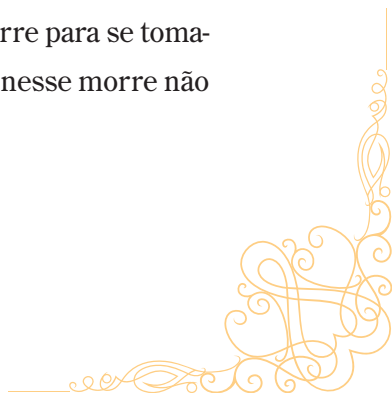
uma peça com a qual se adorne. Como os presentes ofertados são muitos, a noiva acaba pelada!

A plateia exige então que se destaquem as partes mais íntimas do corpo da noiva; a líder da brincadeira pinta com o batom os seios e as popas, desenhando um cupido. Neste Chá, que da bebida só tem o nome, a noiva ficou encabulada e tão encurvada que mais parecia um feto no ventre materno.

Physinha estava livre disto, porque tal vandalismo não havia então, bem como não se usava levar presentes, que hoje abarrotam a casa dos noivos, o que é uma coisa vantajosa, pois, se eles ainda não têm *métier* certo, o que muitas vezes acontece, podem iniciar a vida nova abrindo uma *boutique* com o material ganho. Deixemos os chás de panelas e vamos ao *Quase*.

Às vésperas da cerimônia do casamento, passa mal e entra em agonia a mãe de Jovina, uma das serviçais da casa. Todo mundo cai em pânico. Não pela Jovina, nem pela moribunda, mas o X é que a candidata a defunta (já que o seu mal era de morte) se alojava em uma das casinhas, de uma fileira delas, que se alongavam pelo beco, em prolongamento do quintal da residência do Coronel, e todas elas de sua propriedade.

Recepção e baile de um lado, em seguida, morte e velório não dava pé; ia dar o que falar. Foi um corre-corre para se tomarem providências enérgicas, pois, com a velha nesse morre não



morre, nada se poderia fazer. Mexer com ela seria temerário. E, temendo um castigo, o Cel. Gusmão resolveu aguardar os acontecimentos entre baforadas do seu palheiro fumegante; mas fiando na vela acesa para Santa Rita dos Impossíveis e nas orações a Santa Terezinha, para um feliz (ou infeliz) arremate, pronto e rápido.

Esta última santa estava sendo redescoberta em Cuiabá, como já dissemos; seus aficionados eram poucos e assim, em disponibilidade, ela dava o troco ligeiro às solicitações mais difíceis. Daí as inúmeras Terezinhas que, de promessa, surgiram desde então.

Logo um rapazinho esbaforido veio com a triste porém tão almejada notícia. Imediatamente, na cuca do honrado chefe de família, deu-se o estalo de Vieira. Levassem de pronto o cadáver, ainda quente, da mãe de Jovina para a casa da outra filha, a Alice, muito mal porém casada, moradora do bairro do Terceiro de Fora, à beira do rio.

Embrulhada às pressas num lençol e posta numa rede pendurada num varal grosso, a finada foi levada por dois carregadores à casa de Alice. D. Teteia e algumas amigas, que estavam enrolando bolinhos, acompanharam para demonstrar solidariedade e levar conforto. Uma ida rápida, por consideração, mas deveriam voltar logo, pois teriam muitos afazeres, até o dia seguinte.

Mas Alice, sempre teatral e inconformada do seu casamento inglório com o Dorvino, que há anos invernava sexta, sábado e domingo, só prestava para enchê-la de filhos, Alice, que talvez sonhasse com uma ribalta iluminada, o que ela nem sabia o que era, aproveitou a seleta assistência, para enfatizar a sua dor. Encostou-se no sofá estofado, herança da casa do Coronel, já meio cor de burro fugido e cheio de calombos, estrebuchou, se entesou e caiu de chofre, mas de jeito.

Foi um charivari,²⁵ no dizer sempre erudito da comadre e tia Teresa, a garrafa de álcool, frições, um papelão improvisado a leque, água de cheiro e as meias meias... Pouca gente andava sem meias; Joaquina correu para tirar as ligas e desafogar-lhe os pés dos sapatos e das meias, para friccioná-los, enquanto alguém lhe desabotoava o colete encardido. A luta para arrancar os sapatos era ingente. Alice, toda fora de si, num desmaio que chegava a passar por verdadeiro, retesava os pés, virava-os, tornando difícil a tarefa de descalçá-la. Finalmente descobriu-se o busílis. Dois enormes buracos no calcanhar envergonhavam a desmaiada, que não se preparou devidamente para esse entrevero.

Foi até bom. O ataque foi interrompido pelo incidente dos

25 Algazarra, alvoroço.



buracos e Alice voltou a si mais depressa que se esperava. Foram dadas as condolências, algum choro abafado e uns cobrinhos passados discretamente para a bolsa de Alice, com a finalidade dos gastos do féretro.

A turma da casa da festa voltou alegre, com o coração aliviado, para continuar a arrumação do grande dia.

Enquanto a mãe de Alice e Josina ficou entregue aos cuidados dos vizinhos do Terceiro de Fora, para outra festa, porque, afinal, como já comentamos, velório de pobre tinha mais cara de festa que de nojo.





O CAVALHEIRO DE INDÚSTRIA

Todo mundo e até o pessoal da casa estranhou que não houvesse viagem de núpcias. Mas as ponderações de Theobaldo pareciam plausíveis. Quando rematassem os afazeres em Mato Grosso, iriam de vez para a sua terra, o Rio Grande do Sul.

Mas que negócios eram esses que, em Cuiabá, uma xícara, ninguém sabia nem suspeitasse o que fosse?... Entra dia, sai dia, ele encurralado em casa; só foi uma vez visitar os sogros. D. Teteia doida para trocar confidências com a filha; mas o casal fechava-se em copas, aparecendo somente para o almoço de domingo, muito espaçadamente. Não se completaram dois meses (mãe é sempre mãe, repetia a ilustre progenitora de Marphysa) que D. Teteia começou a achar na filha um ar ressabiado, mais que isso, uns olhos assustados e medrosos ao mesmo tempo, parecendo que a filha algo lhe ocultava. Corroborou para estas desconfianças a insistência do genro em permanecer, não lhe dar liberdade nem para ir mijar, quando em casa da mãe.

— Minha filha nunca foi assim — repetia com os seus bo-tões. — Parece arisca e indecisa: acuada e misteriosa.

Coração de mãe não se engana. Até que, no terceiro mês de aniversário da data do casamento, Fisinha, não sei como, burlou a vigilância do marido e mandou a D. Teteia um bilhete, um papel amarrotado: “Mãe, estou em apuros, preciso de você, mas não diga nada ainda ao papai.”

D. Teteia, matreira e inteligente como ela só, até ganhou das mãos de Totó Paes²⁶, quando Presidente do Estado, uma medalha de honra ao mérito, no Grupo Escolar, rumou para a cidade sob qualquer pretexto e foi, sem cerimônia, entrando na casa vizinha à da filha, que era de sua propriedade e estava alugada, sem pedir licença ao inquilino, e se postou de vigília, até que visse o genro sair, trancando a porta da rua.

Ela então correu para o quintal e chamou a filha. Foram quase duas horas de confidências pelo buraco da taipa socada, que dividia os quintais vizinhos.

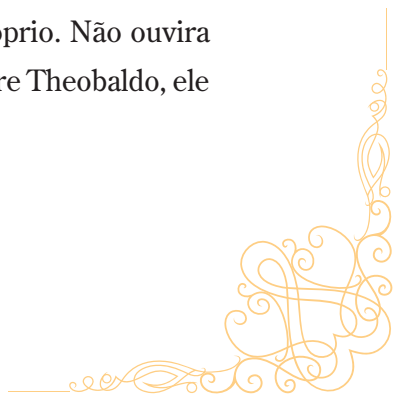
Aí ela ficou sabendo que o genro era um Cavaleiro de Indústria, como chamavam as pessoas que viviam de expedientes e de lograr os outros, os desocupados, enfim, sem eira nem beira, nem ramos de figueira, de negócios escusos e mal-intencionados.

26 Antônio Paes de Barros (1851-1906), Presidente do Estado de Mato Grosso de 1903 a 1906, quando foi morto pela oposição. A grafia de seu sobrenome varia (Paes ou Pais).

Theobaldo, apesar de se apresentar como um irmão da Opa, amava sinceramente a mulher e, num momento de efusão e anelo, confessou a verdade a esta. Fisinha, acostumada a pisar em flores, à vida bela e submissa, estremeceu, pois lhe pintavam o Cavalheiro de Indústria como a pessoa mais abjeta e vil à sociedade. Imatura, o choque lhe arrefeceu o amor e todos os sentimentos bons que nutria, até aquele instante, pelo marido. Os altos negócios, propriedades, família ilustre, tudo se reduziu a uma grande mentira.

Amedrontava-se ainda aos boatos que havia na antiga República Oriental, um frigorífico, onde eram abatidos bois, vacas, cavalos e até gente para se fazer salsichas e congêneres. Esta ideia foi que se apossou da Fisinha, que não aceitou a verdade do marido. Um pé-rapado e de boa aparência, que praticara o golpe do baú, como se diz atualmente.

Para os pais, a coisa tomou foros de tragédia. Sua única filha mulher, entregue a um aventureiro inescrupuloso, falso e vagabundo. A vergonha de parecer era maior do que o fato em si. O que diria a sociedade? A moça mais bonita e dotada, dotes físicos e monetários, cair na armadilha de um Cavalheiro de Indústria? Só então o Coronel se deu conta de que tudo o que sabia sobre o genro saíra da boca do próprio. Não ouvira ninguém mais a respeito, não se informara sobre Theobaldo, ele



que tinha tantos amigos influentes pela costa sul do Brasil e até no estrangeiro. Que agonia para quem detestava figadalmente o ridículo e a publicidade!... Abandonou a política, de entrada, porque, ao boatearem de que iria ser deputado, como candidato da oposição, o jornalzinho *O Cacete* publicou esta quadra anônima:

*Tirou de letra o Gusmão
Seu poderio lendário
No lombo da escravidão
Transformou-se em milionário.*

Quanta calúnia, meu Deus! Logo ele, que nem era proprietário da Usina, onde diziam continuar as torturas que se usavam nos tempos dos escravos? Desistiu na horinha. Já pensou o vexame por que iria passar, trancafiado nas grades, como outros coronéis seus amigos? Em boa hora matou no nascedouro a ideia de ser político, livrando-se mais tarde da devassa do Coronel Antonino, que aqui chegou como Interventor e Redentor. Foi quando criou a sua célebre frase: “O comerciante não tem política; deve ser amigo de todos.”

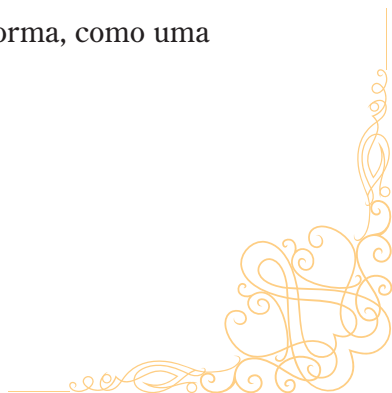
O jeito, no caso da filha, era ir falar com o genro; antes disso, porém, deveria recambiar a filha Marphysa para o seu lar de nas-

cimento e propor um meio para aquele dar o sumiço da cidade, o mais rápido possível. Deste modo estaria tudo prontamente resolvido e sanada a vergonha.

Assim pensou, assim o fez. Vestiu o seu terno preto, aquele que exige o colarinho alto, como se fosse a um enterro, fechou a cara e rumou, a pé mesmo, para a cidade. Os aborrecimentos eram graves, não lhe permitiam regalar-se com as delícias e o conforto de uma corrida de automóvel. As palavras que trocaram, entre quatro paredes, ninguém ficou sabendo até hoje. O Coronel regressou taciturno, circunspecto e nesse dia não voltou à loja para trabalhar.

Não gosto de me deter em fofocas ou conjecturas desabonadoras; vamos ao remate do caso, que não tomou proporções maiores devido à discrição da família, que resolveu tudo sem alarde, sem dramatização, decepcionando a sociedade, doida para estraçalhar tão saboroso prato, dissecar um fato do qual todos participaram, no maior regozijo, há tão poucos dias atrás.

Foi um desapontamento geral. Menos por causa do fato em si como pela falta de ensejo de se fazer um comentário condigno. Em resumo: não houve zum-zum. A notícia chegou aos pingos, amortizada pela maneira fria e reservada dos familiares e pessoas do peito. E foi-se apagando da mesma forma, como uma



fogueira, pois não houve palha para atear-la. Onde os gravetes foram consumidos um a um, feito brasas, sem provocarem labaredas e, assim, apagando-se até o fim.

Foi uma pena. Cuiabá sempre careceu de notícias estrondosas para ativá-la e sacar-lhe a pasmaceira cotidiana.

Theobaldo tossiu e sumiu, sem deixar rastro. Engraçado: nem o seu nome vi reproduzido em outras pessoas aqui nascidas. À exceção do Theobaldo Cardoso, filho de oficial do exército, que por certo captou este nome em alguma parte, onde se viu, não aqui. E atualmente o Theobaldo, marido da Zília, que é genuinamente mineira.





UM CAPÍTULO AVULSO

Eu não sei onde os coordenadores deste livro acharão por bem colocar este capítulo. Eu acho bom que seja aqui mesmo. Mas tanto faz, que ele venha no começo ou no fim. É que, nesta posição, ele funcionaria como um intervalo ou pausa, para que o leitor criasse coragem para prosseguir, ou então desistir de vez e desse no pé, em marcha ré desabalada.

Para começo de conversa, a bem dizer, nada tem que ver com a sequência de fatos verídicos e acontecimentos sem paternidade certa, que me propus registrar nestas páginas.

É um capítulo dedicado à posteridade estudantil. Vejam a minha pretensão. Eu nem sei se a sua leitura, a este ponto, encontrará alguém corajoso para o prosseguimento, até o epílogo, e já estou falando de uma leva de futuros leitores, jovens, por certo, que andarão seca e meca atrás do livro.

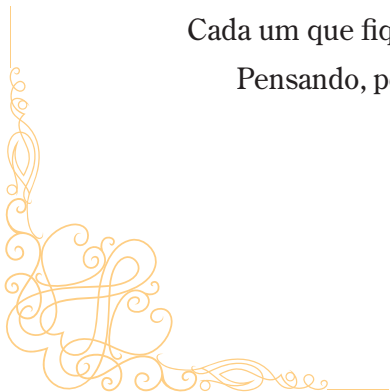
Quem tem mania de escrever se perde entre as letras e as tiras de papel e pensa encontrar leitores a granel, doidos para devorarem as suas baboseiras. Mas, deixando de lado a minha pretensão, a intenção vera e pura que me dominou, neste mo-

mento, foi a de piedade. Eu tenho muito dó dessas crianças, meninos e meninas, que os professores soltam por aí, de lápis e papel na mão, para fazerem pesquisa.

Desde que inventaram esta palavra, isto é, relançaram-na com forte e urgente prestígio, que aliás descobriram uma chave muito boa para curtir preguiça, vejo moços e moças até invadindo casas, bibliotecas e a privacidade de quem se dedica à escreveção, com a finalidade de copiar páginas e páginas de qualquer coisa. Isto atordoa e confunde o estudante. Quantas vezes os vi abrir, ao léu, um livro qualquer e ficar horas e horas copiando aquilo que se lhe deparou logo aos olhos.

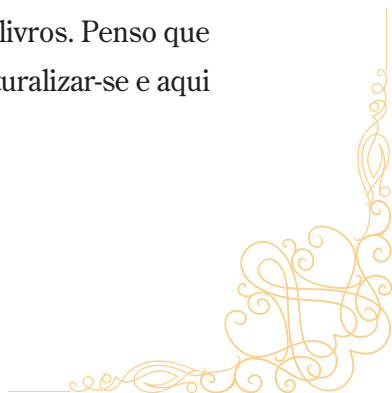
No meu tempo de estudante este ato se denominava *plágio*. E recebia o escárnio do professor e dos colegas. Hoje é natural e cômodo, porque poupa muita energia do professor, que pode tirar uma boa sesta, ao tempo de fazer uma explanação, para que o ouvinte deduza as suas próprias conclusões. Acho até que estas falas explicativas caíram de uso e quem as pratica é malvisto como decorador inócuo. E Deus me livre de ficar do lado de fora da pedagogia atual. O bom mesmo é ficar na moita e mandar o aluno pesquisar. Se ele ainda não aprendeu a olhar no dicionário, nem na lista telefônica, azar dele. Que se dane! Cada um que fique na sua.

Pensando, pois, nestas pobres crianças, vítimas das pesqui-



sas, resolvi eu própria dar um retrato autêntico, visto pelo prisma, ou melhor, pela íris dos meus, ou destes olhos que a terra há de comer. Porque, quando um livro consegue atravessar alguns pares de anos, tocam a desmistificar os seus personagens, a dar-lhe cores e feitios que jamais passaram pela cabeça do autor. Por azar da sorte e para a infelicidade de futuros alunos, se este livro ultrapassar uma década, não faltará na certa quem queira pichar, desonrar e crucificar o Theobaldo. E isto eu não desejaria para o meu Theobaldo. Pois, se isto acontecesse, teríamos de eliminar muitos Theobaldos, não digo da face da terra, residentes, enterrados e viventes nesta capital. Só eu conheci uma récuca deles.

Em primeiro lugar, o nosso herói era muito bonito; verdadeiro Apolo. Físico impecável, rosto másculo e simpático. Desses homens que, por falta de melhor comparação, se dizia: um artista de cinema. Apesar de os astros em coincidência serem Haroldo Loyde, Rodolfo Valentino e Douglas Fairbanc. Theobaldo dava surra em todos eles. Era um tipo que só mais tarde foi valorizado: linhas atléticas, rosto harmônico, de linhas perfeitas. Era coisa de: viu-gostou. A isto lhe somavam cinquenta por cento de bondade, segundo um professor de Caracterologia que tive. Excelente e renomado mestre, autor de vários livros. Penso que era argentino ou espanhol. Nem foi preciso naturalizar-se e aqui



no Brasil faleceu. Uma pena. Ele dizia que as pessoas bonitas carregam cinquenta por cento de bondade pura. As regularmente feias, cinquenta por cento de recalque, o que se traduz por maldade; as muito feias, nem convém falar delas. Com mais cinquenta por cento, ou mais de nobreza no coração, um bom entendimento entre os cônjuges e a ajuda do pai e sogro, tudo estaria resolvido, sem escândalo, nem sequer suspeita.

Mas esta, imbuída dos conceitos de uma sociedade restrita e impecável, teve medo. Sempre dependente, apesar das atitudes em destaque das moças do seu tempo, tudo aquilo era superficial. A sua valentia era incapaz de enfrentar uma tempestade inesperada como essa que, resumindo, significaria que caíra num belo conto de vigário.

Ademais, as mulheres não tinham independência econômica, tudo provinha dos bolsos do patriarca, nem independência de ação, pois dependiam do beneplácito da sociedade. Em caso destes, Theobaldo estava irremediavelmente condenado. E, para corroborar, ecoavam as vozes infantis dos brinquedos de roda: *o anel que tu me deste era frágil e se quebrou. O amor que tu me tinhas era pouco e se acabou.* O amor de Physinha se mostrou muito tênue ao embate da primeira decepção.

Até hoje ficamos pensando: não teria ele casado apenas por vaidade?



DE COMO SE NOS SEPARARAM OUTROS TANTOS THEOBALDOS

Sempre tive a impressão que os grandes segredos e as grandes resoluções de família (e — por que não? — de Estado) fossem resolvidos e tomados às tantas, ou melhor, na calada da noite, entre casais em trajes íntimos, vedados pelas paredes de uma alcova.

Foi nessa contingência que o Coronel confessou a D. Teteia a pontinha de remorso, sentida lá no fundo da consciência, por tantas vezes haver tripudiado sobre a desventura de filha alheia, julgando a sua, a cavaleiro das adversidades e frustrações.

Irônico como ele só, quanto caçoara da vizinha Sinhara, cujo noivo bateu as asas, deixando-lhe pra consolo a fatiota preta do casamento, colete, camisa engomada, que ela noivou o resto da vida, mantendo-a em seu guarda-roupa protegida das traças por naftalina, num sigilo que alcançou toda a vizinhança! Caso, aliás, que vimos repetir-se umas três vezes nesta cidade. O noivo deixara os anéis e salvava os dedos. Pior que esse, só o noivo da filha da tia Anita: de entrada, no dia seguinte à colocação das alianças, pediu à família da noiva: doze ternos de roupa, doze

camisas avulsas, doze cuecas, doze pares de meia e doze sapatos. Resultado: de apelido Nhozinho, a língua do povo o converteu em Dozinho. Tudo pedia em grossa²⁷ e em dúzia.

Refletindo bem, Physinha bastaria dar um relance de olhos pela vizinhança e encontrar novas edições do seu marido. Quer estrangeiros, isto é, advindos, pelos quais os nativos mantinham acentuada animosidade, quer com os próprios filhos da terra, que se casavam com maior estardalhaço, com o festejo do casamento, e vinham-se aboletar (*sine die*²⁸) em casa dos sogros. Aí tinham o feijão, roupa lavada e engomada, ainda botavam banca com exigências que só se devem fazer em sua casa própria, ou quando se paga para ver.

Muitos aguentavam firmes até a ocasião do parto da mulher; vinham então com armas e bagagens, desculpando-se de que a ajuda da mãe é imprescindível nesta fase e, só então, pensavam na comodidade da sogra, levando todos os encargos para a casa da dita-cuja.

Conhecemos, para citar um exemplo, um genro, boa vida, chegado a uma cervejinha diária que era mais de uma, anotadas na conta do *velho*, como apelidava o sogro. Depois, de cabeça

27 Medida equivalente a doze dúzias.

28 Em latim, significa sem uma data precisa para acontecer.

quente, jogava a pobreza na cara da família toda, enaltecendo os parentes que deixara no Rio. Inflamava-se, vociferava, dava entonações de um tribuno, inconformado sempre com o parco rendimento do emprego que obtivera, muito tarde, a rogos dos familiares de sua mulher — bedel, ou, antes, servente de uma escolinha pública. Que tinha pinta de deputado ele tinha e, pela inclinação à oratória, mesmo para dizer baboseiras, deixava a pensar que fora isso o seu sonho de juventude.

Havia também Adélio; aqui chegou de São Paulo como jogador de futebol, acho que nem havia contratos naquele tempo, porque não havia time suficientemente abonado para esses gastos. Veio de livre e espontânea vontade, por ouvir dizer, e foi de chofre se instalando na sociedade. Também, minha gente, com umas pernas bonitas daquelas, que pareciam as pernas do Leão, atual goleiro da Seleção Brasileira, com pernas e físico atraentes, o Adélio acabou genro do Juiz. Um juiz de Minas Gerais, desses que aqui chegavam só para cumprir tempo de serviço. Talvez em contagem dobrada, porque Mato Grosso, naquele tempo, só por castigo. “A bã, entonces”, como dizia Nhô Vito, quando o Juiz regressou às suas Alterosas,²⁹ levava mais um pingente na família, um genro, jogador de futebol, mais amador que o Taury,

29 As Alterosas é uma alcunha do Estado de Minas Gerais.



ou o Zelito Bouret, que tinham garras de profissionais, nas suas performances no Tiradentes e no Tupi.

E outros tantos tipos de genros, que saíam diariamente para uma rodada de prosa e cachaça no bolicho mais próximo, ou mesmo abstêmios, iam dar plantão de conversa fiada na botica de Seu Pedro, voltando pontualmente na hora da boia em família, na casa dos sogros, bem entendido. Se isto não é papel de Cavaleiro de Indústria, vou ali e volto. Vocês mesmos podem encontrar, na vida de hoje, inúmeros jovens que se casam e no dia seguinte se incorporam à família da mulher, sem escrúpulo algum, sem disfarce. Eles são autênticos. Se bem que a mulher hoje é bastante cúmplice desta situação. Elas forçam a barra. O que diferencia é serem os atuais casais autênticos. É isso aí: autenticidade é tudo. Os pares de agora assumem. Achei a palavra mágica: assumir. Se Theobaldo e Marphysa tivessem, de mãos dadas, assumido, estaria salva a pátria e a nossa estória terminaria aqui. Nestes dias quem assume, seja lá o que for, está a salvo de condenações malévolas; torna-se um ente vacinado contra tudo. Uma pessoa assumida é quase uma heroína. Assumir é a palavra do dia, da ponta, do momento. Já repararam como tem pesado a moda, nos vocábulos? Vamos parar um pouco para pensar?...



DESAGRADÁVEL, PORÉM NECESSÁRIO

Sim, muito desagradável falar sobre a vida de Physinha, nesta conjuntura inesperada de sua vida. A princípio classificamos de plácida, águas tranquilas, correndo, ou melhor, se espreguiçando a cumprir destino, até o desaguadouro final.

Na verdade, o que para outras famílias teria sido um Deus nos acuda! — tomando características de tragédia grega —, para a nossa heroína foi tudo amortizado pelas sábias decisões do Cel. Gusmão, quem, aliás decidia tudo na família. D. Teteia, por mais inteligente e condecorada que foi, não tinha voz ativa para nada. O Coronel resolvia tudo por si e por todos. Também, naquela época, as poucas luzes que se permitiam a uma mulher era a Escola Normal e olhe lá. Faculdade era lugar de homem. Era por isso que todos admiravam, sem reproche, a professora Maria Dimpina. Sua cultura não era acadêmica, adquirida em escolas superiores; foi armazenada a duras penas, em noites de leitura, à luz do lampião de querosene, ou de vela estearina.

Physinha, por sua vez, ficou tão apática que, por desgosto ou vergonha, nem saía mais à janela, às quatro horas da tarde,

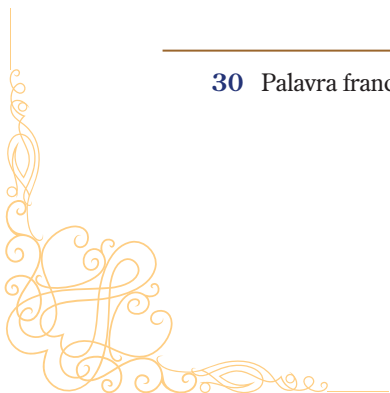
para ver o movimento. As almofadinhas do cotovelo ficavam só servindo de cama do gato.

Sair a passeio, no Fordeco, onde?... Se não havia rua trafegável? Era um monte de terra ali, buracos pra lá, poça d'água, animais, vacas e cavalos deitados no meio da rua, que nem davam bolas para a buzina, que parecia uma seringa, de farmácia, colocada à esquerda do *chauffeur*,³⁰ fora do carro. Estradas, nem se falam...

As ruas eram de pedra cristal, excetuando a Rua Nova, que levava ao centro e fora recauchutada com pedra canga triturada, para passarem os carros que chegaram no bicentenário da cidade. Outros caminhos, nem era bom falar. Aos trancos e barrancos se ia ao Coxipó, pela estrada de cima. A de baixo, que era a Linha de Tiro, era mais curta, beirando de mais perto o rio, mas só indo *de a pé*, como repetia Teodolinda. A do meio atravessava um estirão muito grande, de mato rasteiro, onde predominava o cascudo, e onde futuramente seria o roçado para receber o primeiro avião adejado nestas paragens. De resto, para se chegar a Santo Antônio, só algum doido arriscando a vida em todo aquele areal.

O jeito era Physinha ir para o Acorizal. Foi a mais brilhante sugestão do Coronel, acolhida com júbilo pela filha, que gostava

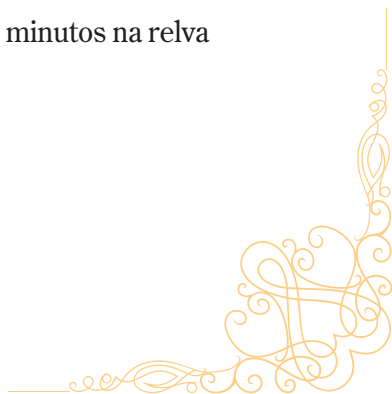
30 Palavra francesa que significa motorista, chofer.



va do sítio. A fartura, a beleza da paisagem fariam bem a um coração ferido. Aproveitando uma tropa de burros que ia buscar mantimentos, ele incorporou a família numa carroça, já que as chuvas haviam estiado, e lá se foram de viagem. Aliás, um gostoso passeio, porque diante dos pequizeiros desciam todos da carroça para colher pequi. Qual cuiabano que não gosta de pequi com angu de farinha de mandioca, ou pequi com arroz? E quem não conhece o licor dessa fruta?

Infelizmente o pequi não coincidia com a época da marmelada. A marmelada bola, a de cachorro, frutas silvestres de um adocicado sem par, tão fáceis de se encontrar logo à beira da estrada. O tinge-língua, o cascudo, bosta-de-cabrito, siputá, pitombas eram a alegria dos viajantes, na temporada exata desses frutos, tornando um passeio divertido, em corridas a pé, para alcançarem a carroça ou o monótono carro de bois.

Marphysa chegou ao Acorizal mais corada e parece que mais alegre até. Dava a imagem de quem não sofrera tão rude golpe a quem a visse de manhãzinha, pisando no orvalho, de pés no chão, para se curar de eventuais males reumáticos e de raquitismo, como ensinavam os mais velhos e mais experimentados em medicina caseira. “Para doentes recomenda-se andar de pés descalços até os joelhos, durante quinze minutos na relva molhada pelo orvalho.”



Nadava no corixo de ponta a ponta, depois de um gostoso leite puxado no curral, com canela, açúcar e uma dose de *cognac* inglês legítimo, adicionado para matar micróbios do leite e para chamar sangue na face. Até uma canoa velha, que lá foi parar, não sei como, para fazerem girau e plantarem nela cebolinha e salsa, pondo-as a salvo das formigas, levaram-na para o Terêncio remendar e puseram-na a trafegar com remos de folha de coqueiro, ao longo do corixo.

Tudo para distrair Physinha. Terêncio era um gênio, uma espécie de faz-tudo. Mas gago, de uma gagueira toda especial. Sempre repetia uma sílaba de cada palavra. Donde lhe veio o apelido que virou nome. Ninguém nunca se lembrou de chamá-lo de Terêncio. E, quando criança, sua mãe fez de tudo para tirá-la a gagueira. Comeu anos e anos na colher de pau, e tomou vidros e vidros de Hyoscyamos 5^a e Mercurius Cyanatus.³¹

Às vezes, Physinha se entristecia e ficava horas e horas olhando o infinito, pensando. Não que pensasse muito em Theobaldo. Uma jovem na flor da idade pensa muito mais em si que nos outros; e Physinha não fugia à regra.

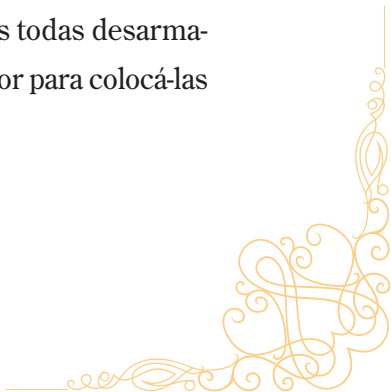
Ela se via numa situação muito incômoda de casada sem

31 Medicamentos de uso homeopático.



marido, ou viúva de marido vivo. Neste novo estado deveria manter-se circumspecta, assentada, renunciada, como as senhoras da época. Mas ela não chegou ou mal começou a incorporar o papel de senhora e logo viu-se fora desta situação, como se lhe cortassem novamente o cordão umbilical. Além do mais, esta liberdade simulada agrilhoava mais a sua pessoa, exigia dela uma posição falsa, a assumir atitudes que a sociedade impunha, mas a sua juventude exuberante repugnava. Ela pressentia que esta contingência não ia demorar muito. Não quanto ao estado civil. O Coronel, seu pai, muito bem relacionado, tinha forças para mandar o casamento para o bebeléu, com uma anulação. Mas as asas de sua solteirice, ela não lhas poderia devolver, porque estas eram controladas pela sociedade tacanha e rigorosa.

Havia de ter um jeito. Será que nunca mais poderia participar dos avanços carnavalescos, quando aquele bando de moçada, com um lenço na cabeça e um avental vermelho, se improvisava de cigana, acompanhada de uma orquestra (se é que podia ter este rótulo um violão, um violino, um cavaquinho e um pandeiro tocando e dançando), invadia as casas destinadas à brincadeira. Geralmente havia sempre à disposição um salão que esvaziavam, afastando as cadeiras e porta-bibelôs, ou duas salas conjugadas, mesmo sendo quarto de dormir, com as camas todas desarmadas, perdendo-se parafusos, depois aquele horror para colocá-las

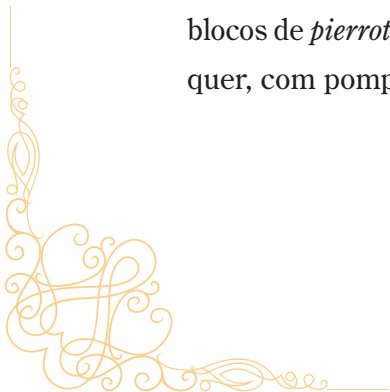


em forma. Quanta trabalhadeira, mas que valia a pena, valia. Os pastéis eram enviados, em cestas ou bandejas entrando pelas janelas, e o forte era o quentão, ou licor caseiro, já que o guaraná Zenith apareceu muito mais tarde e a cervejaria havia se mudado para Corumbá.

Dançavam e se divertiam muito, com fantasias baratas, inventadas à última hora. Mas isso não quer dizer que, nos bailes do trio de Momo, não houvesse disfarces suntuosos e de bom gosto. Quando Semi e Binjó apareceram vestidas de noite, com filó preto salpicado de estrelas prateadas, todo mundo ficou de queixo caído. Ainda por cima tinham um véu e um bastão encimado por uma grande estrela, como aquele que as fadas usam. Elas foram lembradas até o próximo carnaval.

E a fantasia de mariposa feita de lenços de várias cores, que Helvecina Leite ostentou, no baile de Oscar Addor? Era uma obra de arte e não custou nada caro assim. Um bloco de moças da cidade, certa vez, confeccionou em segredo a sua fantasia. Eram doze, ao todo. As do Porto, em eterna rivalidade, não querendo ficar para trás, arregimentaram as jovens da Rua Quinze e só deram a conhecer o disfarce, no dia do Carnaval.

Mas, oh! decepção!... Entraram no baile, do Cinema, dois blocos de *pierrots*, ou melhor, *pierrettes*. Um vestido branco qualquer, com pompons de lã preta, na cabeça um gorro de meia

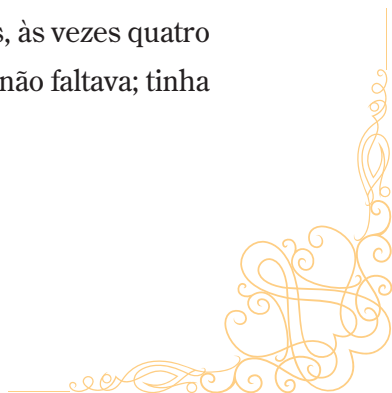


com pompons brancos. Foi até bonito. Elas se deram as mãos e fizeram um imenso cordão à moda como dançavam nessa época.

Tudo virou um sonho; sonho ou pesadelo, soterrado no passado. Procissão de Ano Bom, com o padroeiro da cidade, o Senhor Bom Jesus balançando os cachos da cabeleira feita com os cabelos da menina Pituca, que os deu em promessa, por se ter livrado de doença grave. Seu pai, na melhor indumentária, carregava o *Pallium* ao lado de figurões civis ou militares, de fardão de gala: calça branca e túnica azul, platina franjada de canutilhos dourados, onde se incrustavam os galões e divisas do posto. O que picava de inveja fininha o Coronel, que não podia ostentar, pois farda naquele tempo dava orgulho vesti-la. E o Coronel, que nem era da Guarda Nacional, não a possuía.

A procissão de São Sebastião, a 20 de janeiro, saía pela manhã, às 10 horas, da Catedral e percorria as principais ruas da Cidade (o Primeiro Distrito), com as janelas das casas enfeitadas com tapetes de rendões pendurados, ou *cachepots* de samambaias. Physinha, certa vez, acompanhou o Santo descalça, também de promessa, porque em brincadeira de canoa, durante a enchente, esta quase escapa do amarrio e segue rio abaixo, com mais três crianças em seu bojo.

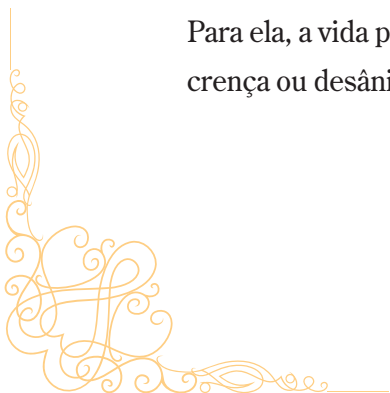
A procissão do Divino, espichada com três, às vezes quatro dias de touradas. Outra coisa a que o Coronel não faltava; tinha



camarote especial, do lado da sombra, e ao lado do festeiro, considerado zona nobre. Mas ele gostava de ver de perto e ia ficar junto ao tronco do João Lourenço e Maneco Canavarros, para não perder a primeira sorte do toureador.

Enquanto D. Teteia e Fisinha, um vestido por dia, chapéu da Casa Eufrosina, quando não desentulhavam as antiquilhas das viagens, se exibiam no *footing* do curro. Quantos pretextos para exibirem vestidos da última moda!... Os santos coadjuvavam, pois, a não ser essas funções religiosas, seguidas de quermesses e os bailes em casa de família, a maioria das vezes, uma ou outra companhia se aventurava ao barracão de zinco, mas Physinha, embora acompanhasse os pais, que adquiriam récita, era muito nova para vibrar com esse tipo de diversão, que, pelo visto, agradava mais o Coronel, que elogiava na bucha de D. Teteia os encantos das atrizes da Companhia Alzira Leão. Cansada de tanta estagnação, começou a vida nômade entre sítios e fazendas de parentes, compadres de comprovada honestidade. Os tais caracteres ilibados, incapazes de conspurcar a honra da jovem descasada e de facilitar ou de proporcionar acessos a pessoas intrometidas, com sede de devassar-lhe a privacidade.

Se bem que a própria saberia delinear algo para o futuro. Para ela, a vida parou ali mesmo, pelo menos por enquanto. Descrença ou desânimo e uma forte dose de decepção retiraram-lhe



o sangue das veias, não queria brigar nem discutir, nem mesmo para acusar Theobaldo, ou quem quer que seja.

“É melhor deixar o barco correr”, dizia a madrinha. Era bem melhor mesmo, muito mais cômodo. Mas todo este programa era incompatível com a juventude de quem quer que seja, quanto mais com a da Physinha.

Foi aí que começou o de déu em déu,³² ou em Diamantino³³ com tias de segundo grau de D. Teteia, ora com D. Candinha, do lado do Abrilongo,³⁴ lugar muito bonito, porém insípido até dizer chega, só havia gente grande, muito sisuda e nenhuma criança ao menos para alegrar. Já que criança é a alegria da casa, como repetia a madrinha com um provérbio na ponta da língua para cada fato corriqueiro.

Sobe serra, desce serra, a moça tristonha foi parar perto dos belos campos do Mimoso.³⁵ Boa parte do tempo estiei na fazenda da ponta do morro. Depois passava semana perto

32 De déu em déu: expressão popular que significa de lugar em lugar, em busca de algo.

33 Município do Estado de Mato Grosso.

34 Região localizada na Chapada dos Guimarães (MT).

35 Distrito do município de Santo Antônio de Leverger, no Estado de Mato Grosso.



da vila mesmo. Acho que distraiu bastante. Não só o clima, os passeios e a convivência com pessoas lhe trouxeram a cor nas faces, o sorriso aberto nos lábios, a espiritualidade jocosa, e, embora vivendo a vida de mato, voltou-lhe a faceirice e o gosto de se ataviar.





UM CAPÍTULO OBSCURO

Já vou avisando de chegada que este capítulo, além de ser obscuro, será nevoento, confuso, curto e indecifrável. Vocês já irão saber o porquê. Durante as andanças de Physinha, onde os lugares, por mais convidativos que fossem, não conseguiam prendê-la por muito tempo, foi no sítio, ou talvez na Vila do Mimoso, que ela conseguiu fazer as pazes com a vida.

Mimoso, embora tivesse clima e paisagens tão atraentes quanto Diamantino e o alto da Serra da Chapada dos Guimarães, apresentava campos vastos, a perder de vista, e talvez um estudo psicológico confirmasse esta relação de amplitude funcionando de mola para abrir e relaxar o coração de Physinha.

Além do mais, a região é cheia de mistério e lendas, e de homens valentes. Foi terra de Cândido Mariano,³⁶ sobre quem

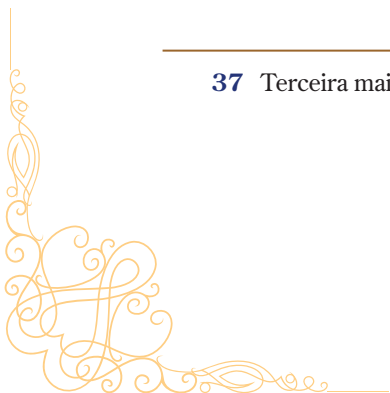
36 O Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon ficou mais conhecido como Marechal Rondon (1865-1958). Engenheiro militar e sertanista, ganhou prestígio por sua exploração de Mato Grosso e da Bacia Amazônica Ocidental.

vaticinava o Coronel: “Este tenente vai longe! Praza aos céus que os seus conterrâneos, acostumados a valorizar só gente de fora, possam reconhecer, no futuro, a espinhosa tarefa deste homem. Romper sertão para estender as linhas telegráficas. Enfrentar febres, perigos de ataque de animais selvagens e mesmo dos índios, dos quais sempre procurou ser amigo.”

É verdade, Cândido Mariano, que se tornou o glorioso Marechal Rondon, honrou e lançou, há mais de meio século, as bases de um conhecimento que se tornou ciência acadêmica detentora hoje de um ministério — a Comunicação.

Mimoso foi também o berço de Itagiba, de belos olhos azuis, com alguns *serviços* nas costas, morto de traição, quando atravessava a baía do Chacororé.³⁷ Dominginho era outro mimoseano retaco e feio, mas que não recusava mandato de um sumiço. De prova, levava a orelha da vítima, para fazer jus ao ganho. E, assim, outros valentões, com várias cruces no lombo, que transitavam pela vila acobertados pelos chefes políticos de então, para os quais trabalhavam com eficiência em dias de eleição. Quem ousaria trocar de cédula, mediante dois olhos vigilantes e um trabuco na cinta, bem visível?

37 Terceira maior baía do Pantanal mato-grossense.



Embora isso, como repetia o Coronel Leodegardo, era um lugar festeiro. Celebravam festas de santo de quase todo o calendário. Havia folia de santo, tanto a pé como a cavalo, à roda do ano. Tanto assim que surgiu a lenda que, à meia-noite, uma folia montada, com bandeira, tamborete, viola e demais apetrechos, cavalgava às margens da baía e se metia águas adentro, afundando-se bem no meio delas e desaparecendo. Muita gente jurou que viu e se arrepiou.

Vinham moços de fora, às vezes, de longe para festar no Mimoso. O engraçado é que andavam sempre armados, sem exceção. Morro-Grande era um deles. Vivia no Pantanal, entre Cáceres e Poconé,³⁸ mas não fazia falta no Mimoso. Moreno torrado, alto, desbarrigado, dentes claros e perfeitos, além do mais, com foros de valentia, era a coqueluche ou Xodó, como se dizia, das moças que chegavam a conhecê-lo. Os seus conhecimentos eram limitados. Só boi, vaca e cavalos, mais os casos de valentia. Mas quem se lembraria de literatura, diante de um tipo apolíneo, tostado de sol, além de limpo e bem cheiroso?

E Physinha, contagiada por esses atrativos, lembrava a frase da tia Teresa, desculpando a burrice do marido: “Ninguém leva

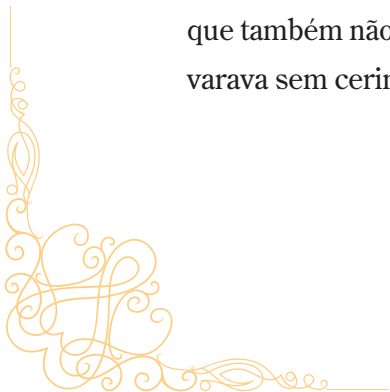
38 Cáceres e Poconé são municípios do Estado de Mato Grosso.



a gramática para cama.” Ou “gostar é uma questão de peles e não de literatura”.

Me cortem o pescoço como Physinha também se deixou eletrizar pelo Morro-Grande. Orgulhosa, porém esperta para disfarçar seus sentimentos, ela, que desdenhara antes rapazes de anel e canudo, de família abastadas, se render a outro pé-rapado seria demais!...

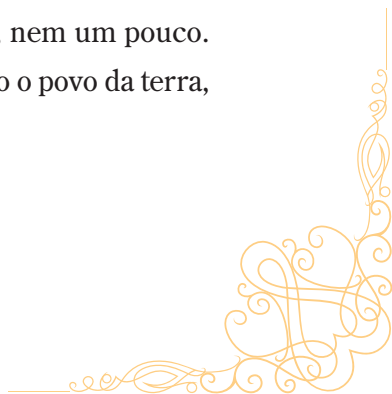
Porém, dava na cara aquela explosão repentina de vida e alegria, quando o caboclo despontava, com o seu jeitão de “cheguei”. Porque, embora rude, não tinha ar de caipirão. Sabia deitar banca em qualquer lugar. Na mesa de truco, fala mais alto que todo mundo: truco, envido e revirava a mesa, se fosse preciso. O pior é que a sua assiduidade nessas bandas deu pra dar na vista. As comadres deram pra sondar e juravam ver os dois sumir no campo, festionado de cupins. Coisa difícil em campo tão descampado. Physinha não só recuperou as cores, como deu para engordar. Engordar e o que falar, porque a cintura engrossou. Foi quando ela mesma resolveu ir para a cidade, porque as roupas estavam apertando. Mas ninguém ousava dizer nada mesmo, porque a moça as confundia, num dueto mantido entre Morro-Grande e Nhonho seu primo segundo, do lado materno, que também não fazia falta aí na Vila, com tanta intimidade, que varava sem cerimônia o seu quarto de dormir. O que nestes lu-



gares era o máximo de ousadia. Imaginem o que pode resultar deste entra e sai da camarinha, sem respeito algum?

Mais uma vez a discrição da família preservou a honra da própria. Todo mundo se espantou com a engorda repentina, se esquecendo da preocupação de todos em lhe proporcionar os melhores quitutes, pois, no mato, distração é comer e dormir. Os boatos esquentaram, esfriaram, tornaram a esquentar e a esfriar, mas não conseguiram pegar fogo, porque mais uma vez a Dindinha veio em seu socorro, levando a afilhada a uma longa viagem, tão longa que acabou, mais tarde, arrastando toda a sua família.

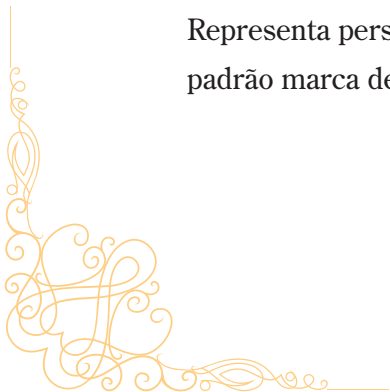
A princípio ia o casal, depois alguns serviçais, porque a saúde de D. Teteia principiou a combalir. O reumatismo não lhe permitia locomover-se de lá pra cá e muito pior ficou, no desce e sobe da mansão de dois pavimentos, onde se instalaram em Porto Alegre, para ficarem mais próximos de Marphysa, ou antes de Consuelo. Explicarei logo mais. A idade do Coronel também não lhe permitiu mais as longas jornadas, mesmo com todo o conforto que a riqueza e as condições do progresso lhe foram proporcionando. Mas que ele ficou muito tempo ainda por aqui, gerindo os negócios, não resta dúvida. Participou, viu e duvidou de muita coisa. Que besta não era, nem um pouco. Muito pelo contrário, vivia caçoando, criticando o povo da terra,



a quem apelidava de sangue de mandioca, sangue de funcionário público, mijando de medo, tempo de eleição, se estaria votando no candidato vencedor, ou não. E cagando nas calças de pavor, se o tiro saísse pela culatra, elegendo o derrotado, com medo das listas negras das demissões.

A vida do Coronel ainda deu muito pano para manga, o que procuraremos resumir adiante. Falou, brigou, opinou, zombou e se mudou. Apenas não se aposentou, porque não acreditava nessa de Previdência Social, instalada por Getúlio Vargas. Admirava com reservas o ilustre caudilho, seu compatriota, mas, no fundo, no fundo, achava-o meio cabotino. Ele se conhecia bem e sabia que gaúcho era essencialmente fanfarrão, principalmente os de sangue espanhol latino, de um modo geral. Também as rendas eram sólidas e polpudas e nada lhe significaria a mesada contida e homeopática em cada fim de mês.

Quanto à suspeita da gordura de Fisinha, ninguém saberá em que deu. Não vou contar, nem pra dar dica. É um segredo que levarei para a sepultura. Basta de tanta sede de difamação. Não sei se, nestes tempos, este vezo melhorou. Também, pouco se está somando. Hoje quem quiser emprenhar, que se emprenhe. Casar de véu e grinalda, empinadinha, é até *chic*. Representa personalidade e pessoa assumida. Virou temática, padrão marca de Zorro. As coitadas de antanho é que levavam



o opróbio para o resto da vida, recolhendo-se quais monjas para o interior da casa, ou muito raro se dava o contrário: caíam na vida fácil e ficavam na língua do povo. O povo velho e feminino, porque os rapazes, como os de toda parte, e de todas as épocas, não perdiam tempo. Assim surgiam os enroscos.





A PROLE

A vida do Coronel Gusmão não se limitou em acumular fortuna e cuidados em torno de Physinha. Ele dedicou iguais zelos pelos filhos varões, sendo ora rígido para fortalecer-lhes a têmpera, ora paternal, provocando-lhes a estima em que os tinha.

Antes da menina, vieram seis machos, para seu orgulho e decepção de D. Teteia, que almejava uma filha para sua companhia, como o desejam todas as mães. Desde a primeira barrigada, o Coronel tinha certeza de vir um varão pela frente. Barriga de ponta e mexedora... homem, na certa. O esperado, não só desde logo, pinoteava no ventre materno, como um potrilho dos pampas, como bulia com as vísceras de D. Teteia. Cólicas, vômitos, dores eram artes do futuro rebento.

Nove meses, era um bom lapso, para que a sua caraminhola funcionasse na escolha de um nome condigno do seu descendente.

Qual genitor não sonha para o seu primeiro filho um futuro glorioso e nobre? O nosso Gusmão não deveria omitir-se à regra.

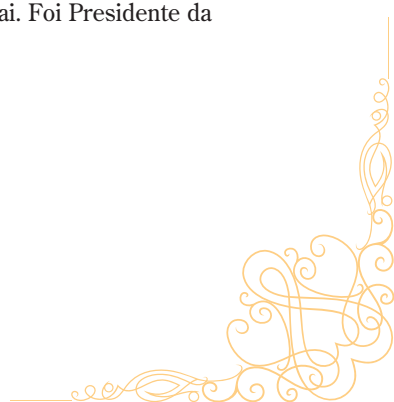
E, na lembrança das lutas sangrentas e duras do seu torrão natal, veio-lhe à mente, de chofre, um nome guerreiro: Solano Lopes.³⁹

Sim, um belo nome, que lembrava um homem obstinado e corajoso. Estaria também se vingando do ultraje feito aos seus antepassados pelas tropas brasileiras; sim, porque, para ele, a guerra se resumia nos cavalos, vacas e cabras roubados da Estância, com o nome de requisição, para alimentar o exército do Imperador, comandado pelo Duque de Caxias. Isto ele não perdoava nunca. Mas, sob as ponderações de D. Teteia, pelas Sessões Cívicas de que ele próprio participava, em memória a Augusto Leverger,⁴⁰ o Bretão Cuiabanizado, que nos livrou do jugo paraguaio, o Coronel cedeu, pois daria na vista e no descontentamento esta sua queda por Solano Lopes.

Mas, no fundo, no fundo, ele achava que Leverger blasonou

39 Referência a Francisco Solano López Carrillo (1827-1870), segundo Presidente constitucional da República do Paraguai, cargo que exerceu de 1862 até sua morte. Foi comandante das Forças Armadas e chefe supremo do seu país durante a Guerra do Paraguai.

40 Almirante Augusto João Manuel Leverger, conhecido por Barão de Melgaço ou Bretão de Cuiabá (1802-1880), foi um militar franco-brasileiro. É considerado herói da Guerra do Paraguai. Foi Presidente da província de Mato Grosso em várias ocasiões.



em Melgaço, sem fazer força, e Antônio Maria Coelho⁴¹ retomou Corumbá na moleza e de traição, se aproveitando da soneca dos invasores. “Tática de guerra, Coronel, massa cinzenta na cachola”, dizia o Coronel Luiz Pedroso, militante veterano que pelejou de espingarda em punho, nas hostes pátrias.

“Então ele será Ephigênio, deverá ter gênio até no nome.”

Quando nasceu o segundo filho, não havia motivo para melindrar os conterrâneos da mulher, dando-lhe o nome de Bolívar, acentuando-se no i. A figura de Simão Bolívar, como a de todos os outros caudilhos, se lhe gravara no peito e seria o nome ideal para o seu pimpolho, se o padre Agostinho, logo ao despejar-lhe a água batismal, não lhe deturpasse a acentuação.

— Ego te baptizo Bolívar... vár... vár ... — ecoando na Igreja de São Gonçalo e nos ouvidos do Coronel, que se retirou bufando de raiva do vigário.

O terceiro deveria ser também um herói — Martin, em grande e venerável preto ao libertador San Martin.

Interessante! Nenhuma figura nacional lhe tocou o peito. Ou aquela lembrança daqueles dois, carneiros e cavalos sacrificados

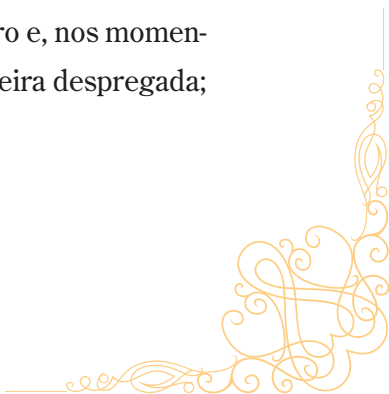
41 Antônio Maria Coelho (1827-1894), militar e político brasileiro. Teve relevante atuação na Guerra do Paraguai, na Retomada de Corumbá (13 de junho de 1867).

aos soldados do Imperador, em nome da pátria, representasse o maior descabro de usurpação e a mais absurda carnificina da história?

Bolívar foi, justamente, o que lhe deu mais dor de cabeça. Recalcitrante para comparecer às aulas e fazer os exercícios escolares, chegava da escola com as mãos vermelhas dos *bolos* na rodada de tabuada. Em religião cristã, nem se fala; não saía do Padre-Nosso e Ave-Maria. Ele gostava mesmo era de jogar futebol com os amiguinhos de rua, pescar na Boca do Valo, na enxurrada fazer serenata com o Cezino e seus amigos de violão e cavaquinho em punho. O Coronel bufava, quando sabia das estrepolias do rebento. Ignorando que ele fugia pela janela do beco, para ir com o grupo aos bailes da Várzea Grande, famosos pelo perigo que ofereciam, pois quase sempre eram animados com tiroteio, sobrando até para os “sapos”, quando alguma namorada era tirada para dançar, sem a prévia licença de seu galã, não dando tábua no audacioso dançador.

Graças a Deus, D. Teteia morreu desconhecendo estes fatos, pois de outro modo eu não os denunciaria aqui.

A última do garoto Bolívar, já bem taludo, se deu numa sessão do Circo Garcia, quando jovens estudantes se reuniam para bagunçar o coreto. Eles se instalavam no Poleiro e, nos momentos mais tétricos dos dramalhões, riam à bandeira despregada;



e, nos momentos cômicos, se lamuriavam e imitavam choro desconsolado. Mas surgiu uma situação inesperada. O palhaço, excedendo o seu gracejo, criticou um costume qualquer da terra. Bolívar levantou-se empertigado, equilibrando-se o mais que pôde, na arquibancada, e em voz sonante bradou: “Vamos abandonar o Circo; e quem for brasileiro, que me acompanhe!”

Porém, saiu sozinho, porque os companheiros viviam duros e não se animaram a praticar heroísmos pelo preço da entrada do espetáculo.

Depois, vieram ainda os filhos: Nhônho, Leo e Nhoca, dos quais nos ocuparemos em seguida.





AINDA OS FILHOS VARÕES

O Coronel pelejou para incentivar o filho Bolívar a estudar medicina. Fazia-lhe preleções maçantes à hora das refeições, mostrava-lhe exemplos, mas nada conseguiu. Ou, por outra, ele se encaminhou na vida como industrial. Não nesta terra. Na cidade de Campos, no Estado do Rio, montou uma fábrica de queijos. Tornou-se indústria próspera e acho que ainda vive rico e feliz, como nos contos de fada. Porque quem é rico não vive feliz de besta.

É que, às vezes com facilidades de recursos, e nada tendo a fazer, dá pra escarafunchar males do corpo, enxaquecas e outras mazelas, para preencher o seu nada a fazer. Creio, porém, que os filhos do Coronel não eram dessa falta de fibra, ou cultivadores de doenças.

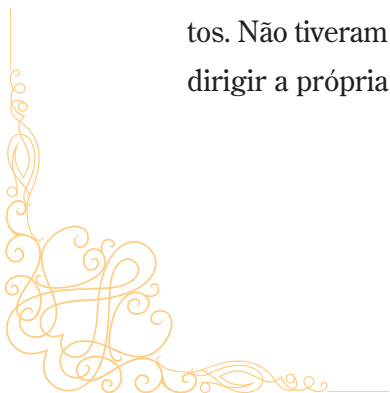
Quanto a outros filhos, baseados em suas próprias experiências pampeiras, isto é, na sua vivência no Sul do país, na Granja dos avós, onde se arranchavam todos os filhos, não é ócio comunitário, como se poderia pensar, mas, trabalhando de sol a sol, como um colono qualquer, quis manter estes mesmos

princípios, já amortecidos, porém, num ambiente confortável, que os seus largos recursos proporcionariam.

Ele próprio, desde taludinho, costumava acompanhar o pai ao campo, aos pastos, e conhecia os nomes da complicada indumentária gaúcha e as manhas dos animais da propriedade.

Aqui em Mato Grosso, como se tornara um comerciante próspero, incluiu o seu filho Martin entre os funcionários da loja, com um ordenadinho bem magro (para saber o quanto se custa a ganhar), e dizia que era para ele aprender fazendo e não apenas mandando. Não queria que filho seu desse em nada, como os varões de muita gente de dinheiro e bens de raiz; que acreditavam ser donos do mundo e o bolso dos pais, um saco sem fundo. Muitos não se dedicavam aos estudos, muito menos ao trabalho. Não se encorajavam para enfrentar um casamento e acabavam amigando, enchendo a companheira de filhos, que traziam à casa dos pais, primeiro timidamente, depois aos magotes, e viviam sempre em rancor com a sociedade porque, jovens da melhor nata, como cortes de noivos, acabavam se casando com a amásia, querendo impingir as coitadas a todo o transe, no aconchego paterno.

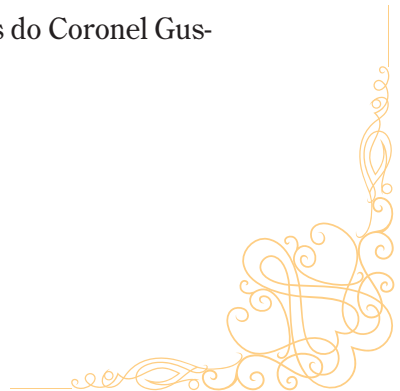
Assim viveram Nhozinho, Fernandão, Tônico e outros muitos. Não tiveram pulso para tocar os negócios dos pais, nem para dirigir a própria vida, escondendo a preguiça e incompetência



na bebida, na situação irregular de família, ou querendo tirar partido do nome ilustre que carregavam, com tiradas pouco honrosas. Por isso o Coronel não se cansava de doutrinar: “Vejam o exemplo dos estrangeiros; no começo comem merda, vestem algodão e zefir, mas quando se aprumam têm dinheiro grosso de lastro, enquanto vocês (dizia aos próprios filhos), a primeira coisa que fazem com o dinheirinho ganho é comprar aparência, com cavalo bem tratado (naquele tempo não havia carrões), camisas de seda inglesa na loja do Comendador Manuel Nunes, enfim, adquirem tudo para fazer efeito.” O que, se o Coronel vivesse em dia de hoje, veria que nada mudou, entrando mais as madames de concorrência, com o crediário das butiques. O culto da aparência continua firme e forte.

Lembramos aqui os turcos que fizeram linha de frente, montados em motocicleta na chegada do Governador Pedrossian. A maleta vinha na garupa. No dia seguinte estenderam lonas nas calçadas com suas bugigangas e hoje é que resolveram com belas e confortáveis mansões. Assim procederam os outros gringos e estão todo aí, prósperos e importantes, alguns descobriram até ascendência nobre. Apareceu até uma Anastácia, suposta filha do Czar da Rússia.

E quanta coisa não deu certo nas previsões do Coronel Gusmão!



Ele sempre dizia: Quando Cuiabá der uma guinada na sorte, vocês, filhos da terra, acostumados a ficar horas a fio de mão no bolso, ruminando vida alheia, em blocos de esquina, ou na frente de botequim, quando os forasteiros prosperam, ficarão para seus empregados; de tão acostumados à moleza. O rio cheio de peixe é o responsável disso. Ninguém passa fome; é só atirar o anzol, mesmo sem isca, que o bicho vem.

Ele sentiu na sua carne o problema que vivera, na dureza, e não falava por mal. Queria ou pretendia acordar os que já considerava conterrâneos, para o futuro. Ele não chegou de ver Brasília. Já estava debaixo da terra, bem longe daqui. Não viu a expansão do Centro-Oeste, graças ao corajoso Juscelino, que merece todo o preito. Falem mal dele os ingratos, mas ele não foi apenas o tirador de papo da moçada, o que muita gente ignora. Pois mandou que se acrescentasse iodo ao sal, vendendo sal iodado para compensar a falta deste ingrediente no corpo humano, onde não houvesse mar. O que enfeava tanto a moçada de antanho. Juscelino foi o pioneiro das estradas, na verdadeira acepção da palavra. Não foram muitas, mas o bastante para dar asas a esta terrinha pacata e adormecida. Agora a diabinha vai longe; quem viver ficará para descrever.

Voltando ao jovem Martin. O pai queria fazer do menino um moço decente. Mas o cabra era arrebatado e gostava de

brincadeiras. De início, lá na loja, fichou todos os aficionados com um apelido, captado dos seus tiques.

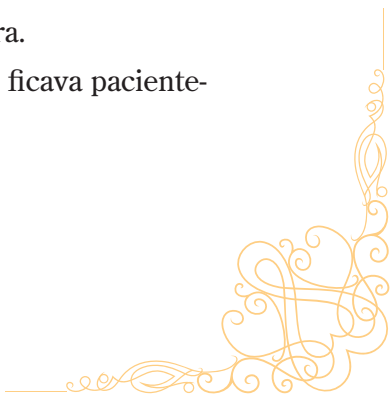
Quando chegava D. Petrolina, ele anunciava: “Pai, sua comadre Come Vento, tai.” D. Petrô (na intimidade) falava procurando acomodar a dentadura, o que fazia dando uns abocanhados no ar.

Depois, vinha a amiga de antanho: D. Carolina do Sítio Bebedouro, que se mudara para a cidade. A sua modalidade de ajustar os dentes era outra. Então ele dizia: “Chegou D. Carolina Masca Broa.” O Coronel se danava com a irreverência do filho, recriminando-lhe: “Mais respeito, moleque, quando você estiver também mascando prego, sentirá na carne a maldade de suas palavras.”

Quando uma pessoa era positivamente sem graça, desenxabida, sem sal, chamavam-na de *Jacuba*. Jacuba é uma bebida feita de rapadura ralada, com farinha e água. Também jacuba era o personagem que, nas touradas, servia de ajudante para o toureador, oferecendo as sortes deste às damas. A primeira e a segunda versão de Jacuba definem duas coisas sem saber, sem graça: a bebida e o papel do segundo.

O certo é que todos aqui tachavam de Jacuba as pessoas sensaboronas. D. Juvina era das tais. Desenxabida de assunto, de cara, de fala, cansativa de tanta sem-graceira.

D. Teteia, como era um anjo de candura, ficava paciente-



mente ouvindo as mesmas histórias, numa voz tão mole, que sentia um arrepio na espinha, seguido de uma dormência, que começava na cacunda e dominava-lhe todo o corpo, pesando-lhe nas pálpebras, naquela irresistível vontade de dormir. Mal D. Juvina apontava na porta da rua, Martin punha a boca no mundo: “D. Jacobina chegou. Entre, D. Jacobina.”

— É Juvinha, meu fio — corrigia a ingênua senhora, que nunca se deu conta do quanto era insossa.

Da mesma maneira ele recebia: Totó Canário, João Penso, Quiabo Liso, o Dor. Pé de Anjo, Mãe da Morte, Orelha de Tacho e outros. Como não tomava jeito e só pensava em satirizar os *habitués* da loja de seu pai, resolveu mandá-lo para a capital federal, na companhia do General Rondon, para ser doutor engenheiro, pois o diabrete tinha muita cabeça pra matemática.

E foi longe. Formou-se engenheiro pela Politécnica do Rio de Janeiro, fez cursos de aperfeiçoamento na Alemanha, foi assistente do professor Alírio de Matos, deixou trabalhos importantes no Brasil e se transferiu para os Estados Unidos, no alvorecer da era atômica.

Casou com uma francesa bela, inteligente e elegante. Deveria ser rica, porque Martin, embora safado, herdou as aspirações e gosto do lado materno. Além disto, era ambicioso e gostava de exhibir mulher glamorosa a seu lado.

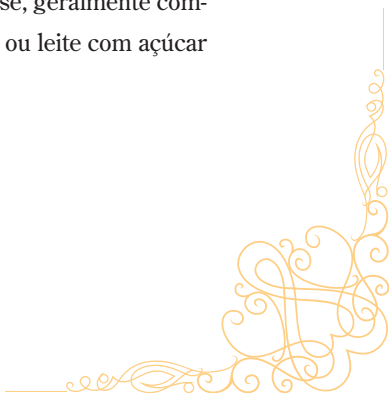
Não poucas vezes que apareceu no torrão natal, revolucionou o mundo feminino. Quando partia, deixava um rastro de corações partidos; noivados desfeitos, um cortejo de admiradoras suspirosas, mesmo entre as casadas.

Ephigênio, em pequeno, foi tratado com muita caduquice, como todo primogênito. Saía de babadouro escrito: “Não me beije.” Para evitar micróbios. Touca de bordado inglês de passafita, camisolinha de cambraia de linho, enfim, um bebê de fino trato.

Mas, logo que cresceu, desembestou com a gurizada do beco, que foi uma perdição. Exigente como ele só, acordava pondo a boca no mundo, exigindo o *quebra-torto*.⁴² E houvesse bananinha, saída de onde fosse, para acompanhar o revirado. Depois sumia no mundo. A Várzea Ana Poupina, a cacimba do Capitão Claudino, o Pirizal, a Fábrica de Sabão eram o seu reino. D. Teteia só lhe suplicava que se afastasse da Linha de Tiro, para evitar bala perdida.

Na boca da noite, ele aparecia liderando o bandinho de moleques. Voltava sujo e faminto, e tomar banho, comer escarreado e cair na cama, num sono só.

42 Refeição matinal típica do Pantanal mato-grossense, geralmente composta de arroz carreteiro, ovos fritos, farofa, café ou leite com açúcar queimado.



Quando entrou no Liceu Cuiabano, foi mudando a daninheza. Compenetrou-se nos estudos, disputando, com os melhores alunos, as melhores notas. Mudou da água para o vinho. Foi-se interessando pela literatura clássica, abandonou os truculentos companheiros de infância, que se incorporavam já ao grupo do Bolívar. Por assim dizer, não se enturmou com ninguém. Tinha alguns amigos, mas começou daí o seu modo arredo, que mais tarde atingiu as raías do esquisitão. Talvez fosse um gênio, como almejava o pai, mas não me consta que brilhasse em alguma profissão. Mas que ele estudou, estudou, chegando a se diplomar em dois cursos superiores, porém creio que os seus diplomas, na época, não davam lucro algum. Profissões que não forram o estômago. Uma delas acho que foi Astronomia, quando frequentou a Sorbonne; a outra foi o doutorado em línguas clássicas: grego e latim. Altos estudos, tudo muito difícil, porém sem nenhuma praticidade nesta terra tupiniquim.

Era pessoa muito lida e inteligente. Foi ele, por assim dizer, que ultimamente teleguiou os negócios do pai. Por sugestões do filho, o Coronel mudou, em tempo, de ramo de negócio, vendendo o seu seringal, quando a borracha foi lançada no mercado mundial pelos japoneses.

Por alvitre do Ephigênio, o pai adquiriu uma extensa fazenda

de café no sul do Mato Grosso. Por ordem do filho, passou-a adiante, antes do colapso deste produto.

Depois que se foi, poucas vezes apareceu em casa. Vi-o algumas vezes. Alto, magro, muito branco, dedos nos ossos e pálido. Muito escrupuloso, lavava frequentemente as mãos e só usava camisa branca de seda pura.

Quando ele estava em casa, todos falavam baixo, certas visitas eram desviadas para a varandinha, porque acho que ele se sentia mal em convivência com a plebe. Nem nunca teve a acolhida do Martin, ou do Bolívar, que faziam reboliço até fora de casa, ou melhor, até no lar alheio.

Ephigênio parecia um homem cheio de esquisitices, que raiavam a mania. Decerto ele se sentia superior demais, com a sua Sorbonice e seus muitos diplomas, no meio desta cidadezinha caipira e desatualizada. Pelos retalhos de conversa que escutei, acho que o nosso herói se desfazia de São Paulo e do Rio, pois o ouvi dizer que, na América, só se viveria razoavelmente em Buenos Aires.

Em verdade, não soube onde ele se arranchou, depois que a família se mudou daqui.





NHONHÔ-PELICA

Por mais que o Coronel escolhesse um nome bem sonante, não é que o molecote nasceu empelicado? E bebê empelicado significa privilégio, augúrios de bem-dotado, inteligência rara e um futuro de mar de rosas. O que foi sobejamente comprovado, como veremos.

Mas isto bastou para que Tchá Tuca exibisse logo o quarto filho, como um troféu. “É um Nhonhô Pelica.” Foi o bastante para que o Nhonhô enterrasse o Montezuma no nascedouro.

Antes de acompanharmos o novo rebento na sua gloriosa órbita terrena, devo esclarecer que, se ora me refiro à parteira Tchá Tuca, ora a Siá Miguelina, é que acontece que as duas comadres da casa queriam prestar serviços graciosos a tão bons amigos. Tacitamente combinaram de revezar-se a cada *délivrance*. No que esperavam ter muito pano para mangas, porque, naquele tempo, Deus ainda mandava na barriga das senhoras casadas. Estas punham no mundo tantos filhos quantos aprouvessem ao Nosso Senhor.

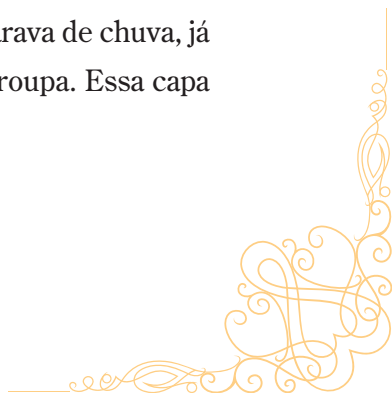
Assim que elas se acomodaram no ofício de partejar os filhos

de D. Teteia, que de ofício, propriamente dito, só tinha esse, subordinado à vontade do Criador, não houve contendas nem conflitos.

Nhonhô, desvencilhado do Montezuma, logo de berço, levou foi mesmo vida de verdadeiro Nhonhô-Pelica. Damiana, achego da casa, se entronou de segunda mãe, desde os primeiros dias de vida do garotinho. Era comum, nesse tempo, aboletar em casa de família pessoas idosas, solteiras, ou viúvas, descompromissadas, enfim; e estas, em troca do pão e do teto, se atribuíam incumbências de ajuda ao casal; trabalhinho de leve, na maioria das vezes, para que não fossem confundidas com serviçais, mas longe de se ombrear com a patroa legítima. Embora muitas vezes a sua severidade exorbitasse, nas lambadas que aplicavam nos irmãos do preferido, isto é, daquele de cujos cuidados elas próprias se responsabilizavam. O que deveria ser ótimo para o desvelado, entretanto causava muita rivalidade e desavença entre irmãos.

Sorte de Nhonhô. Mamãe Damiana é o seu refúgio das ameaças de coça do pai, anjo bom a lhe contar estórias, guardadora de petiscos especiais, com *pontos* de açúcar refinado, barrinhas de chocolate, bananas fritas, coisas preferidas do menino.

Além disto, ele só não andava como um príncipe porque era desleixado de natureza. Mãe Damiana aparava de chuva, já que não a havia tratado, para branquejar sua roupa. Essa capa

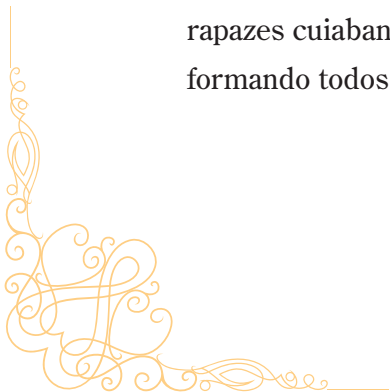


protetora sempre lhe foi dispensada pela Damiana, que tanto queria vê-lo *chic e poc*.

Embora ela tivesse poucas letras, fazia cópias com caligrafia caprichada, para Nhonhô apresentar à professora. Rezava, acendia velas de promessa, se empenhava com os colegas do seu pupilo para que o protegessem e o ensinassem; em troca de pacotinhos de biscoito e cartuchos de balas de leite e cacau, para as quais tinha mão no canto.

O nosso Empelicado atravessou a infância e a adolescência, num *dolce far niente*, superprotegido pelo seu anjo bom. Quando foi para Minas, estudar agronomia, nem bem fez mês escreveu para o pai “ou lhe enviassem Mãe Damiana, ou mandaria o estudo às favas”. E lá se foi de herança a Damiana, uma cozinheira, dublagem de arrumadeira e uma filha desta de reforço se aninhar nas Alterosas. Se estudou, se formou, não sei; mas a fama é que, num baile, ele tirava o pé do lodo e metia os colegas no chinelo.

Veio ainda o Leodegardo, o Leo, nome que herdou do padrinho, bem como a carreira das armas, pois este coronel de infantaria, vindo como ajudante de ordens do General de Divisão, amigo da família Gusmão, pampeiro como este, logo começou a bancar o patrono do menino. Leodegardo fugia à regra dos rapazes cuiabanos, que seguiram a carreira das armas, se reformando todos sem atingirem o generalato, na ativa, por não

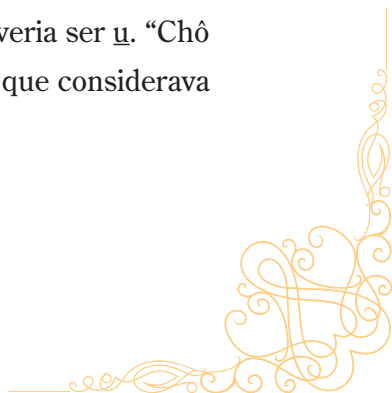


frequentarem os cursos do Estado Maior. O filho do Gusmão não só tirou todos os cursos de extensão do exército, como foi agraciado com várias bolsas de estudo no exterior. Foi um rapaz estudioso que só não combateu numa guerra, para mostrar a sua destreza, porque esta não pintou, para o nosso herói em potencial. E, se viesse, não seria mais guerra de fabricar heróis. Levaria instantes para a destruição total da humanidade, pelas sofisticadas e violentas armas modernas e atômicas.

Leodegardo, que não ganhou nome célebre, foi quem mais se destacou na vida pública do país. Demonstrou, nos cargos que ocupou, sobretudo como adido militar, nas várias representações diplomáticas em que serviu, não só conhecimento de caserna como ser um verdadeiro cavalheiro, em maneiras e cultura, honrando o Brasil em terra estranha.

Ficamos até pensando: se Leodegardo não já estivesse retirado da ativa, no advento desta república militar, que sorte para Mato Grosso vê-lo na direção suprema do país. Seria capaz de jamais ter-se transformado em realidade a divisão do Estado.

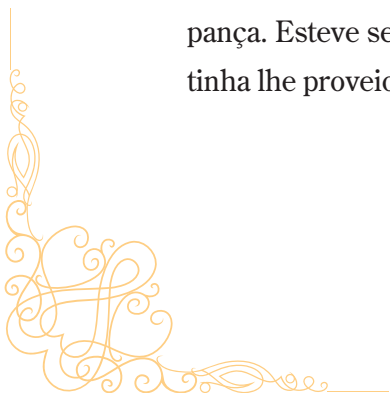
O derradeiro foi o Nhôca, ou Gusmãozinho: Manoel Aniceto de Campos Morales de Gusmão. O que deu mais uma contrariedade ao Coronel, quando foi buscar o registro de nascimento. Tudo por causa daquele o do Manoel que deveria ser u. “Chô égua!”, exclamou irritado o pai do pimpolho, que considerava



Manoel, com o, nome legítimo de um português bigodudo e de falas enroladas, o que nem de leve ele desejaria que o filho fosse. O Coronel tinha muito orgulho das origens de Castela, de Velasquez, de D. Quixote, das Touradas, enfim, de coisas que repetia por ouvir dizer.

Tanto nome, tanto barulho, para ficar reduzido a Nhôca, pela boca de Nhá Tuca, na hora do nascedouro, quando despendurou pelas perninhas mais um machete e, dando-lhe as primeiras palmadas, concitou: “Chora, Nhôca, faça como os outros que abriram o berreiro ao ver a cara deste mundo.”

E Nhôca ficou chorão pela vida fora. Não manhoso renitente, mas o fazia de lábia. Tudo vinha chorar ao pai. As suas dificuldades eram resolvidas com choro ao bolso paterno, mais paternal com ele, talvez, por carregar o nome do Coronel e para não o deixar parecer. Astúcia de que se valeu desde cedo, ao tomar pé das fraquezas paternas. Foi o mais abastecido, a peso de manhas e artimanhas. Isto o tornou preguiçoso. Tinha preguiça até de comer. Um dia, queixava-se de dor na boca do estômago. Foi um corre-corre com chá de camomila, garrafa de água quente, emplasto de mandioca com duas gemas, aplicado no local doente, para lhe dar sustância; no final era apenas falta de entupir a pança. Esteve sempre na escola do menor esforço. Tudo o que tinha lhe proveio da herança paterna. Pois, ao merecer o nome,



afrouxaram-se-lhe as qualidades e têmpera do mesmo, isto  , do seu laborioso progenitor.

Era acomodado e sem muitas aspira es. Um bom par de chinelos, para espalhar os dedos, uma rede e seu guaraná, estava resumido o ideal do rapaz. O resto foi decorrência dos bens herdados. Este ainda vive entre nós.





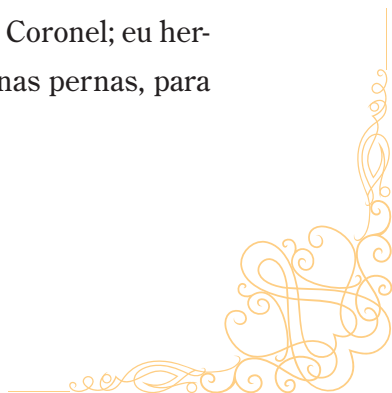
MANUEL ANICETO DE CAMPOS MORALES DE GUSMÃO

O Coronel, pelo seu trato cordial com todos, tinha a amizade de toda a população da cidade, sem discriminação de posição, posses ou cor. Não desfazia de seu ninguém a não ser de algum crápula, que não lhe merecia consideração alguma. Compadre tinha aos montes, cujos afilhados eram assim contemplados ao nascer, por D. Teteia: filho de pobre — corrente de prata, Santa Luzia ou Senhor Divino do mesmo metal. Filho de rico — corrente e berloque de ouro. Esta ideia, muito a contragosto do marido, era defendida pela mulher com o seguinte argumento: “Pobre nunca teve nada, não dá valor ao que recebe. Rico está acostumado com objetos caros, sabe o quanto custa.”

O Coronel compensava esta desigualdade, abrindo uma caderneta na Caixa Econômica em nome do afilhado, com cinquenta mil réis. Uma boa quantia para a época. Não havendo correção monetária ou inflação, que reduz a pé de traque o dinheiro que se guarda atualmente, quando o menino chegava no ponto dos estudos, estava com razoável pé-de-meia feito.

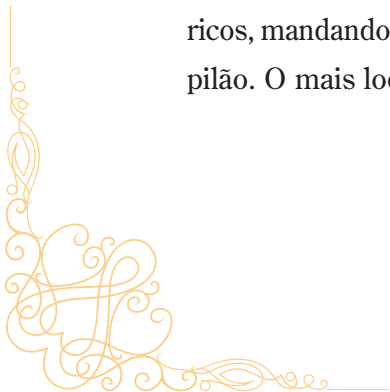
Por isso, não é para estranhar que, durante a semana, desfilassem à porta do armazém as pessoas de categoria as mais esdrúxulas possíveis. (Sabemos que ele mantinha nos fundos da casa, do lado do Beco, um bolicho bem abastecido.) O pessoal do Arsenal de Guerra, em peso. O Coronel tornou-se o fornecedor, à base da caderneta ou do fiado, de todos os operários, membros da Liga Operária, em razão do que se tornara presidente honorário da mesma Liga e conseqüentemente compadre da turma.

O interesse é que, dantes, as próprias pessoas se guardavam numa posição de respeito, diante das outras pessoas de maior destaque. Na esquina do Coronel, desde as cinco da tarde, quando o comércio enfraquecia de movimento, porque o grosso era feito durante a manhã, entre as nove ou dez horas, com uma folha de porta entreaberta, porque as outras já se iam fechando, o panorama cotidiano era o seguinte: entronizado numa cadeira de espaldar alto, acolchoado de veludo carmesim lavrado de preto, com assento de palhinha e rebordo de jacarandá trabalhado, via-se o Coronel; ao seu lado vinham-se postar os compadres do Arsenal, a trazer notícias do dia ou a pedir conselhos. Ao lado, havia dois bancos de madeira. Quando aparecia o João Miguel, o Coronel dizia então: “Abanque-se, compadre!” Ele respondia: “De cocre mesmo, Coronel; eu herdei dos meus pais escravos tutano bastante nas pernas, para



varar noite inteira nesta posição.” E não havia Cristo que o fizesse aceitar cadeira. Compadre João Romão, muito magro e empertigado, ia lá dentro apanhar o mocho de couro, que era meio fundo, e lhe dava certo conforto às nádegas descarnadas. Várias vezes Rei de São Benedito e de Nossa Senhora do Rosário, que até parecia cargo vitalício, tinha sempre algo a reclamar das festas do Senhor Divino, onde jamais chegara a Capitão do Mastro e por isso mesmo, talvez, procurasse se destacar, dando o máximo relevo ao seu camarote nas Touradas, que se seguiam a esse festejo, sempre em lugar fixo, à esquerda do tronco, onde Major Firmo e Família tinham cadeiras cativas, ao lado do tabelião João Pereira e seus filhos José, Luis Felipe e Hermínia. O assunto do João Romão, depois das lembranças de Nhá Tuta e Nhá Cula, eram estes festejos religiosos.

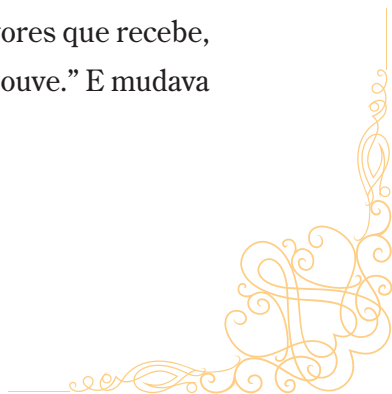
Manuel Roberto, Bodeco, Freitas, Zé Antônio, Malaquias, João Mendes, Fortes, Nazário, Speridião, todos revezadamente vinham tirar seu dedo de prosa até a boca da noite, quando voltavam para casa. Gente proba e honesta, caráter sem jaça e, quando se tornavam amigos, o eram em quaisquer situações. Era um padrão de honra à profissão de Operário do Arsenal de Guerra. Por isso o Coronel os acatava como aos compadres ricos, mandando-lhes servir guaranazinho, ou café moído no seu pilão. O mais loquaz deles era o compadre Pedro Augusto de



Oliveira. Conversador fluente, espírito crítico, era o que trazia mais novidades, como aquela que envolveu o João Miguel e o Bodeco. Querendo prestar homenagem nos funerais ao Coronel Ponce, foram pedir permissão, em nome de todos, para que se suspendesse o expediente ao Major Diretor. Não se soube por que cargas d'água todos os que chegavam encontravam os portões fechados, e esta supressa teve até o Major Comandante, que ignorava o fato. Foi o bastante para que estes dois emissários ficassem com as barbas de molho. Eles, não encontrando o Diretor, pediram ao filho deste, que era o seu ajudante. Este acatou a ideia, mas se esqueceu de avisar o pai, que só no dia seguinte tomou conhecimento da ocorrência. Mas, como se tratava de um caso de pai pra filho, acabou mesmo em boa paz. A esta altura o compadre Pedro já havia enchido a cabeça do outro de mil perigos e penalidades a sofrer.

Não só operários, mas almoxarifes, escriturários, serventes, todos tiravam o seu dedo de prosa na esquina do comerciante sempre acolhedor e prestativo. O rol de amizade que desfrutava lhe permitiria, se quisesse, eleger-se e reeleger-se deputado.

De política, dizia ele, não quero ver o cheiro, nem pintado. E, num esboço grotesco, achincalhava de vez: “O político tem espinha maleável, lembrança curta para os favores que recebe, para as desfeitas que sofre e xingamentos que ouve.” E mudava



de assunto. Não sabemos se falava sincero, ou era pano quente para não lhe pedirem favores.

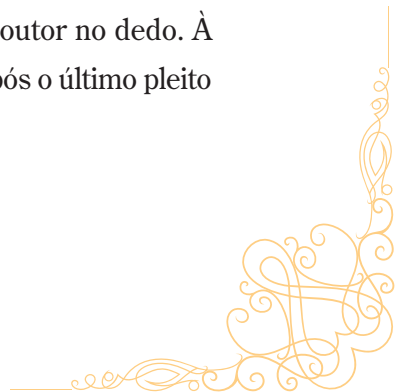
Justiça seja feita. O Coronel gostava de ajudar o próximo; claro que praticava aquela ajuda que não fazia dispender muito dinheiro. Corria à boca pequena que era ele a pessoa que confabulou com os altos figurões políticos, para empenhos de emprego, colocando ou não pingos nos ii. Mas a tática do Coronel era outra. Este fato dos pingos vamos resumir aqui, pois não foi contado por Firmo Rodrigues, em *Figuras e Fatos de Nossa Terra*.⁴³

“Para ser chefe político, era preciso ter habilidade e inteligência: habilidade para fazer prosélitos e inteligência para fraudar a votação ou tapear o eleitor. Nas vésperas das eleições, iam de porta em porta, animar os amigos, tomar-lhes o pulso para ter a certeza dos que estavam firmes com o partido. Passadas as eleições começava a dificuldade dos mandões na impossibilidade de satisfazer aos pedidos de emprego. Conta-se que, entre nós, houve um chefe político muito educado, também era a raposa mais matreira para iludir o eleitorado. Um dia, esse

43 Firmo José Rodrigues (1871-??), militar e professor cuiabano, era o pai de Dunga Rodrigues. Segundo a fonte consultada, o nome do livro é *Figuras e Coisas de Nossa Terra*. Biografia disponível em: <https://familiasabarao.com.br/firmo-rodrigues/item/67-firmo-jose-rodrigues>.

chefe recebeu a visita de um correligionário, pedindo-lhe uma recomendação para um emprego federal. Prontamente, o astuto chefe escreveu uma carta ao senador, onde os ii não levavam pingos. O candidato mostrou a carta à mulher e aos filhos. Uma pirralhinha observou: “Papai, seu coroné não sabe que i leva pingo?” E o pai corrigiu o engano. Um mês depois veio a nomeação para surpresa do protetor, cuja senha para o não atendimento, era não colocar pingos nos ii.

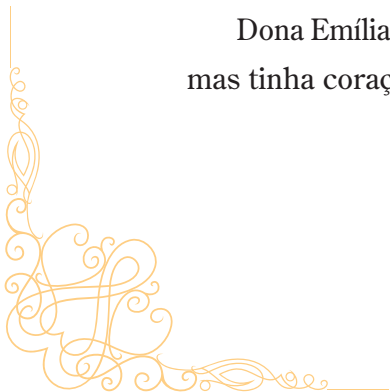
Mas o autor deste desacerto não foi mesmo o Coronel, porque o seu estratagema era outro. Quando o pedido era para inglês ver, só para não fazer desfeita a quem lhe solicitasse, ele assinava com letra de médico, isto é, com uns garranchos ininteligíveis, que não dava para saber o que estava escrito. Quando o pedido era para valer, o Coronel caprichava na escrita, que essa ele a possuía regular e perfeita. Não era de muitas letras; a sua cultura era de efeito muito superficial, mas era um sujeito atilado e de excelente caligrafia. Aliás, ele se afinava muito com o compadre Licínio, que subiu na política e prosperou de fortuna graças aos seus exclusivos esforços e inteligência. Fez-se por si só, era boca corrente. Muito vivo e espirituoso, ninguém se metia a besta com ele. Com a sua verve, derrubava as indiretas de qualquer indivíduo titulado, com anel de doutor no dedo. À prova, que certa vez um bacharel em direito, após o último pleito



em que perdera as eleições, rapaz solteiro, querendo fazer bonito para algumas moças que vinham do *footing* no Jardim Alencastro e se dirigiam ao Porto, disse a Licínio: “Alô, ilustre colega, pode dar uma carona para essas senhoritas, no seu carro?” Ao que este prontamente retrucou: “Levar, eu levo, mas *colega* não sei por onde. Você é doutor, eu não sou, mas fui eleito deputado e você não foi.” E são inúmeras as tiradas da sua jocosidade.

O Coronel retribuía com toda a solícitude as atenções que recebia de graúdos e da pobreza. Neste ponto tinha o coração muito nobre. Todos se lembram daquele caso que aconteceu com o marido da filha da comadre Emília. Benedito gostava de um trago. Atrás do primeiro vinha o segundo, atrás deste, o terceiro. Um era para arejar a boca, outro para tirar o amargo, outro para matar o bicho, mais outro para espantar o calor ou frio, dava no mesmo, e assim sucessivamente. Quando chegava a casa exemplava os filhos, a ponto de os vizinhos intercederem pelos coitados; é que já estava de cara cheia. Não dava mais para fazer o quatro, mas de braço estava bom nas lambadas. Foi quando ele um dia não enxergou a valeta da Rua Nova, nos preparativos da festa do Bicentenário, ele que já estava ao jeito de pular buraco e cair dentro, caiu e quebrou a perna.

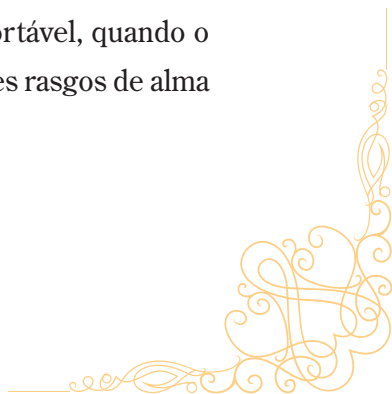
Dona Emília, que não tolerava o genro pelas suas badernas, mas tinha coração bondoso, se valeu da amizade com a qual



muito se honrava, na família do doutor Genésio, telefonou na venda da esquina, chamando este clínico, recém-formado e recém-chegado da capital federal, onde passara seis anos, afundado nos estudos. Ele veio prontamente, embora já noitinha, montado no seu baio reluzente de gordo e descarnou, como se dizia, o paciente na sua perna quebrada, com todo o cuidado e sapiência. Arrematadas as ataduras, prontamente retirou o formulário da maleta, como se usava na época, e apresentou a conta.

Era uma barbaridade para aqueles anos e mais ainda comparando com recursos parcos da família do doente: cinquenta mil réis!... Dava para um aluguel de casa e mantimento para quatro semanas. D. Emília propôs pagamento em parcela com lavagem e engomado de roupa. O doutor se recusou e silenciosamente foi retirando as ataduras, deixando a perna do Benedito balançando ao léu. O fato chegou, por vias indiretas, ao conhecimento do Coronel Gusmão. Ele, que se antipatizava com os varões da família do Genésio, esgoelou pelos quatro cantos a mesquinhez do novo esculápio e mandou recolocar os ossos transviados ao Dr. Papagaio de Fraque, filho de fora, que aqui viera ganhar a vida e, pela cordialidade, ganhou um apelido, recebeu a pecha de bom sujeito, coração grande, amigo dos velhos e das crianças.

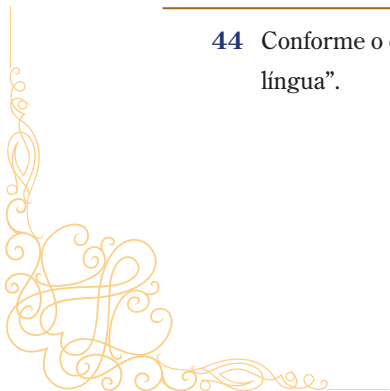
Era assim o Coronel, ora ranzinza, insuportável, quando o contrariavam, ora espontâneo, capaz de grandes rasgos de alma



e bolso. À prova, que se tornou um grande amigo do Dr. Agrícola, “Pai dos Pobres, homem desprendido: em política nasceu para ficar de baixo, exceção dos conterrâneos, não tem palpos na língua⁴⁴ pra apontar defeitos de quem está lá em cima na governança. Não tem medo e quer igualdade do povo”. Assim ele se referia a este amigo.

Havia um ponto em desabono ao Gusmão, comentado, porém, em cochichos, ou diz que diz que inconsequentes, porque falar alto ninguém ousava mesmo. Também não se pode recriminar o Coronel de mandar os filhos para fora e deixá-los lá, ou melhor, se radicar por lá. Era esse o costume, ou melhor, o destino de todos os varões que dispusessem de um mínimo de posses para prosseguir os estudos. De outro modo estariam fadados a serem funcionários públicos, ou a assinar ponto na Botica, ou na Esquina do Bugre, nas lojas do Chico, no ministério do Fazer Nada. Aí malhavam governo, o próximo, a vida, as chuvas, a seca, reformavam o mundo e iam dormir (alguns em casa de rapariga), outros na própria casa, para prosseguirem no outro dia, na mesma rotina. Alguns gatos pingados se dirigiam

44 Conforme o original. A expressão mais comumente usada é “papas na língua”.



à biblioteca pública, que, justiça seja feita, possuía bons livros. Autores estrangeiros em ricas encadernações, livros científicos e revistas, o que se admirava, pela dificuldade e demora de correspondência.

Para resumir, podemos asseverar que o escopo do Coronel era não criar os filhos sem serventia.





UM CASO POLÍTICO

A política em Mato Grosso sempre foi acirrada, ferrenha, renitente, impiedosa e maldosa, pois mexia até com a espinha dorsal do indivíduo. Corrutela de funcionários públicos fazia-os oscilar na balança, elevados na vitória do partido e fazendo-os rastejar, quando o mesmo era derrubado pela oposição. Afora outros complementos: desfeitas, xingamentos, desaforos que aniquilavam de vez a personalidade de quem dependia dos cofres públicos para sobreviver. O que talvez ainda ocorra hoje, em todo o Brasil, nos Estados de menor projeção política. Aliás, até hoje, política é isto mesmo. Antes e depois do voto secreto, como de certa feita afirmamos ao Presidente Dutra, na cidade do Rio de Janeiro.

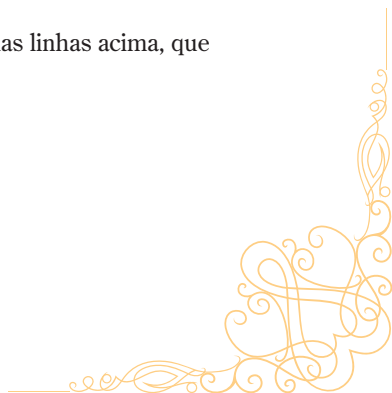
Sendo recebidos por ele, a fim de solicitar-lhe a assinatura num livro de ouro, ouvimos desencadear uma catadupa de queixas, admoestações, porque, quando da visita desta alta autoridade à sua terra natal, pessoas não simpatizantes do seu partido, em sinal de luto, cerraram as janelas e portas da casa, como se guarda nojo. O Presidente se ofendeu e lastimou o

atraso em que ainda vivia o seu torrão natal. Rebatemos com a situação do Nordeste em que as divergências políticas terminavam em tocaias, fazendo correr sangue em acidentes, muitas vezes fatais. Aqui, os fatos se atenuavam com as demissões de quem estava de *debaixo*.

Houve, entretanto, uma exceção, que até hoje ninguém cogitou de explicar. Subia Papudo, descia Perrengue, ou vice-versa, ninguém derrubava Sinhara da cadeira do Bambá. Muito pelo contrário, ela chegou até a diretoria e, mais tarde, virou chefe político da região. Sinhara era uma morena fortona, roliça, e bonitona, casada com Joaquim Nambu, de apelido, e de Goiás de nome. Enquanto o nome verdadeiro de Sinhara era bonito e soava bem. Mas o apelido o enterrou para sempre: Walkíria Moraes (do pai) de Góis⁴⁵ (do esposo). Nome inútil, sopitado pela alcunha muito em voga, na época: Sinhara.

Quando menina, frequentou uma escolinha naquele sítio. Na cidade, cursou o primeiro ano da Escola Normal, saindo para casar. Sinhara não era, entretanto, mulher de forno e fogão; tomou gostinho pelas letras, devorou todos os livros que havia no sítio

45 Conforme a edição de 1981. Menciona-se, algumas linhas acima, que o sobrenome do marido seria “Goiás”.



e estava sempre adquirindo novos. Não fazia distinção de temas ou de estilo; lia tudo ansiosamente. Em casa a mãe a recriminava de empregar as horas de folga, em vez de rebuscar camisas do marido para pregar botões, ou pés de meia para remendar, a ler páginas e páginas recostada na cadeira de balanço, no alpendre da casa, onde havia profusão de luz.

Afilhada do Coronel Gusmão e frequentadora da casa onde, em solteira, tudo era pretexto para ir passar semana, gostava das conversas políticas do Coronel, que, em sua intimidade, se expandia, derrubava, enaltecia os figurões políticos da época. Estes papos sempre a interessaram, mais que ouvir os intermináveis flertes de Physinha, quando esta vinha de férias.

Depois de casada, a coisa mudou, mas nem tanto. E foi numa destas dissertações sigilosas que o Coronel aventou a nomeação de Sinhara para a Escola Isolada do Bambá.

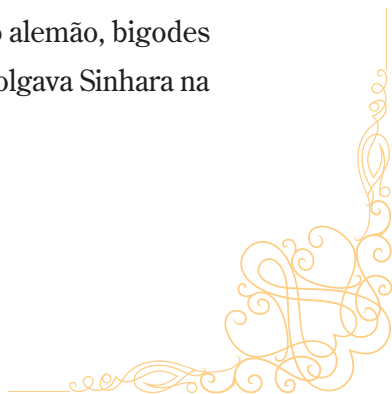
Joaquim Nambu se espantou com a rapidez com que a mulher, sem esperar o seu assentimento, deu resposta muito naturalmente, aceitando o cargo, sem tempo de ouvir-lhe a opinião. Foi grande a efusão da nova professora, acatada por todos, que, assim de supetão, derrotava a candidata do vizinho confronte, também proprietário de cabeças de reses e muares, na mesma região. Quase num acaso houve início a mais rixenta e disputada causa política do Estado.

Não pensem que discutiam a eficiência da professora, mal e mal formada, nem os destinos da Escola, regida por uma professora leiga, nem dos benefícios ou malefícios que poderia trazer às crianças da redondeza.

Ninguém cogitava de nada, apenas se o candidato era Perrengue ou Papudo, isto é, se a força do Coronel Pedro Celestino a mantinha ou se o Senador Azeredo a derrubaria. Nada disso. Sinhara resistia incólume, no topo de sua cátedra, aos vendavais políticos. Até já se habituara com a substituição dos retratos que eram dois e se revezavam no paiol de arroz. Quando o Coronel Pedro Celestino estava em evidência, lá vinha a sua figura franzina, mas retratando um homem de acurado tirocínio, se sustentar em lugar de destaque na escolinha, onde lhe eram tecidos os melhores encômios e mais rasgados ditirambos de louvor.

Ao subir o partido do Azeredo, o outro chefe ia célebre para o paiol, apagando-se temporariamente do cenário político do Bambá, e sua figura esguia de pernas longas, que se enrolavam em sacarrolhas, e mais enroscadinhas ficavam, aguardando por um quadriênio todo, talvez, o seu revezamento do paiol.

Saía então para fora o Senador Azeredo e ia-se dependurar no lugar do outro. Era este uma figura decorativa, com a sua cabeleira branca e basta, como a de um músico alemão, bigodes fartos e o indefectível cravo na lapela. Isto empolgava Sinhara na



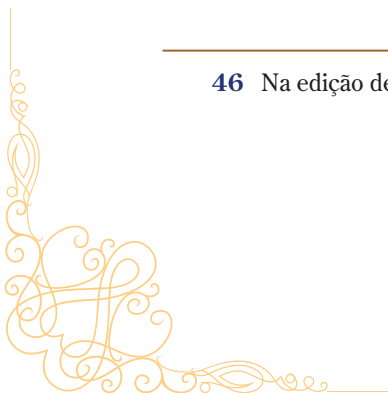
hora de deitar o verbo, nas datas cívicas, que a professora não deixava por menos, isto é, de comemorar, num belo pretexto para cerrar as portas da escola mais cedo.

O Senador talvez nunca sonhasse que existiu no mundo uma escolinha, onde ele foi tão decantado e elogiado, como nunca o fora talvez no Senado, onde mourejava. E onde todos os acontecimentos históricos foram condignamente festejados e devidamente guardados, cultivando-se o lazer em suas memórias. Batalha de Tuiuti, do Riachuelo, Canudos, do Tamandaré, do Cerro Corá e outras mais que pontilhavam na história pátria. Todos iam para casa mais cedo após a distribuição de pequenos cartões azuis de “Honra ao Mérito”, distribuídos na *Escala de Esforço*. Enfim, era uma escola festiva, que não se descuidava dos deveres de civismo.

Certa vez a cátedra de Sinhara periclitou. Quase ruiu⁴⁶ águas abaixo. Por ocasião da *Caetanada*, movimento que destituiu o Presidente, vindo a substituí-lo uma intervenção federal.

Desta vez, todos concordaram: *Sinhara cai!* Além de aparentada com a família do General deposto, toda a região quase pertencia a parentes deste. O movimento se originou verdadei-

46 Na edição de 1981 está “riu”, o que consideramos erro tipográfico.

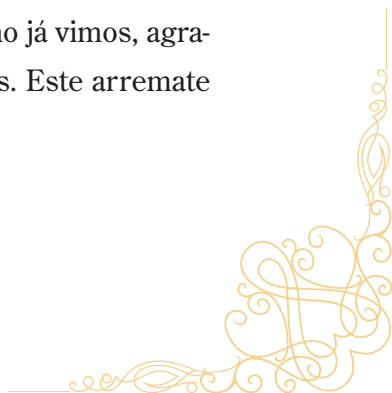


ramente, em virtude do novo Presidente se negar a exonerar os funcionários públicos, adversários do Partido Republicano Conservador, que realmente o elegera. E, dentre os nomes na lista, encabeçava-os o de Walkíria Moraes de Góis. Pode-se dizer mesmo ter ela sido o pivô da Caetanada, pois o movimento era dirigido contra o General Caetano Manoel da Faria Albuquerque. Por essa atitude do Presidente, movida pelo seu coração magnânimo, os deputados federais Aníbal Benício de Toledo, Oscar da Costa Marques, ainda o Cel. Alfredo Mavignier e o Cel. Antônio Manuel Moreira iniciaram um movimento de oposição, que culminou com a renúncia do General e a nomeação de um Interventor Federal para Mato Grosso a 10 de janeiro de 1917.

Qual não foi o espanto de todos, logo ao almoço de cordialidade, ao Interventor Camilo Soares, que foi nas terras do Bambá, quando viram saudando-o a gentil professora — Walkíria Moraes de Góis. Certo é que, já pelo fim da ágape, o chefe de Estado elogiava gentilmente as compotas apresentadas por D. Sinhara.

O Dr. Floriano de Lemos, médico, que viera na comitiva, teceu-lhe, em primorosos versos, elogios aos quitutes, que naturalmente nem tinham sido feitos por ela, mas pela velha cozinheira do sítio.

Sinhara, que era mais dada às letras, como já vimos, agradeceu-lhe com bonitas palavras improvisadas. Este arremate



serviu para solidificar mais o seu cargo, que ninguém nunca jamais conseguiu arrebatá-lo. Na verdade, a ilustre senhora estava cada vez mais bonita e cheia de encantos. A idade nada lhe roubava. Ia acrescentando graças mil: mais brejeiros, desembaraço e perfeição. Além do mais, era simpática e salvava (cumprimentava) todo mundo.

Nas campanhas partidárias subsequentes, quantas vezes o Senador Vilas Boas transferia os elogios políticos para os enaltecimentos aos encantos de Sinhara, confundindo eficiência da arregimentação do eleitorado com os donaires da eleitora-mor. O que era muito bem merecido, porque ninguém a batia em morenice, mais fornida de busto saliente e pródigo, o colo, um verdadeiro “ninho de anjos”, como o pintou o poeta caravana de D. Aquino, em andanças no Bambá. Enfim, para rivalizar com Sinhara, só a Baitarra do Bahu, morena linda e brejeira, que botava banca em Cuiabá. Vestia-se comumente de lilás e usava sapatos brancos.

É de se estranhar que ninguém aludia a Joaquim Nambu, o digno consorte. Acontece que, para esconder o apelido que adquirira por um balanço de traseira, ao pular a cerca de um vizinho para lhe abocanhar a filha, em ato clandestino, ficou-lhe uma lesão que dava a impressão de lhe terem podado um apêndice anal. Ficou de bunda xoxa. Isto serviu para granjear a alcunha de Nambu, ou cachorro sem rabo.

Longe de ser considerado um corno manso, dada a patente honestidade de Sinhara, cujos únicos deslizes não iam além dos lampejos de felicidade com que os seus olhos vaidosos retribuía*m* os elogios atribuídos a sua pessoa. É que Joaquim Nambu logo se conformou com o apagamento de sua pessoa. Foi-se tornando cada vez mais metido na sua desimportância, que o chefe político local se tornou mesmo D. Sinhara. Decidida, despachada, usufruindo cada vez mais de maior prestígio, deixou de vez o marido na sombra.

Mas o que ela não dizia e todos ignoravam é que àquele poderio todo quem dava força era o padrinho, o Coronel Gusmão. Nem tanto sua pessoa, como pela boca da Força Pública, que ele vestia e nutria. Para aguentar com os atrasos de pagamento que iam de seis meses a um ano, só o Coronel Gusmão que possuía surrão de ouro, como diziam à boca pequena.





COMADRES

Não venho falar do tipo de comadre que leva o afilhado a receber, na igreja, o sacramento do batismo. Com cortejo dos amigos e parentes, às vezes, uma banda de música para alegrar e o espiçamento do ato cristão num lauto almoço, regado a leitões e compotas de fruta da estação.

Recuando um pouco, encontramos a madrinha de carregar, envolvendo o afilhado em toalha de linho com bicos de crochê, tão compenetrada e tão comadre quanto a verdadeira.

Também não se trata do compadresco entre pais e filhos: a filha mais velha quase sempre batizava um dos irmãos, ou era um irmão que servia de padrinho ao mano caçula. Costume este muito cuiabano.

Existia comadre de São João, quando pulavam fogueiras de mãos dadas, num pacto de amizade. Comadre de bonecas, com um dos rapazes vestidos de padre, mas o ato levado a sério ao longo da existência.

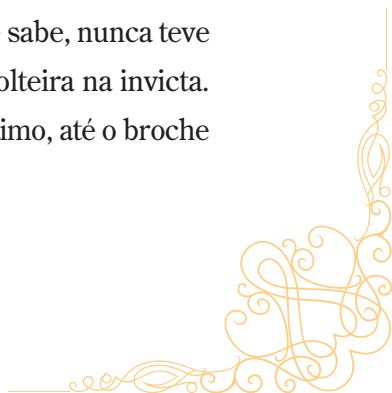
Há mais o caso, quando duas pessoas falam juntas a mesma palavra, por coincidência, elas se dizem: “Olá, comadre!”

Ainda há os que se tornam padrinhos de casamento e consi-

deram-se compadres dos pais dos nubentes. Falamos aqui dos compadres e, sobretudo, comadres, que se apossam do título como de um cargo vitalício e, por certa metonímia social, os seus títulos absorvem ou agregam-se-lhes aos nomes, se estendendo a todo o núcleo comunitário, como se diz hoje. Assim, comadre Bebé era conhecida na família dos compadres propriamente ditos, na quadra, na redondeza, abrangendo dois a três distritos, dependendo dos conhecidos dos amigos.

Na casa do afilhado era recebida e acatada como tal, tornando-se a comadre da casa. Além da escolha do nome do afilhado, participava dos segredos da família e dava palpites certos ou errados, conforme o grau de sua capacidade, nas situações críticas ou alvissareiras da família. Só que, em casa do casal Gusmão, ninguém ousava dar opiniões; todos diziam apenas amém.

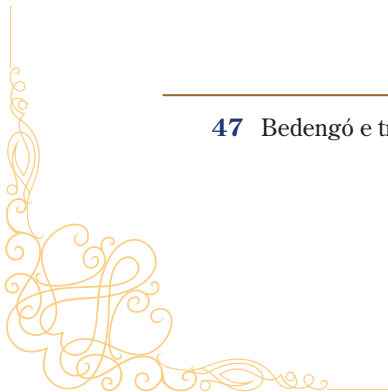
Assim procedia o rosário de comadres autênticas ou não: comadre Joana tinha mãos pesadas de lavadeira, ao falar, gesticulava deixando vermelhos os braços do interlocutor. Comadre Emília vivia chorando o falecido esposo, que morrera há quarenta anos. Comadre Tchá Bela, que beleza só de nome; parece que tinha feito pacto com a feiura. Comadre Lolinha conversava, conversava, dava uma facadinha; vivia sempre precisada. Comadre Chachão (deturpação de Conceição), ao que se sabe, nunca teve um afilhado nem botou filho no mundo, era solteira na invicta. Comadre Dona tudo o que via pedia de empréstimo, até o broche



de ouro esmaltado de D. Teteia, com esfinge desta. Aproximou-se do calor de fogo, o broche estourou e se partiu. Comadre Ana Bé, magrinha, seca, muito escrupulosa, passava suas necessidades sem jamais incomodar quem quer que seja. Comadre Candinha ia à missa todo santo dia e na volta dava uma passadinha para pôr D. Teteia ao corrente do que se sucedia no bairro: facadas entre embarcadistas, bate-boca de vizinhos por causa de crianças, morte de anjinho, desmancho de noivado, o menino que se queimou e estava na folha da bananeira, implicância de sogra, furto de empregada, as fintas na vendinha do marido, a esnobação da filha de mãe solteira que se mudara para o Beco Quente. Enfim, era o jornal do dia em matéria de novidades.

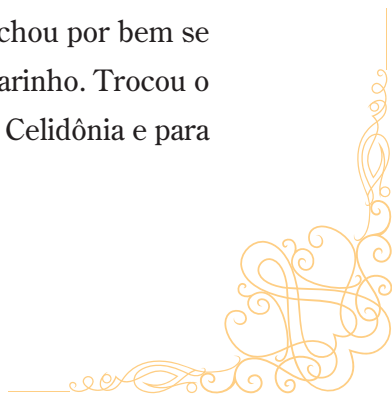
A mais célebre de todas era a comadre Celidônia; ela e o compadre Chiquinho eram frequentadores assíduos da casa do Coronel Gusmão. Era um casal que não perdia nada. Muito atenciosos, por isso desfrutavam de um vasto círculo de relações, nesta cidade. Era um nascimento, uma *délivrance*, um caso de doença grave, ou passagem de uma festiva, ou fatídica, lá estava o casal presente para o que desse ou viesse. Ela com o indefectível coque encimado por um bedengó, ao lado, um trepa-moleque,⁴⁷ resquício do sanguinho espanhol.

47 Bedengó e trepa-moleque são adornos usados em penteados.



Não sei se esta senhora já debutou nestas páginas, pois estes escritos só estão vindo a lume agora, por falta de inspiração ou de outro qualquer obstáculo. O que sei dizer é que Celi, em solteira, era encantadora e prendada. O Coronel a conheceu, quando vivia com os pais no Ladário, moça feita, mão de canto para uns quitutes gostosos. A prova é que passara lá em sua casa por dois motivos: fazer acertos de negócio com seus pais e esperar passar a chuvisqueira, pois estavam em trajes de festa, deveriam ele mais a esposa servir de padrinhos de casamento de uma afilhada, num sítio em frente desta localidade, onde eram esperados com verdadeiro banquete. O chuvisco engrossava e a comida cheirava tanto que acabaram aceitando fazer uma boca na carne ensopada com mandioca que lhes foi servida. Resultado: chegaram à casa de festa com o estômago tão forrado, que não puderam aceitar mais nada. Depois a graciosa Celi casou com o compadre Chiquinho, mancebo ambicioso que foi competir com negociantes fortes na corrida do guaraná e da borracha e se tornou tão forte quanto os outros. Foi aí que conheceu o Gusmão, que ainda não se havia tornado Coronel e, como este, teve argúcia suficiente para mudar de ramo de negócio, antes que látex empurrasse os incautos à bancarrota.

Ao se afastar da vida ativa do comércio, achou por bem se empertigar o dia todo de paletó, gravata e colarinho. Trocou o nome da mulher, que para uns era a comadre Celidônia e para



os íntimos Nhá Chili, chamando-a enfaticamente de Madame. Talvez, por *hobby*, como se diz atualmente, dedicou-se aos ditos e ditados. Era comum vê-lo dizer: “Não consinto que se confunda cinto com funda.” Sendo que ele próprio usava uma funda, pois adquiriu uma hérnia incomodativa e despropositada, que ele se esforçava por encobrir. Acho que, para compensar a elegância perdida, caprichava com a indumentária; sempre fora um homem de bom gosto e caprichoso no trajar.

O interessante é que, não tendo o que fazer, e sofrendo horivelmente de prisão de ventre, passava o dia indo ao banheiro, onde se esforçava em vão e, cada vez, ao passar pela mulher, dizia: “Madame, até agora nada!” Não é engraçado, deparar-se-lhe um cavalheiro engravatado para visitas pouco lisonjeiras como se esperasse um convidado de honra?

Então, não se dava o devido valor ao mamão, como um derivado eficiente às crises intestinais. O mamão não era fruta nobre, muito menos se encontrava mamão importado, como nos dias atuais. Onde já se ouviu falar em mamão amazonense? Era planta agreste, encontrada em qualquer arrombado, enleada de melão-de-são-caetano, ou de pé-de-bruxa. Ao contrário, se o compadre Chiquinho soubesse que ele é o máximo para soltar intestinos, acabaria com a sua passeata caseira. Mas, também, onde iria ele assim enfarpelado?

Por sua vez, comadre Celidônia tinha tudo de uma madame francesa. Traços de beleza ariana e um modo de falar gostoso, onde traía o seu espanhol paraguaio, que, não sendo o guarani, também estava longe de ser a língua de Cervantes. Mas a sua língua em si, que solta! que ferina! O pior é que ainda dizia: “Não é por falar, mas fulana...” e descambava na maledicência. Talvez uma das razões para que fossem o casal mais benquisto e frequentado. Quem não gosta de, pelo menos, ouvir as novidades da vida alheia?

O certo é que comadre Celidônia ou Nhá Chili viveu e morreu querida por todos. O milagre foi que as suas fofocas jamais causaram distúrbios entre as pessoas de sua estima. Ou porque estas lhe eram devotadas e fiéis à sua amizade, ou por se tratar de diz que diz que inconsequente. Também o compadre Chiquinho foi desta para melhor, até em odor de santidade. Sempre pronto a ajudar o próximo, nunca se negava à esmola pródiga, ou à ajuda eficiente. Não tendo filhos, o casal educou vários afilhados, custeando até o estudo de alguns, fora do Estado.





MENAGE À DEUX⁴⁸

O sábado e o domingo eram devotados ao lar. Gusmão e Teteia, desde as cinco horas da tarde, sentavam-se no caramanchão de jasmim, lado a lado. Ninguém mais tinha acesso àquele recinto, a não ser Venância com o cafezinho, em xícara de porcelana, e bolo frito, para quebrar o recolhimento de ambos. Ora o Coronel desfazia os nós do barbante que atava os maços de jornais atrasados que o filho lhe mandava do Rio, ora pigarreava ao inalar o fumo do seu palheiro. Tantos anos em Cuiabá, não se habituou com o cigarrinho de palha grosada com caramujo e fumo picado no cutelo. Como bom gaúcho, ele ainda sacava o caxiri, raspava com ele a palha para alisá-la, apenas, e picava mal e mal o fumo, que enrolava de qualquer jeito, formando o pitador. Como eram diferentes os cigarros do Major Firmo que D. Ritinha grosava até a palha ficar brilhante e o fumo era moído

48 Em francês, significa o relacionamento de duas pessoas que vivem juntas.

no cutelo. Para arremate, uma cinta de fio de palha, como fita na cintura. Enquanto D. Teteia fazia eternos casaquinhos de crochê, já para os filhos dos afilhados, o Coronel sabia resguardar a sua privacidade. Diferente dos outros moradores, que vinham se aboletar desde as quatro da tarde, na porta da rua. Ficava a calçada atravancada de cadeiras, que não se podia passar. Vinham crianças com os banquinhos e os brinquedos mais novos para fazerem inveja às outras crianças. Vinham bandejadas de café. Vinham vizinhos para aumentar a roda, cachorro, gato se aboletar por perto, virando a porta da rua idêntico *terceiro da frente* das casas de sítios e fazendas. As janelas escancaradas você enxergava da porta da rua à cozinha, de tão devassadas ficavam as residências familiares. E, quando as janelas eram altas, dava-se um pulo para alcançá-las.

Bons tempos... Bons tempos...

Mas o Coronel sempre foi partidário de casa fechada.

“Lar é lar”, dizia dogmático, como se estivesse repetindo uma citação bíblica. O caramanchão parecia mesmo um bucólico sagrado, quando florido, um templo em preparativos para esperar as Bodas de Caná.





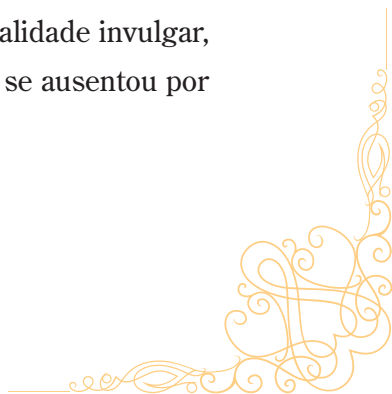
UM NOVO ADVENTO

Muitas águas rolaram com a partida de Physinha, ou melhor, com seu sumiço da elite ou do escol da nossa sociedade. Muitas moças bonitas destacáveis ou simplesmente imbuídas de uma personalidade forte, marcante, surgiram e submergiram em nosso meio. Carlinha Moreira, por exemplo, anjo bom, toda candura, que Nossa Senhora da Conceição resolveu levar para a sua corte celeste. Muito bonita, simpática e meiga, a querida professora do Senador Azeredo reinou no Porto, pelas maneiras simples e gentis com que acolhia a todos: jovens, crianças e velhos, que se aproximavam atraídos pela sua maneira de ser, tão cativante. Firmo Rodrigues, fazendo-lhe apologia, quando do seu falecimento, ainda jovem, com acerto chamou-a: “Um lírio aos pés do altar.” Não deixou substituta. Morena, bonita e desinibida, educada na capital do país, Donotila Bouret foi outra personalidade forte e cheia de atrativos, que virava a cabeça dos moços da terra, no seu tempo, muito caipiras para entreter quem desfrutara do convívio de grande centros.

A Cidade (o bairro do 1º Distrito) rebatia com Nina Leite,

porte elegante, desembaraçada, sabia recitar poesias e fazer discurso de improviso; parece ter sido a primeira funcionária federal concursada. Inseparável de Amalita, dona de belos olhos azuis, que impressionavam jovens inteligentes e certos tipos, como o Firmiano, que sempre perguntava, quando ela se mudou daqui: “Como vai Amalita? Olho dela ainda tá azur?” A sua beleza trouxe vários problemas, como a paixão tresloucada de um tipo desvairado, que a perseguia pelos muros e bueiros da casa, só para admirá-la furtivamente.

Odilza Ramos batia longe, nas sabatinas, seus colegas de Liceu. Era sempre a melhor. Vera Correia, uma beleza tranquila, Zaira Cunha, espirituosa e inteligente, como o pai. Nair Lima, os dedos de fada, num piano. Conceição Loureiro, os mais lindos cabelos que já apareceram, sem os recursos de hoje, caíam naturalmente ondulados e sedosos, cor de verniz estranho, com reflexos dourados. E a sempre lembrada Sílvia. Se então já estivesse descoberta a palavra *it*, todos saberiam o que é, pois a Sílvia Gurgel o esbanjava. Era beleza e graça misturadas, na dose exata da simpatia. Coitadas das modistas. Davam tratos à bola para vesti-la à Jean Patou e ter os seus modelos copiados e invejados. Todas estas jovens, embora nascidas e vividas em ambiente acanhado, eram dotadas de personalidade invulgar, para deixar em esquecimento Physinha, que se ausentou por

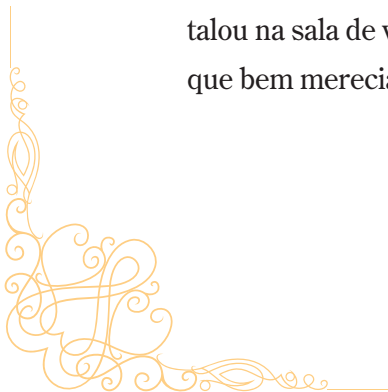


muitos anos. Fora isto, a própria evolução da vida trouxe outros afazeres e ocupações, relegando ou restringindo o lazer das fofocas e recordações, que não davam azo a trazer à tona a pessoa de Physinha.

Os refrigerantes, por exemplo, entraram de supetão, feito quadrilha de bandidos. Trancafiaram de vez, nas prateleiras caseiras, os saborosos capilés de ananás, de cajus, de jaboticaba e se tornaram logo figuras de proa. Tanto que o netinho de D. Jandira, ao tomar conhecimento dos preparativos do seu aniversário, recomendou-lhe: “Vovó, não me deixe passar o vexame do ano passado; a senhora me apareceu com refrescos de groselha e de flor de laranja; agora só se usam refrigerantes, note bem!”

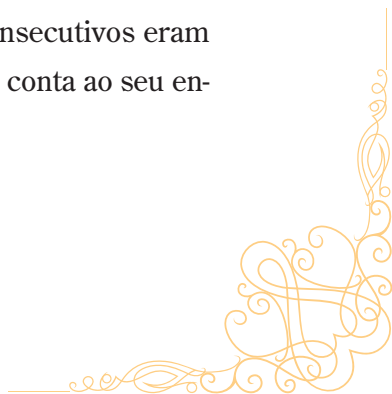
Veio e proliferou o *radinho de pilha*. Após a vitrola, que substituiu o piano nos bailes de família. Era só sintonizar na última altitude e o quarteirão inteiro ficava sabendo onde havia festa. O radinho de pilha, após os Irmãos Leme, foi o mais destemido bandeirante a penetrar por selvas nunca dantes devassadas. Veio com força total, modificando o nosso rasqueado, a nossa música regional, que se impregnaram de motivações da Rádio Record e da Rádio Nacional.

Outra senhora respeitável, matrona, que apareceu e se instalou na sala de visitas foi a *Geladeira*. Também custava tão caro que bem merecia uma entronização condigna. Fossem dizer que



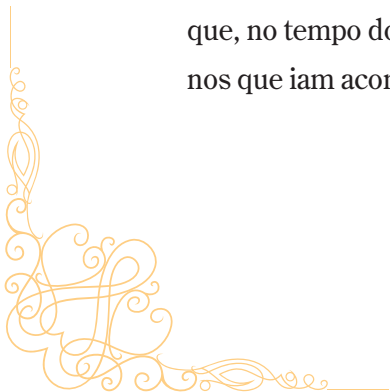
lugar de geladeira era na cozinha, você ouviria uma dissertação, que, em resumo, era a seguinte: “Cozinha, sim, dos Estados Unidos, onde impera o asseio e tudo se resolvia num apertar de botões. Nas cozinhas fumarentas de fogão de material, raro um fogão de ferro, o melhor era mesmo situá-la entre o sofá e as almofadas da sala de visitas.” Houve até aquele doutor que, além de colocar este traste na sala de visitas, postou-a em frente à porta da rua, quando esta ainda podia permanecer sempre escancarada. Um aparte sobre esta jovem senhora: acho que a geladeira nasceu com nobre *pedigree*, pois até hoje ela, duplicada, se instala uma na cozinha, outra no quarto do casal. É o que se constata atualmente. Conheço várias pessoas que guardam as suas guloseimas ou dietas dos filhos num segundo refrigerador instalado na intimidade de seus camarins e ao resguardo de eventuais furtos. A vida cara e tanta coisa sumindo misteriosamente do seu bojo, o melhor é guardá-la na alcova.

A troca de lambe-lambe, pelo *flash*, se deu no governo do Dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo, quando aportaram os primeiros fotógrafos a usar este sistema de tirar retrato. Isso nos gravou a Ninita, que, ao chegar à beira do rio, para receber a aeronave presidencial, um modesto hidroavião, convidou as amigas a dar no pé imediatamente. Muitos relâmpagos consecutivos eram sinal de chuva, na certa. Só mais tarde se deu conta ao seu en-



gano, ao se familiarizar com o novo processo de fotografar. Para ela não passava de relâmpagos, no duro, o clarão instantâneo que antecedia o ato de bater a chapa. Assim se modificava a vida cotidiana desta capital, com um certo retardamento, dentro do seu contexto.

A caneta esferográfica, acessível a todos os bolsos, veio tirar um pesadelo aos colegas, que se livraram dos perigosos vidros de tinta e da inveja das custosas canetas-tinteiro, Parker, privilégio de uns poucos abonados. Até a rede, a alma das mansões cuiabanas, porque não havia casa sem, pelo menos um armador em cada quarto. Havia alcovas com três a quatro armadores, nos cantos ou em diagonal, de acordo com a necessidade de cada um. Aos poucos, sem se pressentir, o divã de estofado de couro, tecido ou de oleado e as respectivas poltronas foram substituindo não apenas a mobília de palhinha como a rede. O que é pena, com tantas mansões bonitas surgindo hoje, até em meio ao matagal; seriam bairristas e estariam valorizando um produto nosso, original, se construíssem outros tantos varandões, para serem entrelaçados de redes. Mas é lastimável a nossa queda para imitações e para cópias importadas. Até o próprio ato da mudança se deteriorou em coisa prosaica e rápida. A *andorinha*, que, no tempo do Coronel, provocava curiosidade entre os meninos que iam acompanhando e dando palpites aos quatro homens



que sustentavam a trambolhada toda, para manter os pesados móveis em cima, de madeira mais adequada para carregá-los, também poeirou.

“Segura daqui!” “Tá penso dali!” “Sustenta deste lado.” “Arqueia do outro!” Era a grita da criançada, que transformava o ato da mudança em festa de equilibrismo. Depois a casa vazia, invadia o grupo a procurar o que não guardou, e sempre achava uma sucata para os seus brinquedos.

Lembro-me de que um primo chegou da rua arrastando um pedaço de fogão de ferro. Aquilo virou logo, na realidade infantil, uma locomotiva imaginária, o que, aliás, eles só conheciam de gravuras.

Mas... retornemos à nossa heroína.





O SEGUNDO CASAMENTO

O Coronel estaria por muito tempo dando cartas aqui nesta cidade, se a Physinha não tivesse resolvido, quase extemporaneamente, dar uma guinada na sua vida.

Como sabemos, a madrinha poupou-a dos comentários pouco lisonjeiros, dos seus conterrâneos, a respeito do seu fracassado casamento e, depois, sobre a sua conduta, sobejamente desenvolta, para a época, levando-a para o Rio e, de lá, para longos passeios ao Velho Mundo, já se recuperando da primeira Grande Guerra. Pelas cartas da moça, até parecia que os europeus queriam esquecer o mais rápido possível os amargos dias das linhas: Siegfried e Maginot.

Embalada em divagações de todo tipo, ora nas águas turquesas do Mediterrâneo, ora se cansando nas ruínas do Capitólio, se engolfando nas compras da Rue Saint Honoré, ou se exibindo nos Prados de Longchamps, mesmo nos teatros e Cafés-concertos da embruscada Londres, Physinha foi metamorfoseando-se numa elegância *farinée*, que o estágio direto nesse ambiente novo e requintado, mais o dinheiro farto, para pagar o luxo, lhe permitia.

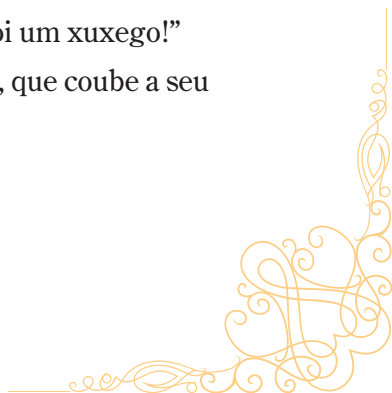
Isto, como dizemos agora, lhe conferiu *status* para, ao regressar, pisar com segurança os salões da Madame Santos Lobo, onde viria a ofuscar as belezas cariocas desse tempo.

Foi num chá beneficente, em casa da sobrinha de Joaquim Murtinho, a Laurinda, protetora de artistas e detentora do salão mais badalado do Rio, que Physinha, afinal, encontrou o homem dos seus sonhos. Jovem, bonito, educado e bem posto na vida, Victor Nogales Ortiz era proprietário de estância, onde sua criação de cavalos era conhecida até no Velho Continente. A sua fazenda de gado alimentava a sua indústria de carnes, a única a se salvar do colapso, no ano de 1930, que levou à bancarrota criadores antigos e fortes do Uruguai.

Physinha, como dissemos, estava na plenitude de sua beleza e *glamour*, tanto que, à chegada do Rei Alberto, neste país, o primeiro nome cogitado para lhe fazer sala, isto é, companhia, durante a sua estada, foi o dela. Só não se concretizando, porque já estava de aliança no dedo e o noivo era ciumento.

O casamento se deu sem pompas, por sugestão de ambos e para a decepção de *tout le grand monde* carioca e mesmo paulista, frequentadores dos salões de Madame Santos Lobo. O Azeredo foi um dos que lastimou, pois queria ver brilhar a conterrânea. Já o Dutra, comodista, retrucou: “Foi um xuxego!”

Physinha se instalou no palacete da família, que coube a seu



marido, na herança, já que era filho único, no coração da elite financeira do país, bem no centro do bairro Carrasco. Com estradas espaçadas nas estâncias e muito raras na fazenda, foi nesse bairro chique que Marphysa se despojou de todos os *peagás* e *ipsilones*, como dizia sua falante madrinha de crisma e tia Teresa. O marido também implicou com o nome, nada eufônico para a pronúncia espanhola, e começou a chamá-la carinhosamente de Consuelito, nome que se estendeu pelo bairro (alto bairro de luxo), em sociedade e posteriormente até em documentos. Foi esta a época áurea de D. Consuelo, que se fez amar em terra estranha, sentindo-a tão sua, pelo afeto em que foi acolhida no meio social portenho. Aí, ela teve a alegria de criar os seus filhos, encaminhá-los na vida, casando-os e legando-lhes a fortuna sólida, que o marido soube multiplicar.





MUDANÇA

Quando o Coronel se mudou, já estava dado como se mudado. Com a fixação da filha nos meios pampeiros, amiudaram-se as visitas ao Rio e ao Sul. No começo, pela saúde de D. Teteia, que começou a se degradingolar; ora uma dor reumática, ora enxaqueca, ou um afogamento no rosto, ora a pressão que subia ou descia, coisas de mulher que começa a envelhecer. Iam, passavam uma temporada, quando a gente ia-se acostumando com a ausência deles, eis que já estavam de volta. Assim, quando resolveram ficar definitivamente, ninguém mais deu por falta. Isto é, não entre os amigos mais íntimos, aos quais sem lance de despedidas, com saudades e lamúrias não admitiam a partida. Seria preciso promessas de visitas, cartões postais, cartas, e outras coisas chatas, aliás, numa partida. Mas sem isto não provariam os seus sentimentos.

“Sem ais nem quais, lá se foram os tais.” Ditos como sempre pela Teresa, a mais tia, a mais parenta de todas. Ela comentava, intrometia, mas sempre foi a amiga certa da família do Coronel. Instalaram-se primeiro no Rio, onde os amigos e a beleza da Gua-

nabara faziam arrefecer as saudades da filha. Já que os filhos, sempre ausentes, depois de moços, ou mesmo em garotos, não esquentavam a casa. “A casa não cai na cabeça deles”, como repetia Damiana, não chegava a dar aquela ausência sofrida, como a da filha.

O início das idas e vindas foram os achaques de D. Teteia, como vimos. Tão sadia de moça solteira, ao chegar à idade crítica apareceram os calafrios, ou onda de suor quente se alterando, uma falta de ar, sem motivos, pulsação acelerada, mal⁴⁹ do corpo que mexia. O Coronel tinha suas desconfianças de alguma barbearagem das parteiras, que, embora fossem práticas, exerciam o ofício só de orelha. Nem o Chernoviz⁵⁰ elas liam, por que de letras? Necas de pitibiribas!... Vez por outra apareciam com chá para supitação, corredeira no corpo, dor no peito que respondia nas costas. Isto deveria ser arca caída. Para tal, Nhá Tuca tirava medida do dedinho ao cotovelo da paciente. Essa mesma medida colocava de ombro a ombro da mesma pessoa, pois as medidas deveriam coincidir: a do dedinho ao cotovelo

49 Na edição de 1981 está “mae”. Entendemos que houve erro tipográfico.

50 Pedro Luiz Napoleão Chernoviz (nascido Piotr Czerniewicz, 1812-1881) foi um médico, acadêmico e editor polonês que fez carreira no Brasil, publicando manuais de medicina acessíveis a leigos.

com a do ombro a ombro. Se houvesse diferença, a arca estava caída. Dobra-se então a medida que se coloca ao redor da boca do estômago, e constata-se a diferença. Então com três dias de reza a arca volta ao lugar, o que se reconhece, tirando as medidas pela maneira acima citada.

Mas, quando os sintomas da menopausa se agravaram, se amiudaram as idas à procura do Dr. Miguel Couto, o cobra da medicina. Depois de ficarem por um tempo como navete, resolveram arranchar no Rio, ou propriamente em Petrópolis, num chalé arrendado por temporada, descendo para o bairro das Laranjeiras, onde adquirira morada de casa, quando o clima se amenizava. Aos poucos foram recuando para o Sul, fugindo do inverno, que já estavam aclimatados com o calor de Mato Grosso. Mal os ventos gélidos, resquícios do Minuano, bandeavam para outros horizontes, ei-los de volta para ficarem bem próximos da filha.





A VOLTA

Dizem que certos pássaros, pressentindo o término de suas vidas, correm ou voam para a terra de origem, onde viram a primeira luz do dia. Este pressentimento teria movido Physinha, hoje Consuelo, a largar tudo, filhos, netos, convívio de amigos, conforto de um palacete de doze quartos, dois vastos salões, jardins e piscina, para se instalar no meio do mato aqui em Cuiabá, numa casa nova e de relativo conforto, mas um casebre, em comparação com a sua morada de casa do bairro grã-fino do Carrasco.

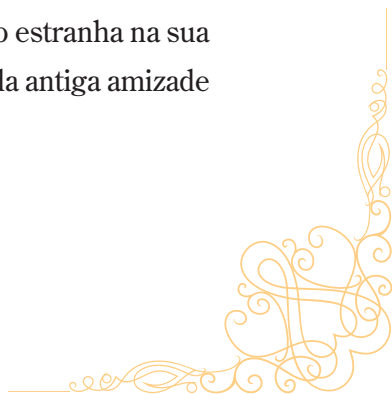
Parecia que algo a estava chamando. Não era só as cartas do Nhoca, tecendo maravilhas em torno do desenvolvimento da cidade cheia de mansões lá na Lixeira, na Goiabeira, no Cai-Cai, onde antes era só mato e cobra. Ela não tinha nenhum interesse financeiro, para vir para cá. Os filhos e genros não iriam fazer novos investimentos nestas lonjuras, já que prosperavam lá mesmo em Montevideú, onde as suas indústrias iam de vento em popa. Ligação de amizade com o irmão não era assim tão afetiva, porque este não tinha grande amizade a ninguém. Era egoísta e pão-duro. Acho mesmo que a iniciação deste em amiudar as

cartas da irmã era mais pra fazer pique, porque eram só elogios ao progresso espontâneo da terrinha, que sempre dormira em berço esplêndido.

Das famílias do Porto, suas conhecidas, quase não restava ninguém. Gente de Neco Moreira, só Tugi, morando em Corumbá. De Curvo Irmão, foi-se por último Sinjão, ficando apenas D. Xexé, morando no Rio. As alegres moças do Saliés, mormente Chinoca, Picucha e Nenê, foram-se para São Paulo. A moçada do Frederico Pedro se mandou. Do Batistinha, também emigraram da Rua Quinze a Esther e a Rosinha. D. Relinda e D. Alexandrina de há muito participam do banquete dos anjos do céu. Assim Physinha, ou melhor, Consuelo encontrou completamente modificada a fisionomia da rua onde morou.

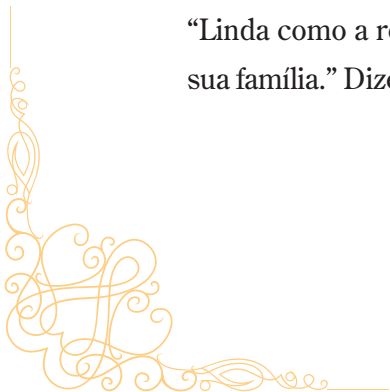
Dizem que ela veio por uma temporada. Mas trouxe tanta bagagem e serviçais, falando uma língua estranha, esquisita, que atordoava os “verduleiros” que ousam aparecer com as suas carrocinhas entre as residências escondidas no mataréu. Se bem que logo o governo arrua o bairro e passa água, luz e asfalto. Não faz como antigamente, que cada trecho de rua calçado a paralelepípedo era inaugurado com discurso, banda de música e bandeirolas. Vinha o povo, acompanhando, ver cortar a fita.

D. Consuelo chegou de estrangeira e como estranha na sua própria terra natal. Um ou outro sobrevivente da antiga amizade



a procurou. De resto só os amigos de Nhoca e gente do Paraná, que a conheceu no Uruguai. Gente nova, amizades novas. As irmãs Nhazinha, Rola e Idalina, que a visitaram, acharam-na apática e desinteressada, nem sombra daquela moça ataviada e brejeira de antigamente. Estava meio desleixada até. De um pé de verso, outro de cantiga, a saia de cós de maneira aberta e uma bata de crochê. Tudo muito fora da moda. O português meio espanholado confundia as irmãs do Mansinho. Nesse papo que não vai nem vem, passou-se a tarde e ninguém ficou sabendo dos motivos da volta de Consuelo. Pois todos a tratavam assim, como uma morocha oriental. Acho que nem ela mesma percebeu os desígnios da Providência. Com alguns meses de estada, estranhando muito o calor e a poeira, ela pegou um resfriado que degenerou numa pneumonia dupla. Creio que nem deu tempo de chamarem os filhos. Os que vieram não mais a encontraram com vida. Foi mal fulminante. Os doutores Clóvis e Zelito fizeram o impossível até. Mas nada conseguiram. Ela se foi desta para melhor, em casa mesmo, teimando para que não a internassem.

Hoje, quem se dirige à esquerda do portão do Cemitério da Piedade, bem no meio da quadra, num mausoléu discreto, mas de material de fina qualidade, lê numa placa estes dizeres: “Linda como a rosa, mas eterna como o bronze, no coração de sua família.” Dizeres apenas, porque nem todos se deram ao tra-



balho de vir até aqui. Um dos filhos estava longe, em vilegiatura pelas Ilhas Gregas; um neto tinha compromisso de torneio na Hípica, na Argentina. Outro, recém-casado, desfrutava lua-de-mel nas Bahamas. A filha mais nova acompanhava as crianças na Disneylândia.

Sinal dos tempos... Sinal dos tempos...



Marphysa, de Maria Benedita Deschamps Rodrigues, foi projetado e composto pelo Serviço de Formatação e Programação Visual do Senado Federal, com livre inspiração no movimento Art Nouveau, que esteve em voga dos anos 1890 aos 1920.

A fonte dos textos é a Century Old Style, corpo 11, publicada em 1986 pela Adobe Systems. É um revival da Century Oldstyle, desenhada originalmente por Morris Fuller Benton e publicada pela American Type Founders em 1909.

A fonte dos títulos é a Millenia, corpo 18, lançada em 2017 pela foundry CorgiAstronaut, de São Paulo.

Ilustração da capa: © standa_art – stock.adobe.com

O livro foi impresso em papel pólen 80g/m² nas oficinas da Secretaria de Editoração e Publicações do Senado Federal, em Brasília. Acabou-se de imprimir em janeiro de 2022.

Secretaria de Editoração
e Publicações





MARPHYSA

Desertão de sertão... de Ser-tão. Caminhar por estas narrativas é como que madrugar no sertão, os olhos enchem-se diante da vastidão verdejante da experiência.

Na esteira da vida sertaneja, as narrativas seguem rumos muito além do poente, do rio Paraguai, da serra da Chapada, e a experiência do sertanejo, assim como o rio que escorre entre buritizais, segue rumo ao sol. Na miudeza do cotidiano contrasta-se a vastidão do mundo, a exuberância de um sertão feito de chapada, morro, várzea, ranchos e redes.

Não é a narrativa da viagem, mas é a da errância, por trabalho provisório e por amor impossível. São, pois, narrativas costuradas pela memória, num esforço em evitar o esquecimento de um tempo, de uma certa forma de viver. São igualmente nostálgicas. São narrativas da dor não apenas por imprimir o passado, mas por encadear nele, e a partir dele, um lugar da promessa, da espera, do desejo. Há um sentimento de pura raiz poética, intuitiva do mundo, da vida e dos seus valores. Em cada pormenor (do personagem, do conjunto da experiência) aloja-se um sentido pleno da vida.

Prof.^a Dra. Walnice Vitalva



**BAIXE GRATUITAMENTE
ESTE LIVRO EM SEU CELULAR**

**SENADO
FEDERAL**

